

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

RAIANI SENA NEVES

ASPECTUALIDADE DA MICROCONSTRUÇÃO [IR_{aux}V_p] NA FALA GOIANA

GOIÁS
2024

RAIANI SENA NEVES

ASPECTUALIDADE DA MICROCONSTRUÇÃO [IR_{aux}V_p] NA FALA GOIANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Agameton Ramsés Justino (UEG/POSLLI)

GOIÁS
2024



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo: Raiani Sena Neves

E-mail: raianisena@gmail.com

Dados do trabalho

Título: “Aspectualidade da microconstrução [IR_{aux}V_p] na fala goiana”

Tipo:

Tese

Dissertação

Curso/Programa: Mestrado Acadêmico em Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI

Concorda com a liberação documento

SIM

NÃO

¹ Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Goiás-GO, 11 de abril de 2024

gov.br Documento assinado digitalmente
RAIANI SENA NEVES
Data: 18/04/2024 08:33:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura autor(a)

gov.br Documento assinado digitalmente
AGAMETON RAMSES JUSTINO
Data: 16/04/2024 17:37:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

N518a Neves, Raiani Sena.

Aspectualidade da microconstrução [IR_{aux}V_p] na fala goiana [manuscrito] / Raiani Sena Neves. – Goiás, GO, 2024.

140 f. ; il.

Orientador: Prof. Dr. Agameton Ramsés Justino.

Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2024.

1. Gramática de construções. 1.1. Predicação. 1.2. Microconstrução [IR_{aux}V_p]. 2. Linguística cognitiva. 2.1. Fala goiana - aspecto. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 811.134.3'36

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971



Universidade
Estadual de Goiás



ESTADO DE GOIÁS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - UEG
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - GOIÁS

ATA DE EXAME DE DEFESA 07/2024

Aos vinte e sete dias do mês de Março de dois mil e vinte e quatro às catorze horas, realizou-se o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Raiani Sena Neves intitulado "ASPECTUALIDADE DA MICROCONSTRUÇÃO [IRauxVp] NA FALA GOIANA". A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dr. Agameton Ramsés Justino – Presidente – (POSLLI/UEG), Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão (UFG), Dra. Déborah Magalhães de Barros (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo(a) mestrando(a) e seu/sua orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o presidente da banca examinadora proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi aprovada. Cumpridas as formalidades de pauta, às dezesseis horas a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, __27__ de ____ Março ____ de 2024.

Prof. Dr. Agameton Ramsés Justino (POSLLI/UEG)

Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão (UFG)

Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros (POSLLI/UEG)



Documento assinado eletronicamente por **Agameton Ramses Justino, Usuário Externo**, em 02/04/2024, às 21:36, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **DEBORAH MAGALHAES DE BARROS, Coordenador (a)**, em 03/04/2024, às 11:54, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **VANIA CRISTINA CASSEB GALVAO, Usuário Externo**, em 03/04/2024, às 14:01, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site
[http://sei.go.gov.br/sei/controlador_externo.php?](http://sei.go.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=1)
[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=1](http://sei.go.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=1) informando o código verificador **57762532**
e o código CRC **A2F236FC**.

ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - GOIÁS
AVENIDA DR. DEUSDETH FERREIRA DE MOURA S/N, S/C - Bairro CENTRO - GOIAS - GO -
CEP 76600-000 - (62)3936-2160.



Referência: Processo nº 202400020004297



SEI 57762532

Aos amores da minha vida, Eduardo e Lara.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por sua misericórdia e provisão em momento oportuno e por me dar paz diante das adversidades. Ao dono de toda ciência e sabedoria, muito obrigada!

Ao meu orientador, prof. Dr. Agameton Ramsés Justino, por aceitar conduzir essa pesquisa e por me ensinar como muita paciência e generosidade. Obrigada pela oportunidade!

Aos membros da banca examinadora, por suas contribuições à nossa pesquisa.

Aos professores do POSLLI. Obrigada por compartilhar seus conhecimentos comigo.

Ao meu esposo, Eduardo Almeida Flores, pelo incentivo e por todo amor e cuidado.

Aos meus pais, Arleide e Valter, pela minha vida e por todo suporte que me dão.

À minha sogra, Raimunda, por cuidar da minha pequena Lara em minha ausência.

Aos meus amigos, Mariana, Elias, Lígia e Nacymar, por todo apoio e ajuda.

À Direção, Coordenação e Secretaria do POSLLI, por todo o suporte e orientação durante o período do Mestrado.

À Universidade Estadual de Goiás (UEG), pela estrutura e formação.

SENA, Raiani Sena. **Aspectualidade da microconstrução [IR_{aux}V_p] na fala goiana**. 2024. 140f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2024.

RESUMO

Os padrões sentenciais básicos da língua se organizam em torno do verbo. Esses padrões podem ser formados por verbos plenos ou por perífrases, dentre as quais a microconstrução [IR_{aux}V_p], que, em sua forma prototípica, é constituída do verbo auxiliar *ir* e uma forma verbal no infinitivo, gerúndio ou particípio. Este trabalho apresenta os resultados de um estudo dessa microconstrução na fala goiana, considerando as noções aspectuais que esse padrão construcional codifica. Para a descrição do objeto, tomamos como embasamento as discussões empreendidas, principalmente, pela Gramática de Construções e pela Linguística Cognitiva. Dessa forma, fundamentando-nos em autores como: Bybee (2016), Croft (2001), Ferrari (2018), Fillmore (1982), Goldberg (1995, 2006), Langacker (1987, 2008), Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987, 1990), Traugott e Trousdale (2013), Taylor (1995) entre outros. Para verificar quais seriam as especificidades aspectuais da microconstrução [IR_{aux}V_p], recorreremos aos dados de fala do *Projeto Português contemporâneo falado em Goiás — Fala Goiana*. Procuramos, a princípio, identificar os construtos organizados a partir do verbo auxiliar *ir* e, em seguida, buscamos verificar os aspectos formais e funcionais da microconstrução. Posteriormente, verificamos qual forma nominal do verbo principal é mais produtiva e quais tipos aspectuais a microconstrução [IR_{aux}V_p] codifica. Verificamos, por fim, a expressão do aspecto no verbo principal e analisamos o aspecto pelos tempos verbais. Os resultados apontaram que há outros elementos oracionais inseridos no padrão construcional do nosso objeto de análise. Há também uma preferência pelo uso da microconstrução com o verbo principal no infinitivo e tempo verbal no futuro. Identificamos, ainda, uma predominância da voz ativa, em detrimento da voz passiva. O verbo auxiliar compartilha propriedades gramaticais com o verbo principal e a microconstrução [IR_{aux}V_p] não atualiza todas as marcas de aspectualidade na fala goiana. Com base nos resultados, consideramos que a microconstrução [IR_{aux}V_p] não é marcadora prototípica de aspecto e que a forma nominal do verbo principal, as flexões temporais e construções adverbiais influenciam na codificação aspectual.

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Predicação. Microconstrução [IR_{aux}V_p]. Aspecto.

NEVES, Raiani Sena. **Aspectuality of microconstruction [IR_{aux}V_p] in Goiás speech**. 2024. 140f. Dissertation (Master's in Language, Literature and Interculturality) – Cora Coralina Campus, State University of Goiás, Goiás, 2024.

ABSTRACT

The basic sentential patterns of the language are organized around the verb. These patterns can be formed by full verbs or periphrases, including the microconstruction [IR_{aux}V_p], which, in its prototypical form, consists of the auxiliary verb *ir* and a verbal form in the infinitive, gerund or participle. This work presents the results of a study of this microconstruction in Goiás speech, considering the aspectual notions that this constructional pattern encodes. To describe the object, we took as a basis the discussions undertaken, mainly, by Construction Grammar and Cognitive Linguistics. Thus, based on authors such as: Bybee (2016), Croft (2001), Ferrari (2018), Fillmore (1982), Goldberg (1995, 2006), Langacker (1987, 2008), Lakoff and Johnson (1980), Lakoff (1987, 1990), Traugott and Trousdale (2013), Taylor (1995) among others. To verify what the aspectual specificities of the microconstruction [IR_{aux}V_p] would be, we used speech data from the contemporary Portuguese Project spoken in Goiás — Fala Goiana. We sought, at first, to identify the constructs organized based on the auxiliary verb *ir* and, then, we sought to verify the formal and functional aspects of the microconstruction. Subsequently, we check which nominal form of the main verb is most productive and which aspectual types the microconstruction [IR_{aux}V_p] encodes. Finally, we check the expression of the aspect in the main verb and analyze the aspect by verb tenses. The results showed that there are other clause elements inserted in the constructional pattern of our object of analysis. There is also a preference for using microconstruction with the main verb in the infinitive and verb tense in the future. We also identified a predominance of the active voice, to the detriment of the passive voice. The auxiliary verb shares grammatical properties with the main verb and the microconstruction [IR_{aux}V_p] does not update all aspectuality marks in Goiás speech. Based on the results, we consider that the microconstruction [IR_{aux}V_p] is not a prototypical aspect marker and that the nominal form of the main verb, temporal inflections and adverbial constructions influence aspectual coding.

KEYWORDS: Language. Predication. Microconstruction [IR_{aux}V_p]. Aspect.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema de uma construção, segundo Croft.	27
Figura 2 – Rede construcional dos quantificadores em Inglês.	31
Figura 3 – Esquema da construção de auxiliaridade.	37
Figura 4 – Esquema da construção com verbo pleno.	38
Figura 5 – Comparativo da construção com verbo pleno e da construção de auxiliaridade. ...	38
Figura 6 – Processo de formação da construção de auxiliaridade no PB.	41
Figura 7 – Modelo epistêmico básico de Langacker.	44
Figura 8 – Modelo epistêmico elaborado de Langacker.	44
Figura 9 – Modelo de linha de tempo de Langacker.	45
Figura 10 – Modelo evolutivo dinâmico de Langacker.	45
Figura 11 – Representação gráfica da linha do TEMPO.	51
Figura 12 – As configurações morfossintáticas da microconstrução [IR _{aux} V _p].	70
Figura 13 – A configuração morfossintática da voz ativa.	76
Figura 14 – A configuração morfossintática prototípica da voz passiva.	77
Figura 15 – Uma segunda configuração morfossintática da voz passiva.	77
Figura 16 – As propriedades da microconstrução [IR _{aux} V _p].	81
Figura 17 – Esquema sintático-semântico da construção predicativa com o verbo pleno <i>ir</i>	82
Figura 18 – Aspecto perfectivo na fala goiana.	93
Figura 19 – Aspecto imperfectivo na fala goiana.	94
Figura 20 – As relações entre os tipos aspectuais da microconstrução [IR _{aux} V _p].	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação entre tempo, modo e concepção de realidade, segundo Abraçado.	48
Quadro 2 – Quadro das noções atreladas à categoria aspecto, segundo Travaglia.	54
Quadro 3 – Tipos aspectuais do português, segundo Travaglia.	56
Quadro 4 – Inquéritos selecionados do Fala Goiana.	64
Quadro 5 – Os construtos mais produtivos da microconstrução [IR _{aux} V _p].	65
Quadro 6 – Lista das formas do verbo principal na microconstrução [IR _{aux} V _p].	73
Quadro 7 – Valor semântico do verbo <i>ir</i> nos construtos da microconstrução [IR _{aux} V _p].	84
Quadro 8 – Formas não composicionais da microconstrução [IR _{aux} V _p].	86
Quadro 9 – Tipos semânticos da microconstrução [IR _{aux} V _p].	88
Quadro 10 – Tipo aspectual do construto “foi ficando”.	90
Quadro 11 – A relação entre os tipos aspectuais e as formas nominais do verbo principal. ...	104
Quadro 12 – A relação entre os tipos aspectuais e as flexões temporais.	107

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – A produtividade da configuração morfossintática de [IR _{aux} V _p].	71
Gráfico 2 – As formas do verbo principal na microconstrução [IR _{aux} V _p].	72
Gráfico 3 – Tipo semântico da microconstrução [IR _{aux} V _p].	87
Gráfico 4 – Produtividade aspectual da microconstrução [IR _{aux} V _p].	91
Gráfico 5 – Produtividade dos aspectos perfectivo e imperfectivo.	93
Gráfico 6 – Produtividade dos aspectos começado/não acabado e acabado.	98
Gráfico 7 – Produtividade dos tempos verbais marcadores de aspecto.	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 ABORDAGENS COGNITIVO-FUNCIONAIS	18
1.1 Princípios teóricos da Linguística Cognitiva	18
<i>1.1.1 Categorização e prototipia</i>	21
<i>1.1.2 A Semântica de frames</i>	23
<i>1.1.3 Teoria da metáfora conceptual</i>	24
1.2 Gramática de Construções	26
<i>1.2.1 Construção gramatical</i>	26
<i>1.2.2 Propriedades construcionais</i>	29
<i>1.2.3 Processos cognitivos de domínio geral</i>	32
<i>1.2.4 O fenômeno de mudança linguística</i>	33
2 AUXILIARIDADE	36
2.1 A construção de auxiliaridade no português brasileiro	37
2.2 A categoria tempo	41
<i>2.2.1 O tempo verbal</i>	46
2.3 A categoria aspecto	49
<i>2.3.1 Noções semânticas ligadas à categoria aspecto</i>	51
<i>2.3.2 Os tipos de aspecto</i>	54
<i>2.3.3 A expressão do aspecto pelas flexões verbais no modo indicativo</i>	57
<i>2.3.4 A expressão do aspecto pelas construções perifrásticas [IR_{aux}V_p].</i>	59
3 METODOLOGIA	61
3.1 Caracterização da pesquisa	61
3.2 Banco de dados	63
3.3 Levantamento dos dados e constituição da amostragem	64
3.4 Procedimentos adotados para a análise e descrição dos dados	67
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	69
4.1 As propriedades formais da microconstrução [IR_{aux}V_p] na fala goiana	69

4.1.1 A configuração morfossintática da microconstrução [IR _{aux} V _p]	69
4.1.2 As formas do verbo principal na microconstrução [IR _{aux} V _p]	72
4.1.3 A configuração oracional de sentenças com a microconstrução [IR _{aux} V _p]	75
4.2 As propriedades funcionais da microconstrução [IR_{aux}V_p] na fala goiana .	78
4.2.1 A interface sintático-semântica da microconstrução [IR _{aux} V _p]	78
4.2.2 Os domínios semânticos ligados à microconstrução [IR _{aux} V _p]	82
4.2.3 Os usos metafóricos da microconstrução [IR _{aux} V _p]	85
5.2.4 A classificação semântica da microconstrução [IR _{aux} V _p]	87
4.3 Os tipos aspectuais da microconstrução [IR_{aux}V_p]	89
4.3.1 Perfectivo e imperfectivo	92
4.3.2 Durativo	94
4.3.3 Interativo e habitual	96
4.3.4 Começado ou não acabado e acabado	97
4.3.5 Cursivo	98
4.3.6 Usos gerais dos tipos aspectuais da microconstrução [IR _{aux} V _p]	99
4.4 A expressão do aspecto no verbo principal da microconstrução [IR_{aux}V_p]	101
4.5 A aspectualidade pelas flexões temporais	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICE – OCORRÊNCIAS DA MICROCONSTRUÇÃO [IR_{aux}V_p] NO FALA GOIANA	117

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, analisamos e descrevemos um padrão cognitivo na fala goiana constituído pelo verbo auxiliar *ir* e um verbo em sua forma nominal. Ancorados numa perspectiva cognitivo-funcional, denominamos esse padrão de “microconstrução [IR_{aux}V_p]”, pois entendemos que essa construção é uma instância de uma construção mais esquemática denominada construção de auxiliaridade.

Nossa pesquisa teve como objetivo geral analisar os usos da microconstrução [IR_{aux}V_p] na fala goiana, dando relevância às noções aspectuais que esse padrão construcional codifica. Para isso, buscamos, em específico: (i) descrever aspectos formais e funcionais da microconstrução [IR_{aux}V_p] na fala goiana; (ii) identificar qual forma nominal do verbo principal é mais produtiva; (iii) identificar os tipos aspectuais codificados pela microconstrução [IR_{aux}V_p]; (iv) investigar a relação entre a forma nominal e a categoria aspecto; (v) verificar a produtividade da categoria tempo na microconstrução e; (vi) analisar a expressão do aspecto pelos tempos verbais.

O estudo foi motivado pela constatação de que o aspecto verbal não tem sido abordado em trabalhos que descrevem perífrases com o verbo *ir*. Após uma pesquisa bibliográfica sobre essa microconstrução, identificamos que as pesquisas, em sua maioria, tratam da auxiliaridade sob o viés da gramaticalização (cf. Gonçalves, 2012; Rech, 2013; Reis, 2018), havendo muito o que se dizer ainda sobre seu funcionamento fora desse âmbito.

Em vista dessa lacuna, buscamos responder as seguintes perguntas de pesquisa: (i) quais são as propriedades formais da microconstrução [IR_{aux}V_p] na fala goiana?; (ii) quais são suas propriedades funcionais?; (iii) quais são as relações sintáticas e semânticas que a microconstrução [IR_{aux}V_p] estabelece com outras construções?; (iv) quais são os tipos aspectuais que ela apresenta?; (v) a forma nominal do verbo principal pode expressar noções de aspectualidade?; (vi) quais são os tempos verbais que a microconstrução [IR_{aux}V_p] codifica e como ocorre a relação entre esses tempos e o aspecto?

Nossa pesquisa fundamentou-se na hipótese primeira de que a construção analisada neste trabalho é composta pelo verbo auxiliar *ir* e um verbo principal em sua forma nominal. Como segunda hipótese, acreditamos que a microconstrução [IR_{aux}V_p] apresenta as mesmas propriedades que já estão consolidadas na literatura sobre a construção de auxiliaridade, isto é, o verbo auxiliar codifica informações de tempo, modo, número, pessoa e aspecto e o verbo em sua forma nominal traz a informação semântica principal da construção.

Entendemos ainda que a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ vincula-se a padrões construcionais mais abstratos, derivados de princípios de herança no pareamento forma e função, isto é, essa microconstrução herda a configuração morfossintática do esquema de auxiliaridade e também a funcionalidade do macroesquema da predicação.

Quanto aos tipos aspectuais, acreditamos que essa construção codifica todos os tipos aspectuais propostos por Travaglia (2016), a saber: *perfectivo*, *imperfectivo*, *durativo*, *indeterminado*, *iterativo*, *habitual*, *pontual*, *não começado*, *começado ou não acabado*, *acabado*, *inceptivo*, *cursivo* e *terminativo*.

Quanto à expressão do aspecto pelas formas nominais do verbo principal da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$, acreditamos que a perífrase com infinitivo, por marcar prototipicamente o tempo futuro, não atualiza a categoria aspecto na fala goiana. Quando essa perífrase expressar outros tempos verbais, podemos encontrar noções aspectuais como *perfectivo*, no pretérito perfeito, e *imperfectivo*, *não acabado* e *habitual*, no pretérito imperfeito. As formas com gerúndio tendem a indicar o aspecto *durativo*, *cursivo*, *imperfectivo* e *começado/ não acabado* e as perífrases de particípio atualizam os aspectos *perfectivo* e *acabado*.

Sobre a relação entre os tempos verbais e o aspecto na fala goiana, considera-se que os tempos verbais no presente do indicativo tendem a expressar, prototipicamente, o aspecto *imperfectivo*, *não acabado/começado* e *habitual*. Em relação ao tempo pretérito perfeito, é possível encontrarmos os aspectos *perfectivo*, *pontual* e *acabado*. No pretérito imperfeito, os aspectos *imperfectivo*, *durativo*, *cursivo*, *habitual* e *não acabado* e, no pretérito mais-que-perfeito, podemos identificar os aspectos *perfectivo* e *acabado*. Sobre a relação entre o tempo futuro e o aspecto, acreditamos não haver marcação aspectual, ocorrendo apenas a referência à situação.

Para o estudo proposto, recorreremos aos dados de fala do *Projeto Português contemporâneo falado em Goiás (Fala goiana)*. O *corpus* do projeto é constituído de dados de fala transcritos que registram as experiências pessoais dos entrevistados. Procuramos, a princípio, selecionar 12 inquiridos do banco de dados, sendo 06 mulheres e 06 homens, com faixa etária entre 20 e 72 anos. Após a constituição do *corpus* desta pesquisa, analisamos os aspectos formais e funcionais da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$, os tipos aspectuais que ela codifica, a relação entre a forma nominal e a categoria aspecto e a expressão do aspecto pelos tempos verbais.

Para a análise e discussão dos dados, utilizamos uma abordagem mista, com uma abordagem de natureza qualitativa para verificação dos aspectos inerentes ao pareamento entre forma e significado, e quantitativa para averiguação da frequência da microconstrução.

Essas análises foram subsidiadas por teóricos como Abreu (2010); Abraçado (2020, 2021); Bybee (2016); Bagno (2012); Barroso (1994); Costa (2022); Corôa (2005); Casseb-Galvão (2021); Castilho (1968, 2014); Croft (2001); Ferrari (2018); Fillmore (1982); Goldberg (1995; 2006); Gonçalves (2015); Heine (1993); Ilari (2022); Justino (2018); Langacker (1987,2008); Lakoff (1987); Lakoff e Johnson (1980); Longo e Campos (2002); Neves (2018); Oliveira (*et al.*, 2001); Sabino (2020); Souza e Abraçado (2020); Taylor (1995); Traugott e Trousdale (2013); Travaglia (2016) etc.

Quanto à organização das discussões e dos resultados do estudo, esta dissertação divide-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos os princípios teóricos das abordagens adotadas. Neste sentido, a discussão recai, inicialmente, sobre alguns temas da Linguística Cognitiva, como categorização, prototipia, semântica de *frames* e metáfora conceptual. Em seguida, descrevemos alguns fundamentos da Gramática de Construções.

No segundo capítulo, discorremos sobre o fenômeno da auxiliaridade, apresentando, na primeira seção, suas características gerais e, em seguida, a construção de auxiliaridade no português brasileiro. Por fim, buscamos tratar das categorias linguísticas tempo e aspecto.

No terceiro capítulo, discorremos sobre os caminhos metodológicos que foram utilizados para a realização da pesquisa. Apresentamos a caracterização da pesquisa quanto a sua classificação tipológica e descrevemos o espaço de coleta de dados. Posteriormente, explicamos como ocorreu essa coleta e a constituição da amostragem. Por fim, descrevemos os procedimentos adotados para a análise.

No quarto e último capítulo, apresentamos a análise dos dados e discussão dos resultados sobre as propriedades formais e funcionais da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ e seus tipos aspectuais. Na sequência, para responder as duas últimas perguntas de pesquisa, investigamos a expressão do aspecto pelas formas nominais e pelos tempos verbais.

1 ABORDAGENS COGNITIVO-FUNCIONAIS

Este capítulo apresenta os conceitos basilares que se aplicam à análise da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$. No primeiro momento, discorre-se sobre alguns princípios da Linguística Cognitiva como categorização, prototipia, semântica de *frames* e metáfora conceptual. Em seguida, descreve-se os princípios elementares da Gramática de Construções (doravante GC) como a noção de construção gramatical, as propriedades construcionais, processos cognitivos de domínio geral etc.

1.1 Princípios teóricos da Linguística Cognitiva

A Linguística Cognitiva (doravante LC) traz importantes contribuições para a compreensão do funcionamento da língua, pois apresenta uma concepção de estrutura gramatical que se caracteriza pelo processamento cognitivo.

Um dos postulados mais importantes da Linguística Cognitiva é o entendimento de que a linguagem é uma habilidade integrada ao processamento cognitivo. Essa posição epistemológica parte do conceito de que as habilidades de linguagem não podem ser compreendidas de forma independente, mas devem ser estudadas com base em sua relação com outros fenômenos cognitivos como atenção, memória, categorização etc. (Langacker, 1987).

Em consequência dessa visão, a linguagem é entendida como uma atividade complexa desenvolvida e mantida por aparatos cognitivos e socioculturais. Essa capacidade mental disponibiliza aos falantes representações psíquicas baseadas em imagens convencionais estruturadas a partir das experiências com o mundo. Dessa forma, para os estudiosos da LC, o conhecimento do falante sobre língua é baseado na abstração de unidades simbólicas extraídas da linguagem em uso (Ferrari, 2018; Langacker, 1987;).

Outro princípio teórico da Linguística Cognitiva é a compreensão de que a gramática das línguas é resultado de conceptualizações. Langacker (1987, p.57, tradução nossa) conceituou a gramática como “[...] um inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais”.¹A gramática, assim sendo, representa o conhecimento do falante sobre a convenção linguística e concerne na estruturação e simbolização do conteúdo semântico.

O falante, dessa forma, interage mediante um arranjo simbólico que tem propriedades semânticas em um polo, uma constituição formal em outro e uma correspondência que os liga,

¹ **Texto original:** “[...] a structured inventory of conventional linguistic units”.

tornando indissociável forma e sentido. Essa arranjo baseia-se em imagens convencionais, que refletem nossa capacidade de construir uma situação concebida de maneiras alternativas (Langacker, 1987). A esse respeito, Langacker (1987, p.138, tradução nossa) explicou que

O pleno valor conceitual ou semântico de uma situação concebida é uma função não apenas de seu conteúdo (na medida em que se pode falar de conteúdo independentemente de construção), mas também de como estruturamos esse conteúdo em relação a questões como atenção, seleção, organização figura/fundo, ponto de vista e nível de esquematização. Em relação a tudo isso, somos capazes de fazer ajustes, transformando assim uma conceitualização em outra que é aproximadamente equivalente em termos de conteúdo, mas difere na forma como esse conteúdo é construído.²

Isso significa que quando um falante estrutura uma cena de uma maneira particular por meio de expressões linguísticas, enfatiza certas facetas dela em detrimento de outras, apresentando uma determinada perspectiva ou interpretando-a em termos de uma determinada metáfora (Langacker, 1987). A título de ilustração, tomemos como exemplo a construção seguinte:

(1) João caiu do cavalo.

O que muda na constituição do período é a abstratização do significado do verbo *cair*. Em seus sentidos mais prototípicos, *cair* representa um deslocamento vertical no espaço, cair do cavalo nesse sentido significa sofrer uma queda de cima do animal. Por outro lado, em seu sentido metafórico, a construção *cair do cavalo*, relaciona-se às experiências emocionais negativas, pois *cair do cavalo* representa perder o controle de uma situação.

Evidencia-se, dessa maneira, que as construções usadas pelos falantes podem ter diferentes sentidos que são determinados pelos contextos de uso. A esse respeito, Langacker (1987, p.147, tradução nossa) explicou que “Um contexto para a caracterização de uma unidade semântica é chamado de domínio. Os domínios são necessariamente entidades cognitivas: experiências mentais, espaços representacionais, conceitos ou complexos conceituais.”³

Sob a essa perspectiva, os significados atrelados à uma construção são resultados de conceptualizações que envolvem os pensamentos, as experiências e as ações humanas no

² **Texto original:** “The full conceptual or semantic value of a conceived situation is a function not only of its content (insofar as one can speak of content independently of construction), but also of how we structure that content in relation to issues such as attention, selection, organization. figure/ground, point of view and schematization level. In relation to all this, we are able to make adjustments, thus transforming one conceptualization into another that is roughly equivalent in terms of content, but differs in the way that content is constructed”.

³ **Texto original:** “A context for the characterization of a semantic unit is referred to as a domain. Domains are necessarily cognitive entities: mental experiences, representational spaces, concepts, or conceptual complexes.”

mundo. Neste sentido, as construções linguísticas refletem determinados conteúdos conceituais que podem codificar noções básicas como *tempo, espaço, quantidade, movimento* etc.

Os sentidos, assim sendo, são dependentes não somente dos modelos formais, mas também das representações cognitivas expressas por elas, bem como das adaptações dessas representações aos contextos de uso. A construção a seguir, que foi empregada em um contexto em que o entrevistado contava suas experiências de infância, exemplifica bem essa noção:

(2) Uai porque eu **fui aprontá** uai... i deu uma tempestade boa i eu peguei e fugi né? larguei a caixa de engraxate fui lá pa... pa turminha de... dos coleguinha... (FG).⁴

Em (2), o significado da construção apresenta certo grau de metaforização, pois o sentido mais prototípico do verbo “*aprontar*” é “*pôr pronto/ preparado*”; no entanto, identificamos nesse contexto um significado mais abstratizados em que o verbo denota a noção de “*fazer travessura, algo impróprio*”.

Langacker (1987) ressaltou, ainda, que as estruturas semânticas (denominadas predicacões) são caracterizadas em relação a um ou mais domínios, denominado *domínio matriz*, isto é, o arranjo conceptual das experiências dos falantes está organizado em feixes de exemplares, distribuídos hierarquicamente em rede de significados inter-relacionados.

Sob esse prisma, o significado é uma parte central da “essência” da linguagem e a descrição semântica de uma expressão baseia-se em uma concepção de conhecimento enciclopédico, dado que tudo que sabemos sobre algo é potencialmente relevante em um determinado momento (Langacker, 1987).

Acerca disso, Ferrari (2018) considerou que o conhecimento enciclopédico é um todo complexo estruturado e organizado em rede, no qual os diferentes aspectos do conhecimento que uma palavra dá acesso não apresentam *status* idênticos. Os itens lexicais atuam, portanto, como pontos de acesso para sistemas de conhecimentos.

A autora observa também que outra característica importante dessa teoria linguística é a concepção de uma perspectiva integradora da linguagem, isto é, os níveis de análise linguística (fonologia, morfologia, sintaxe e pragmática) não são estudados de forma modular, pois eles compartilham os mesmos princípios gerais que são fundamentais para sua organização.

Adotar essa perspectiva fez com que a Linguística Cognitiva buscasse na noção de categoria radial, oriunda da Psicologia Cognitiva, os fundamentos para aplicar à investigação das categorias linguísticas. Dada a sua importância, a próxima seção explicitará mais

⁴ FG = Fala Goiana.

detalhadamente esse conceito.

1.1.1 Categorização e prototipia

A categorização é o processo mental pelo qual o ser humano identifica similaridades entre entidades e as classifica como membros de uma mesma categoria. A esse respeito, Lakoff (1987, p. 09, tradução nossa) afirmou que “Temos categorias para espécies biológicas, substâncias físicas, artefatos, cores, parentes e emoções e até categorias de frases, palavras e significados. Temos categorias para tudo o que podemos pensar.”⁵

Em relação à linguagem, a categorização, segundo Bybee (2016, p.26) é

[...] o mais difundido desses processos dado que ele interage com os outros. Por categorização me refiro à similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes, são reconhecidos e associados a representações estocadas.

A categorização consiste, portanto, em um processo pelo qual o falante vivencia as construções linguísticas e agrupa essas construções em classes específicas, considerando suas similaridades de função, significado e composição formal com outros padrões construcionais já conhecidos (Bybee, 2016; Casseb-Galvão, 2021).

As categorias linguísticas são reflexos metafóricos das noções adquiridas pela experiência. São representações simbólicas da maneira como o ser humano conceptualiza as coisas com as quais interage fisicamente. A esse respeito, para Sabino (2020, p.71),

O funcionamento da linguagem é pensado a partir dos processos criativos humanos, que permitem organizar e moldar as experiências. Os domínios conceituais, oriundos dos movimentos do corpo, das manipulações de objetos e das interações psicológicas, físicas e sociais funcionam como padrões recorrentes que regulam a ordenação das experiências e configuram as expectativas em relação ao mundo, orientando a compreensão e a construção do conhecimento.

As categorias linguísticas, em vista disso, estão fundamentadas em um conjunto de experiências corpóreas e socioculturais humanas, ou seja, são dependentes do modo como os usuários da língua se relacionam com o mundo. Esse agrupamento linguístico é uma atividade interativa oriunda de diferentes experiências com a língua (Bybee, 2016; Casseb-Galvão 2021).

⁵ **Texto original:** “We have categories for biological species, physical substances, artifacts, colors, kinsmen, and emotions and even categories of sentences, words, and meanings. We have categories for everything we can think about.”

As categorias são entidades graduais na medida que apresentam membros mais prototípicos, membros intermediários e membros periféricos. Essa noção recebe o nome de *efeito de protótipos* (Bybee, 2016; Taylor, 1995). Mais precisamente, as propriedades de uma categoria possuem diferentes graus de saliência e agrupam-se por similaridades parciais ou semelhanças de família. Os membros mais centrais são considerados os mais prototípicos, tendo em vista que possuem atributos mais salientes cognitivamente e linguisticamente dentro de uma cultura (Taylor, 1995).

Bybee (2016, p. 131, grifo da autora) explicou que “Essa propriedade é geralmente ilustrada com categorias naturais como PÁSSARO: alguns pássaros, como sabiá e pardal, são considerados como mais centrais à categoria do que outros, como, por exemplo, águias ou pinguins”. O protótipo, à vista disso, é o membro representativo de uma categoria e com base nele os demais integrantes são determinados pela similaridade com o elemento mais prototípico.

Como essa relação é de semelhança, isso significa que não há limites rígidos entre as fronteiras categoriais (Bybee, 2016; Taylor, 1995). Assim sendo, as fronteiras categoriais são imprecisas e apresentam elementos que estão em uma zona de interseção entre as categorias. Isso é observado na categoria ave, que conta com o sabiá como um membro mais centralizado e o pinguim como um membro mais próximo da fronteira categorial, pois contém traços semelhantes com a categoria peixe (Ferrari, 2018).

Em outras palavras, o pinguim pertence à categoria ave por conter mais atributos dessa categoria (bota ovos, tem bico e dois pés), no entanto, também apresenta atributos da categoria peixe, pois são animais de hábitos aquáticos e apresentam asas atrofiadas que funcionam como nadadeira. Nesse caso, a gradiência configurar-se por meio do elemento *pinguim*, que está nessa interseção entre as categorias.

A categorização é um recurso que permite ao usuário da língua agrupar conceitos em que são expostos ao longo de sua vida e organizá-los numa rede de conhecimento, que envolve a compreensão e o uso das categorias linguísticas (Casseb-Galvão, 2021). Essa rede de conhecimento sobre as categorias armazenadas na memória é de suma importância para a construção dos significados.

Os estudos sobre categorização, possibilitaram o surgimento de outros modelos teóricos que buscam compreender como os significados são construídos e armazenados na mente dos falantes. A seção seguinte apresentará um desses modelos teóricos.

1.1.2 A Semântica de frames

Apoiando-se na noção de categorização, Charles Fillmore (1982) desenvolveu uma abordagem denominada *Semântica de Frames*, que trata das questões semânticas que vão do léxico à gramática e ao texto. Um *frame* é

[...] qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender um conceito, é necessário entender toda a estrutura na qual ele se encaixa, quando uma das 'coisas' desta estrutura é introduzida em um texto, ou em uma conversa, todas as outras são automaticamente disponibilizadas” (Fillmore, 1982, p. 111, tradução nossa).⁶

O termo *frame*, dessa maneira, refere-se a uma rede de conhecimento armazenada na memória e organizada de acordo com as experiências do falante. Fillmore (1982) explicou que quando ouvimos a expressão “*fim de semana*”, por exemplo, associamos a essa construção diversas ideias ligadas ao seu significado. Primeiro, mais prototipicamente, associamos à parte da semana que compreende o sábado e o domingo, a começar daí também podem associar à ideia de descanso, lazer etc. Essa expressão, portanto, evoca um quadro semântico de conhecimento enciclopédico do falante.

Outro exemplo clássico apresentado por Fillmore (1982) é o *frame* de EVENTO COMERCIAL, que envolve os papéis participantes de *vendedor*, *comprador*, *mercadorias*, *dinheiro (valor)*. Também envolve as relações entre o vendedor e a mercadoria, entre o comprador e a mercadoria e assim por diante.

O autor afirmou que as escolhas lexicais do falante colocam em proeminência certa perspectiva na qual o quadro é visto. Por exemplo, *vender* apresenta a situação do ponto de vista do vendedor, destacando a relação entre o vendedor e a mercadoria. Por outro lado, *comprar* mostra a perspectiva do comprador.

Frames são sistemas de categorias estruturados de acordo com algum contexto motivador. Esse contexto motivador são os aspectos culturais de cada sociedade (Fillmore, 1982). Abreu (2010), quando discute esse assunto, utilizou como exemplo a cruz como símbolo cristão. Segundo o autor, antes do cristianismo ela era tida apenas como instrumento de execução entre os romanos. Com a morte de Cristo em uma cruz, foram agregados a esse símbolo os sentidos de salvação e religiosidade. Mesmo hoje, entretanto, se algum cristão for a

⁶ **Texto original:** “[...] any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits, when one of the things in such a structure is introduced into a texture into a conversation, all of the others are automatically made available”.

um país árabe portando uma cruz visível sofrerá algum tipo de represália, pois, nesses países, a cruz traz à lembrança os sofrimentos infligidos aos muçulmanos na época das Cruzadas.

O *frame* semântico é uma representação em forma de esquema de uma situação que envolve vários participantes, diversas propriedades e outros papéis conceituais (Fillmore, 1982). Dessa forma, consideramos que os *frames* estão ligados também às relações entre argumentos, dado que um padrão construcional como a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ faz com que o falante, intuitivamente, em determinados contextos, selecione diferentes papéis argumentais essenciais para a caracterização de um *frame*.

O significado das palavras está subordinado a *frames*. Em vista disso, a compreensão e a interpretação de uma construção, como a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$, decorre do conhecimento e da experiência do falante.

Além da teoria de *frames* semânticos elaborada por Fillmore (1982), há outros estudos que estão intimamente ligados às experiências do homem. Dentre eles, a Teoria da Metáfora Conceptual, que tem como principais nomes os pesquisadores George Lakoff e Mark Johnson. Para os autores, esse recurso conceptual é de suma importância para o processamento da linguagem, pois, além de traduzir nossas experiências, configura-se como recurso extensamente utilizado pelos seres humanos no cotidiano. Na próxima seção, falaremos sobre os estudos metafóricos desses pesquisadores.

1.1.3 Teoria da metáfora conceptual

A teoria da *Metáfora Conceptual* tem como ponto inicial a publicação do livro *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson, em 1980. Nessa obra os autores apresentaram um apanhado de processos metafóricos que envolvem linguagem, pensamento e ação.

Esses pesquisadores constataram que existem metáforas que são praticamente as mesmas em diferentes línguas, isso acontece porque são organizadas por meio de domínios conceptuais da experiência humana, ou seja, são fruto das suas experiências com o próprio corpo e de suas relações com o ambiente físico e sociocultural.

Segundo Lakoff e Johnson (1980, p.5, tradução nossa), “A essência da metáfora é compreender e experimentar um tipo de coisa em termos de outra”.⁷ À vista disso, a metáfora implica na transposição de um domínio de origem da experiência (domínio-fonte) para outro

⁷ **Texto original:** “The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another”.

domínio, denominado domínio-alvo. O domínio-fonte envolve propriedades físicas e áreas concretas da experiência humana, enquanto o domínio-alvo tende a ser mais abstrato (Lakoff; Jonhson, 1980). No exemplo, a seguir, podemos entender melhor como isso ocorre:

- (3) [...] aonde qu/eu vô... **vô levano** essa vidinha hoje eu tenho o qu/eu tenho aqui tamém é atraveis dele qué dizê primeiramente atravéis de Deus né? (FG).

A construção usada pelo falante remete à metáfora conceptual VIDA É UMA VIAGEM, citada por Lakoff e Jonhson (1980). Esse exemplo ilustra uma projeção metafórica que concebe VIAGEM como um domínio-fonte e VIDA como domínio-alvo.

Outro ponto que merece destaque são o fato das metáforas estarem relacionadas ao conceito de perspectiva, pois diferentes formas de entender um determinado fenômeno estão associadas à diferentes metáforas (Lakoff; Jonhson, 1980). Lakoff e Jonhson (1980), por exemplo, associaram o conceito de “Amor” à *força física/ eletromagnética e/ou gravitacional* (Ex.: Toda minha vida gira em torno dela), à *algo mágico* (Ex.: Estou enfeitiçado por essa garota.) e à *guerra* (Ex.: Lutamos um pelo outro).

Essas diversas metáforas estruturam variados aspectos de um único conceito. Para cada metáfora, há um domínio-fonte e um domínio-alvo. Sendo assim, a metáfora está intimamente relacionada ao modo de pensar do falante ou de uma comunidade linguística (Lakoff; Jonhson, 1980). Na construção metafórica “*Tempo é dinheiro*”, por exemplo, a noção de tempo denota um pensamento típico de uma sociedade capitalista, que o concebe como um recurso limitado, assim como o dinheiro. No entanto, isso pode não ocorrer em outras culturas (Lakoff; Jonhson, 1980).

A metáfora é um mecanismo que envolve operações entre domínios conceptuais. Constitui-se como uma operação unidirecional, em que conceitos mais concretos, oriundos das experiências sensório-motoras e socioculturais, são utilizados para expressar conceitos mais abstratos (Lakoff; Jonhson, 1980).

Em suma, a metáfora é uma importante categoria de extensão de significado baseada na percepção humana que envolve experiências corporais, questões socio-culturais e processamento cognitivo, resultando em abstratização de usos de construções. Na próxima seção, explicaremos melhor essa noção de construção gramatical com base nos pressuposto da abordagem cognitivo-funcional denominada Gramática de Construções.

1.2 Gramática de Construções

A Gramática de Construções (doravante GC) principiou no final da década de 70, na Universidade da Califórnia, Estados Unidos, com trabalhos de Lakoff (1977) e Fillmore (1979), os quais questionavam teorias baseadas na composicionalidade. A partir deste momento, vários estudiosos contribuíram fortemente para a consolidação da teoria.

As visões gerais dos diferentes enfoques da Gramática de Construções podem ser encontradas em Lakoff (1987), Langacker (1987; 2009), Goldberg (1995; 2006), Croft (2001), Bybee (2010; 2015) etc. Apesar das diferenças consideráveis das abordagens adotadas por cada um desses teóricos, Traugott e Trousdale (2013) sintetizam alguns dos princípios básicos postulados por esses autores:

- a) A unidade básica da gramática é a construção, entendida como um pareamento convencional entre forma e significado;
- b) A estrutura semântica é mapeada diretamente na superfície da estrutura sintática, sem derivações;
- c) A língua é uma rede de nós e de ligação entre os nós. Diante disso, as associações entre alguns destes nós tomam a forma de hierarquias de herança;
- d) As variações de diferentes línguas, assim como as variações dialetais, podem ser explicadas de diversas maneiras, inclusive pelos processos cognitivos de domínio geral;
- e) A estrutura da língua é moldada pelo uso.

Nas seções seguintes apresentaremos as bases teóricas da Gramática de Construções que sustentarão a análise da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$. Para isso, falaremos da noção de construção como um pareamento entre forma e significado; apresentaremos as propriedades construcionais, os processos cognitivos de domínio geral, a concepção de rede construcional e o fenômeno de mudança linguística.

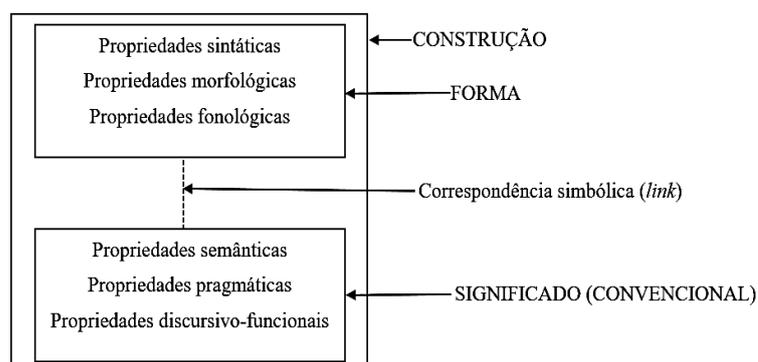
1.2.1 Construção gramatical

Os teóricos da abordagem construcionista, como já mencionado, afirmam que as construções gramaticais são unidades básicas de análise da língua. As construções gramaticais “[...] consistem em pares de forma e significado que são pelo menos parcialmente arbitrários”

(Croft, 2001, p.18, tradução nossa).⁸ Em outras palavras, a construção é um pareamento convencional entre forma e significado e se trata de um arranjo simbólico conceptualizado pelos falantes que buscam representar as coisas do mundo no processo de interação (Croft, 2001).

No que concerne à representação de construção, é preciso mencionar que varia de autor para autor. Croft (2001), por exemplo, utilizou o seguinte esquema:

Figura 1 – Esquema de uma construção, segundo Croft.



Fonte: Croft (2001, p.18).

No esquema proposto, o polo formal agrega as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas. O polo do significado contém propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. A linha tracejada denota o *link* simbólico entre forma e significado.

As construções são padrões cognitivos que se organizam em rede na língua e são estabelecidas por fatores que envolvem processos cognitivos, a frequência de uso e a criatividade do falante ao promover inovações linguísticas de acordo com seus propósitos comunicativos.

De acordo com Goldberg (2006, p.05, tradução nossa), “Todos os níveis de análise gramatical envolvem construções: pares aprendidos de forma com função semântica ou discursiva, incluindo morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões frasais parcialmente preenchidos lexicalmente e totalmente gerais”⁹. Em outras palavras, as construções variam de composição, tamanho, forma e complexidade.

⁸ **Texto original:** “Grammatical constructions in construction grammar, like the lexicon in other syntactic theories, consist of pairings of form and meaning that are at least partially arbitrary”.

⁹ **Texto original:** “All levels of grammatical analysis involve constructions: learned pairings of form with semantic or discourse function, including morphemes or words, idioms, partially lexically filled and fully general phrasal patterns”.

A construção analisada neste trabalho, por exemplo, estabelece relações com a construção de predicado (ou construção de estrutura argumental), que é uma construção mais complexa, dado que opera no nível da sintaxe.

Goldberg (1995), ao tratar das relações sintático-semânticas das construções complexas na obra “*Constructions — a construction grammar approach to argument structure*”, afirmou que o verbo é o cabeçalho semântico da sentença, isto é, o elemento que determina a estrutura semântica básica da construção predicativa.

Os verbos abrangem significados semânticos, ou seja, sua designação refere-se à uma rica estrutura subjacente baseada no conhecimento cultural. Assim sendo, faz parte da competência do falante a compreensão de que certos verbos são usados em uma construção particular (Goldberg, 1995). Baseando-se nesse entendimento, Adele Goldberg (1995) formulou a teoria construções da estrutura de argumentos — construções compostas por um verbo e seus argumentos.

De acordo com Goldberg (1995), as construções de estrutura argumental referem-se aos tipos oracionais básicos na língua, e codificam situações primordiais da experiência humana, como alguém fazendo com que algo mude de local (a construção de movimento causado), um instigador fazendo com que algo mude de estado (a construção resultativa), ou um instigador movendo-se apesar da dificuldade (a construção do caminho).

Essas construções estudadas pela autora denotam que as estruturas argumentais têm um significado independente do conteúdo semântico dos verbos. No entanto, os sentidos da construção e o significado verbal interagem no mecanismo de significação na produção do sentido linguístico, uma vez que o significado codificado na construção influenciará a seleção lexical do verbo e, conseqüentemente, a estrutura de argumentos. Além disso, as diferenças semânticas das construções predicativas podem representar uma interpretação diferente da situação descrita (Goldberg, 1995).

As construções — forma e significados correspondentes — são unidades básicas de análise linguísticas e são parte do conhecimento/ competência do falante. Dessa maneira, o grau de complexidade das construções reflete a complexidade das experiências humanas a que elas se referem. Esses pares convencionados de forma e significado são elementos altamente compostos de informações relacionadas, ou seja, elas derivam de várias outras, formando redes que apresentam vínculos de hierarquia e herança (Goldberg, 1995). A seguir, descreveremos as propriedades que determinam o estágio hierárquico das construções na rede de relações linguísticas.

1.2.2 Propriedades construcionais

A construção é caracterizada por um conjunto de três propriedades: a *esquematicidade*, a *produtividade* e a *composicionalidade*. Essas propriedades das construções são variáveis, podendo assim ser mais ou menos esquemáticas, produtivas ou composicionais (Traugott; Trousdale, 2013).

A *esquematicidade* é uma propriedade relacionada ao caráter geral ou não de uma construção e refere-se ao fato de algumas construções servirem como modelo cognitivo para a formação de outras construções em decorrência de captura de generalidades nos padrões de uso (Traugott; Trousdale, 2013). Essas construções esquemáticas são abstrações que, por serem correntes na comunidade de fala, tornam-se cognitivamente entrincheiradas.

De acordo com Langacker (2008), o grau de esquematicidade das construções está associado às relações de hierarquia entre elas. Diante disso, quanto mais esquemática (abstrata) for a construção, maior será seu nível hierárquico na rede construcional. Os esquemas, por exemplo, ocupam um nível mais alto na rede e servirão como modelos cognitivos para os subesquemas e tipos de microconstruções.

O padrão construcional analisado nesta dissertação é uma microconstrução de um esquema mais abstrato denominado construção de auxiliaridade. Essa construção por ser um esquema cognitivo que atua no macroesquema da predicação, apresenta um alto grau de esquematicidade. Os seus subesquemas, no entanto, apresentam um nível maior de especificidade no significado, dado que traz aspectos pragmáticos da cena predicativa.

As microconstruções, como instâncias da construção de auxiliaridade, consistem em padrões cognitivos parcialmente esquemáticos, pois apresentam um elemento cristalizado e um *slot* que pode ser preenchido. No caso da nossa construção, temos o verbo “*ir*” cristalizado na construção e um *slot* que pode ser preenchido por um verbo em sua forma nominal. Os construtos não apresentam esquematicidade, pois trata-se apenas do uso concreto desse esquema abstrato.

Essas generalizações tornam o uso das construções mais eficientes e conseqüentemente melhoram a comunicação, pois diminuem a carga de trabalho do falante ao processar na memória atributos de uma categoria (Goldberg, 2006; Justino, 2018).

A *produtividade* é uma propriedade que se caracteriza pela extensibilidade e frequência de determinadas construções. Diz respeito ainda, conforme Traugott e Trousdale (2013), ao grau em que uma construção esquemática sanciona subesquemas e microconstruções.

Essa noção relaciona-se com o que Bybee (2016) denominou de frequência *type* e *token*. A frequência *type* diz respeito ao número de microconstruções diferentes que uma construção esquemática instancia. Por outro lado, a frequência *token* representa o número de vezes que uma determinada forma de superfície ocorre em um contexto específico de uso. Para a autora, a produtividade é dependente, pelo menos em parte, da frequência *type*: quanto mais alta for a frequência *type*, maior será a produtividade ou maior será a probabilidade de que uma construção seja estendida a novos itens.

Ainda para a autora, a frequência *type* interage com a esquematicidade. Construções altamente esquemáticas, quando combinadas com essa frequência, cobrem uma ampla gama de instanciações se tornando bastante produtivas. Isso ocorre com a construção de auxiliaridade. Esse esquema é muito produtivo no português brasileiro (doravante PB), visto que de um único padrão construcional, surgem inúmeras outras construções na língua que se tornam amplamente aplicáveis em muitos contextos.

A baixa esquematicidade, por outro lado, limitará a produtividade, dado que reduz os itens possíveis aos quais a extensão pode ser aplicada (Bybee, 2016). Essa noção se aplica à microconstrução $[IR_{aux}V_p]$, dado que é um padrão cognitivo parcialmente esquemático que contém uma parte fixa e uma parte que pode ser preenchida com itens denominados verbos principais.

A *composicionalidade* é o grau de transparência entre forma e significado, isto é, o valor semântico representa a soma do significado de cada elemento da construção (Traugott; Trousdale, 2013). A esse respeito, Lima e Silva (2017, p. 04) exemplificaram afirmando que

na sentença *you can break my horse in this?*, a construção *break my horse* não indica que o ser humano possui cavalos que precisam ser quebrados. Essa construção significa *prover ajuda*, portanto o significado do todo não corresponde à soma dos constituintes da construção. Já uma construção composicional é aquela em que a soma de suas partes é igual ao significado do todo. Por exemplo, a sentença *Marina pratica yoga pela manhã* ilustra uma construção composicional, pois a soma de suas partes indica o significado do todo.

A composicionalidade se apresenta em níveis (Traugott; Trousdale, 2013). Há construções:

- a) *mais composicionais* — quando o valor semântico representa a soma do significado de cada elemento da construção;

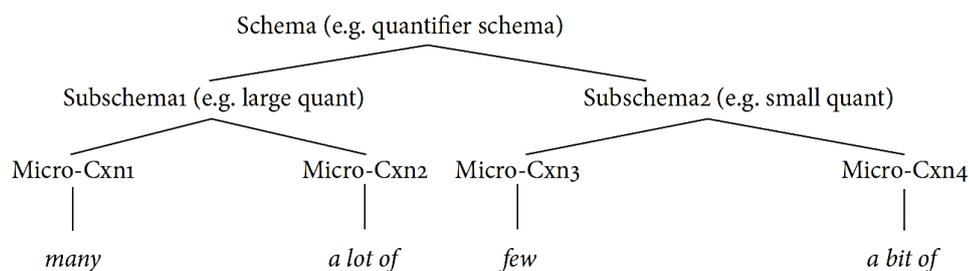
- b) *parcialmente composicionais* — quando o significado da construção está representado mais prototipicamente por um dos elementos da construção, de maneira que ocorra incompatibilidade do sentido em partes da construção;
- c) *não composicionais* — quando ocorre a incompatibilidade semântica em todos os elementos constituintes da construção.

Por se tratar de um esquema cognitivo, a construção de auxiliaridade não apresenta composicionalidade. No entanto, na microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ isso é observável.

A composicionalidade, a esquematicidade e a produtividade são ilustrados sob forma de redes construcionais em que a gradualidade das construções é descrita por Traugott e Trousdale (2013) em níveis: *esquemas*, *subesquemas*, *microconstruções* e *construtos*.

Os *esquemas*, são generalizações mais abstratas, de nível mais alto na rede, os *subesquemas*, apresentam algum nível de especificação na função ou no significado, as *microconstruções*, são os tipos (*types*) individuais de construção onde ocorre algum tipo de especificação formal, e os *construtos*, são ocorrências reais (*tokens*) produzidas em uma ocasião particular. Os autores sumarizam essa discussão, utilizando a rede da construção quantificadora como exemplo. A figura a seguir, ilustra essa proposta:

Figura 2 – Rede construcional dos quantificadores em Inglês.



Fonte: Traugott; Trousdale (2013, p. 17).

Nessa figura, o esquema é o nível mais alto e representa todos os tipos de quantificadores. Os subesquemas estão em um nível intermediário e são os quantificadores grande e pequeno. No nível mais abaixo, estão os vários tipos de microconstruções.

Em síntese, uma rede construcional é organizada por relações de herança que permitem capturar generalizações entre as construções (Goldberg, 1995). Dessa forma, nosso fenômeno de pesquisa encontra-se no nível das microconstruções, visto que corresponde a um padrão de

ordem cognitiva parcialmente esquemático que estabelece um vínculo de herança com uma construção mais esquemática denominada construção de auxiliaridade.

Essa organização em rede faz parte dos conhecimentos linguísticos compartilhados cognitivamente pelos falantes e está vinculada aos arranjos cognitivos que organizam o conhecimento de modo integrado, por meio de processos cognitivos gerais. Na seção seguinte, descreveremos os processos cognitivos que fundamentam a rede de construções linguísticas.

1.2.3 Processos cognitivos de domínio geral

Uma das formas mais complexas de comportamento humano é a linguagem. Por consequência, a língua é como um sistema adaptativo complexo, de processos cognitivos que lhe são subjacentes (Bybee, 2016). Esses processos cognitivos são fundamentais para o entendimento da língua como uma capacidade mental dos falantes. A gramática da língua é criada por processos cognitivos que também são responsáveis pela derivação da estrutura linguística.

Segundo Bybee (2016), os processos que geram as construções linguísticas são a *categorização*, o *chunking*, a *memória enriquecida*, a *analogia* e a *associação transmodal*. Conforme já mencionado, a *categorização* é a assimilação e o agrupamento de construções em grupos de famílias. A *analogia* ocorre quando o falante atribui ou identifica similaridades das construções e cria enunciados com base em experiências prévias (Bybee, 2016).

Bybee (2016, p.27), quando discutiu o assunto, afirmou que “A analogia também requer categorização; as partes de ocorrências anteriormente produzidas podem ser segmentadas em unidades que são alinhadas e categorizadas antes que novos enunciados possam ser formados com elas”. Esse processo analógico ocorre também graças à *memória enriquecida*, que é o processo pelo qual o falante armazena, em sua mente, aspectos da forma e do significado das construções, associados ao contexto de uso (Bybee, 2016). A microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ é um exemplo de construção estocada da mente do falante por meio desse processo cognitivo.

O *chunking* caracteriza-se por ser um processo pelo qual unidades são combinadas frequentemente juntas para formar exemplares mais complexos (Bybee, 2016). Nesse sentido, a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ é um *chunking*, que se desenvolve pela requisição de outro elemento verbal na memória enriquecida. Na medida em que essa construção foi sendo utilizadas pelos falantes, alguns verbos se convencionalizaram para denotar as noções de tempo, modo, número, pessoa e aspecto da ação verbal; e outros — postos no infinitivo, gerúndio ou particípio — expressam a informação semântica principal.

A *Associação transmodal* é a capacidade que falante tem de estabelecer um elo entre forma e significado (Bybee, 2016). Se em um determinado contexto uma forma é frequentemente utilizada, o falante associa cognitivamente a estrutura da construção a essa situação. A associação transmodal também possibilita a mudança contextual de determinada forma, o que favorece a metaforização das construções, como observado na ocorrência a seguir:

(4) Sentia sozinha, né. Falta da mãe, o irmão doente pra mim cuida. Sinti tudo aquilo só pra mim cuida sozinha. Aí **foi caindo** tudo né, sozinha só eu pra fazer tudo (FG).

A construção *foi caindo*, prototipicamente, corresponde ao contexto de deslocamento de um objeto físico no sentido descendente. No entanto, em (4), a construção está associada a um contexto mais metaforizado de infortúnio.

Em suma, esses processos cognitivos regulam o uso das construções em rede na língua, possibilitando o surgimento e apropriação de novos padrões construcionais (Justino, 2018). Por meio da analogia, por exemplo, um novo padrão construcional pode surgir por novas representações mentais que os usuários fazem de construção já existente. Neste sentido, essas novas construções são resultadas de mudanças nas propriedades funcionais e/ou formais de construções já estabelecidas na língua. No próximo capítulo, discutiremos um pouco mais sobre esse assunto.

1.2.4 O fenômeno de mudança linguística

Os estudos relativos ao surgimento de novas construções linguísticas têm sido alvo de discussões por diversos autores das mais variadas correntes teóricas. Como representantes da abordagem construcionista da linguagem, Traugott e Trousdale (2013) desenvolveram suas pesquisas visando compreender como essas mudanças ocorrem nas línguas.

Para esses autores, as mudanças construcionais ocorrem por dois processos distintos: a *mudança construcional*, que consiste em uma série de alterações na forma ou no significado das construções, e *construcionalização*, que se refere às alterações na forma e no significado simultaneamente, o que gera a criação de um novo nó na rede.

Para Traugott e Trousdale (2013), a *mudança construcional* é uma série de “neoanálise”¹⁰ em pequenos passos que afetam a ordem interna das construções, ocasionando

¹⁰ Também conhecido como *reanálise*, esse mecanismo consiste na criação de novas estruturas gramaticais (Bybee, 2016).

uma reinterpretação semântica ou reorganização formal em determinados contextos de uso. Já a *construcionalização* “[...] forma novos tipos de nós, que têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes. Ela é acompanhada por mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade”¹¹ (Traugott; Trousdale, 2013, p.22, tradução nossa).

A construcionalização opera tanto no nível gramatical quanto no nível lexical. Esta última, consiste na criação de uma nova construção que contém função lexical/referencial. A construcionalização gramatical, por sua vez, diz respeito ao desenvolvimento de uma nova construção na língua que apresenta função gramatical/procedural (Traugott; Trousdale, 2013).

O processo de construcionalização gramatical, proposto por Traugott e Trousdale (2013), também é denominado por outros estudiosos como gramaticalização (cf. Bybee, 2016, Heine, 1993; Hopper, Traugott, 2008). A gramaticalização, de maneira geral, consiste na criação de categorias gramaticais e “refere-se ao aparecimento de marcadores gramaticais tais como caso, tempo, aspecto, modalidade, modo, conectivos etc.” (Traugott; Trousdale, 2013, p.32, tradução nossa).¹²

Para Bybee (2016), o processo de gramaticalização envolve a criação de novas construções linguísticas com base em uma construção existente. Esse processo ocorre de forma gradual e está diretamente relacionada com a frequência de uso e envolve vários mecanismos como: *chunking*, redução fonética, generalizações (via analogia) para novos contextos, inferência pragmática, autonomia crescente e habituação (Bybee, 2016).

Para Castilho (2014), a gramaticalização envolve um conjunto de processos nos quais uma palavra (i) adquire novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas; (ii) transforma-se em um novo *chunk* e (iii) pode desaparecer, em consequência de uma extrema cristalização.

De acordo do Heine (1993), a gramaticalização é um tipo de metáfora em que um item mais concreto se torna gradualmente mais abstrato. Dessa maneira, autor propõe sete estágios para o processo de gramaticalização:

- a) No primeiro estágio, denominado “estágio A” pelo autor, o verbo apresenta seu significado lexical completo.

¹¹ **Texto original:** “It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality.”

¹² **Texto original:** “refers to the coming into being of grammatical markers such as case, tense, aspect, modality, mood, and connectives, etc.”

- b) No segundo estágio, o verbo inicia o caminho da auxiliaridade, mas ainda é um verbo pleno.
- c) No terceiro estágio, o verbo recebe o *status* de quase-auxiliares, semiauxiliares ou catenativos.
- d) No quarto estágio, o verbo perde a capacidade de formar imperativos, de ser nominalizado ou de ser passivizado.
- e) No quinto estágio, o verbo perde sua capacidade de ser negado separadamente e de ocorrer em outras posições na cláusula. Eles são considerados “híbridos linguísticos” que combinam as características de verbos lexicais e marcadores gramaticais. Dessa forma, tendem a ser percebido pelos gramáticos como pertencentes a uma categoria diferente da dos verbos plenos.
- f) No sexto estágio, o verbo perde praticamente todas as propriedades verbais restantes e se estabelece morfosintaticamente como elemento gramatical.
- g) No sétimo estágio, o verbo se torna um marcador gramatical.

Ainda para o autor, a gênese das expressões gramaticais deriva do domínio de conceitos concretos como:

- a) localização ("x está em y");
- b) movimento (x se move de/para y);
- c) ação/atividade (x faz y);
- d) desejo/vontade (x quer y);
- e) posse (x tem y);
- f) mudança de estado (x se torna y).

Compreender o conteúdo esquemático desses eventos é crucial para reconstruir o processo subjacente à auxiliaridade, pois “a evolução dos auxiliares é o resultado da transferência conceitual de um conjunto limitado de esquemas de eventos concretos para expressões de funções abstratas de tempo, aspecto e modalidade (Heine, 1993, p.103, tradução nossa)”¹³. Trataremos mais desse assunto no capítulo seguinte.

¹³ **Texto original:** “[...]the evolution of auxiliaries is the result of conceptual transfer from a limited pool of concrete event schemas to expressions of abstract functions of tense, aspect, and modality.”

2 AUXILIARIDADE

A formação da auxiliaridade é resultado de novos usos dos verbos e por isso uma mudança linguística em que um verbo pleno torna-se verbo auxiliar, isto é, passa a exercer o papel de modificar o sentido lexical de outro verbo, chamado de verbo principal.

Os auxiliares “[...] expressam conceitos gramaticais tipicamente relacionados ao estado temporal (tempo), aos contornos temporais (aspecto) e ao tipo de realidade (modalidade) dos conteúdos proposicionais (Heine, 1993, p.28, tradução nossa)”¹⁴. Dessa forma, segundo Heine (1993), os domínios nocionais tempo, aspecto e modalidade constituem os domínios centrais das expressões auxiliares.

Corroborando com esse entendimento Neves (2001) quando afirma que os verbos auxiliares são operadores gramaticais que indicam modalidade, aspecto, tempo e voz. Para a autora, os verbos auxiliares modalizadores (*dever, precisar, poder* etc.), junto aos verbos principais, servem para indicar modalidade deontica e epistêmica. Os verbos aspectuais (*estar, começar* etc.) formam perífrases que indicam o tempo interno do evento descrito (início, desenvolvimento, hábito, progressão, término etc.). Já os verbos que auxiliam na indicação de voz, como o verbo *ser*, formam perífrases com verbos no particípio que indicam a voz passiva.

Ainda para a autora, existem os auxiliares que indicam tempo. Como exemplo de verbo auxiliar de tempo, temos o caso do verbo *ir*. A gramaticalização do verbo *ir* envolve processos metafóricos que resultaram em uma transferência de um domínio espacial (o de movimento) para um domínio mais abstratizado, o tempo dêitico.

Em síntese, os auxiliares reúnem as seguintes propriedades, segundo Heine (1993):

- a) fornecem expressões para diferentes domínios nocionais, especialmente para os domínios de tempo verbal, aspecto e modalidade.
- b) carregam informações morfológicas como marcar distinções de pessoa, número, tempo verbal/aspecto/modalidade etc.
- c) expressam funções gramaticais, mas exibem, pelo menos até certo ponto, uma morfossintaxe verbal.
- d) também ocorrem como verbos plenos.
- e) não têm um significado próprio ou não contribuem para o significado da frase.
- f) formam junto aos verbos principais entidades conceituais mais complexas.

¹⁴ **Texto original:** “Assuming that auxiliaries express grammatical concepts typically relating to the temporal state (tense), the temporal contours (aspect), and the type of reality (modality) of propositional content.”

De acordo com a propriedade (f), os deslizamentos categoriais ocorrem, no âmbito de uma construção, isto significa que o que se gramaticaliza é a construção não o item lexical isoladamente (Heine, 1993). Dessa forma, “uma sequência de palavras ou morfemas frequentemente usados tornam-se automatizados como unidade de processamento simples” (Bybee, 2003 *apud* Gonçalves, 2015, p.114). Como exemplo no português brasileiro, temos a construção de auxiliaridade, assunto sobre o qual trataremos no item seguinte.

2.1 A construção de auxiliaridade no português brasileiro

A construção de auxiliaridade é um esquema construcional generalizado no PB. Trata-se de um padrão cognitivo que opera no sistema predicativo da língua e pode ser representado pelo seguinte esquema:

Figura 3 – Esquema da construção de auxiliaridade.

$$\text{Cx: } [V_{aux}V_p]$$

Fonte: Elaboração própria.

Nessa representação esquemática, (V_{aux}) simboliza um elemento verbal gramaticalizado, que codifica informações de tempo, modo, número, pessoa e aspecto e (V_p) corresponde a um verbo em sua forma nominal, que traduz a informação semântica principal da construção (Longo, 2015).

A construção de auxiliaridade consiste em uma construção mais generalizada, de nível superior e pertence ao macroesquema da predicação. No macroesquema da predicação, o verbo pleno (ou verbo simples) é o membro central da categoria de predicado, uma vez que apresenta todas as propriedades sintático-semânticas de um predicado verbal prototípico. É com base nesse verbo e nas suas relações sintático-semânticas que se constroem padrões sentenciais básicos na língua (Goldberg, 2006).

Algumas construções verbais, por outro lado, são mais complexas em sua configuração morfossintática — esse é o caso da construção de auxiliaridade que instancia a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$. Nessa construção, coexistem duas formas verbais: o verbo auxiliar e uma forma verbal no infinitivo, gerúndio ou particípio (Castilho, 2014; Longo, 2015).

Na categoria de predicado verbal, a construção de auxiliaridade ocupa uma posição mais descentralizada em relação ao protótipo, pois o verbo auxiliar perde a capacidade lexical de

codificação do evento e passa a exercer funções gramaticais, ao passo que a função de designar os eventos no mundo é feita pelo verbo em sua forma nominal.

Para demonstrar as diferenças morfossintáticas da construção de auxiliabilidade e de predicados com verbos plenos, exemplificaremos adiante aspectos morfossintáticos de uma construção com verbo pleno e uma construção com verbo auxiliar, respectivamente:

- (5) foi a primeira vez que eu fui num salão cortar o cabelo com mulher né... salão... cortá o cabelo mesmo... (FG).
- (6) Subino nas coisas assim né... aí um dia... é... era até... um dia de eleição... minha mãe dexô nós i... brincá pra... qu/ela ia saí... aí eu fui balançá menino... balançá na... na trave assim... dum barranco da... duma casa da minha tia... tinha um barranco... a gente pulava assim... fui balançá... caí... quebrei meu braço...(FG).

Em (5), temos uma estrutura argumental em que a semântica do verbo pleno (*ir*) estabelece uma relação com o argumento sintático em contexto de intransitividade. Por isso, nessa configuração, o verbo *ir* seleciona um único argumento com função de sujeito (agente). A configuração morfossintática dessa construção com verbo pleno pode ser representada pelo seguinte esquema construcional:

Figura 4 – Esquema da construção com verbo pleno.

Cx: [SN [V]]

Fonte: Elaboração própria.

Por outro lado, a construção em destaque em (6) é mais complexa do ponto de vista morfossintático. Nesse exemplo, o predicado seleciona dois argumentos, um sujeito (eu) e um objeto (menino). Para sumarizar essa discussão, apresentaremos, a seguir, a configuração morfossintática da construção de auxiliabilidade, em comparação à construção com verbo pleno:

Figura 5 – Comparativo da construção com verbo pleno e da construção de auxiliabilidade.

Eu fui em um salão

Cx: [SN [V]]

Eu fui balançar menino

Cx: [SN [V_{aux} V_p] SN]

Fonte: Elaboração própria.

A constituição do padrão de auxiliaridade como uma categoria na língua portuguesa é fruto de mudanças graduais no nível da predicação, conforme demonstra o trabalho de Gonçalves (2012). Em uma perspectiva diacrônica do estágio do processo de gramaticalização do verbo *ir* no português brasileiro em textos de gêneros similares dos séculos XVIII, XX e XXI, Gonçalves (2012) constatou que, no século XVIII, o verbo *ir* ainda era usado em seu sentido lexical prototípico, isto é, era usado para expressar movimento no espaço físico. Entretanto, a autora demonstrou, por meio de outros estudos, que o processo de gramaticalização do verbo *ir* iniciou-se muito antes do período moderno, ou seja, quando era falado o galego-português ou mesmo o latim.

No período contemporâneo, que compreende os séculos XX e XXI, Gonçalves (2012) demonstrou que o uso da forma gramatical *ir* passou a ser mais predominante, isto é, o verbo foi empregado mais na função de auxiliar temporal do que na função de verbo pleno. Isso demonstra, segundo a autora, que o processo de gramaticalização desse verbo encontra-se em um nível de estágio adiantado no português brasileiro.

Outro estudo que trata do padrão de auxiliaridade foi o de Rech (2013), que analisou construções com os verbos *ir* e *ter* em relação aos cinco critérios de verificação do grau de gramaticalidade adotados por Longo e Campos (2002). A saber: (i) inseparabilidade; (ii) irreversibilidade; (iii) esvaziamento semântico; (iv) recursividade e (v) critério da perda de características sintáticas. Nesse estudo, autora também investigou a (in)compatibilidade dos verbos temporais *ir* e *ter* com a natureza aspectual do seu complemento, com base em Vendler (1967).

Com o objetivo principal de investigar se esses verbos constituem auxiliares e se são compatíveis com predicados de diferentes classes aspectuais (*aktionsarten*), Rech (2013) demonstrou que tais verbos apresentam usos diferentes a depender do contexto, entretanto, são classificados também como auxiliares. O verbo *ter* é caracterizado pela autora como indicador do tempo passado perfeito composto e o *ir* é classificado como auxiliar de futuridade.

Reis (2018) também estudou os usos do verbo *ir* em sua forma simples e em sua forma perifrástica, com o intuito de verificar se os usos indicam ou não a preferência pela estrutura que evidencia a gramaticalização. Nesse estudo, o pesquisador constatou que o verbo *ir* como indicador de movimento espacial é usado principalmente no tempo presente. Quanto a sua forma perifrástica, os usos denotam temporalidade, o que evidencia o processo de gramaticalização sofrido por esse verbo.

Outro estudo sobre auxiliaridade foi feito por Ferreira (2012), que descreveu a manifestação do processo de auxiliaridade do verbo *chegar*. Para atestar o grau de auxiliaridade

e de gramaticalização desse verbo, a autora considerou os seguintes critérios : (i) perda sêmica, (ii) detematização, (iii) coesão semântica, (iv) impossibilidade de inserção de material entre auxiliar e verbo principal, (v) impossibilidade de negação frásica do domínio finito, (vi) correferencialidade de sujeito, (vii) impossibilidade de substituição do infinitivo pelos pronomes “isso” ou “tanto”, (viii) impossibilidade de ocorrência de complemento oracional finito, (ix) correspondência semântica entre passiva e ativa, (x) integridade sintática e (xi) recursividade.

Depois de avaliados esses critérios de identificação de auxiliares, Ferreira (2012) contou que o verbo *chegar* é compatível com 09 (nove) dos 11 (onze) critérios de auxiliaridade, o que demonstra um estágio avançado de gramaticalização desse verbo no português brasileiro.

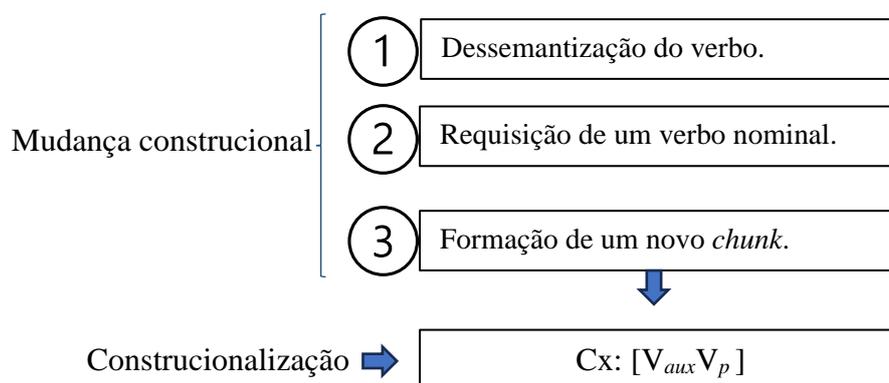
Estudos como esses são fundamentais para a compressão do processo de formação das construções auxiliares no português brasileiro. Sob a ótica construcionista, acreditamos que, em razão da natureza dinâmica da língua e de necessidades comunicativas de codificação linguística do evento, esse processo de mudança da construção de auxiliaridade aconteceu por meio de alguns estágios.

Em um primeiro momento, entendemos que ocorreu uma mudança construcional relacionada à dessemantização¹⁵ do verbo em alguns contextos, devido a uma elevada frequência de uso, isto é, o verbo pleno perdeu a capacidade de codificar os acontecimentos no mundo e começou a exercer prioritariamente funções de natureza gramatical.

A partir dessa dessemantização do verbo, ocorreu outra mudança construcional, pois se entende que o falante começou a requisitar no léxico formas nominais para assumir as propriedades lexicais observadas nos verbos plenos. Assim, nessa construção, o verbo que ocupa a primeira posição é considerado um auxiliar que detém informações gramaticais acerca do evento codificado pelo verbo principal. Pela frequência de uso, esses dois verbos começaram a ser cognitivamente entrincheirados no PB, formando um *chunk*, possibilitando a construcionalização de um novo esquema: a construção de auxiliaridade. A figura a seguir, sumariza essas considerações:

¹⁵ A dessemantização consiste na perda do valor representacional de um item, dado que ocorre um esvaziamento semântico, geralmente relacionado ao processo de gramaticalização (Martelotta, 2011).

Figura 6 – Processo de formação da construção de auxiliaridade no PB.



Fonte: Elaboração própria

Após o processo de mudança ocorreu a reanálise do padrão construcional de auxiliaridade e a convencionalização da construção. A contar desse processo, a construção de auxiliaridade se estabeleceu como uma construção na língua e começou instanciar subesquemas, bem como, microconstruções e construtos. Essas instâncias são resultado das necessidades comunicativas dos falantes em contextos de interação e herdada, por um processo analógico, características formais e semânticas do esquema cognitivo da predicação.

Na constituição da construção de auxiliaridade no PB ocorre uma redistribuição das funções semânticas entre os elementos da construção, ou seja, as categorias semânticas que antes eram codificadas pelo verbo pleno são agora codificadas pelo verbo auxiliar e pelo verbo principal. Dentre essas categorias, encontram-se as categorias tempo e aspecto. Nas próximas seções, apresentaremos as visões gerais sobre esse assunto, dado que essas informações são caras à nossa pesquisa.

2.2 A categoria tempo

A todo momento estamos armazenando informações que já ocorreram, vivenciando novas experiências e projetando outras. Essas experiências estão relacionadas com um conceito fundamental: o de tempo. A concepção de tempo está presente em todas as culturas e sociedades humanas. Por isso, desde a antiguidade, o tempo tem sido objeto de reflexão e estudos por diversos filósofos, físicos, matemáticos, linguistas etc. Cada área da ciência humana compreende o tempo a sua maneira.

Na linguística, há diferentes acepções relativas ao termo “tempo”. Ilari (2022), apresentou duas distinções sobre a concepção de tempo: o *tempo da linguagem*, que remete à

morfemas, palavras e construções gramaticais, e o *tempo do mundo*, que diz respeito a fatos com determinadas relações cronológicas. Bagno (2012), seguindo um pensamento semelhante, também estabeleceu duas concepções acerca do tempo: o *tempo físico*, que diz respeito ao transcorrer do tempo na realidade, e o *tempo verbal*, que “está sempre ancorado *no momento da fala*, no aqui e agora da enunciação, ou num momento diferente do momento da fala ao qual o contexto linguístico deu saliência” (Bagno, 2012, p.512, grifo do autor).

Oliveira *et al.* (2001), ao falar sobre o assunto, diferenciou quatro acepções sobre tempo: o *tempo físico*, que é utilizado pelas concepções científicas da Física; o *tempo meteorológico*, que diz respeito às condições meteorológicas, o *tempo linguístico*, que se relaciona com a forma como os indivíduos situam os acontecimentos do mundo na fala e na escrita; e o *tempo verbal*, que são as formas em que o verbo se conjuga para indicar os vários tempos gramaticais.

Outro ponto de vista que buscou explicar o tempo linguístico, de acordo com Corôa (2005), é o proposto pelo filósofo e lógico Hans Reichenbach (1948), que apresentou três momentos que são relevantes para o estudo dos tempos verbais: *event* — momento do evento, *reference* — ponto/momento de referência e *speech* — momento de fala.

O *momento do evento* (doravante ME) é momento em que acontece o evento descrito, isto é, localiza no tempo a ação expressa pelo verbo. O *momento de referência* (doravante MR), também chamado de ponto de referência, é um ponto relativo sobre o qual um evento predicado por uma declaração está ancorado. O *momento da fala* (doravante MF) diz respeito ao momento em que o falante produz a declaração. Em outras palavras, situa o momento de ocorrência da situação sobre três perspectivas: ao momento anterior da fala (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a esse momento.

De acordo com Corôa (2005), dos três momentos, o ME é o que mais se manifesta concretamente por ter um referente definido e captar de forma mais objetiva o intervalo de tempo em que ocorre evento descrito. O MF, por estar mais ligado ao ato de comunicação e à pessoa do discurso, não apresenta um intervalo de tempo concreto. O MR é o mais complexo e só pode ser compreendido dentro de um sistema referencial que pode ser codificado na língua ou acessado contextualmente. As sentenças, a seguir, exemplificam melhor o assunto:

(7) 1967: Eclode a Guerra dos Seis Dias...¹⁶

¹⁶ **Título de notícia disponível em:** <https://noticias.uol.com.br/ultimasnoticias/deutschewelle/2018/06/05/1967-eclode-a-guerra-dos-seis-dias.htm>. Acesso em 18 de maio de 2023.

(8) Combates eclodem nas ruas da segunda maior cidade da Ucrânia¹⁷

Nos exemplos, o tempo presente codificado pelo verbo *eclodir* são diferentes nas sentenças. Cada uma desses enunciados apresentam um MR distinto. No primeiro exemplo, a referência temporal do evento descrito é indicada no texto por meio do ano convencionalmente aceito no mundo ocidental (nesse caso, o ano de 1967). No segundo, apesar de não estar codificado textualmente, é possível inferir que têm os dias atuais como MR.

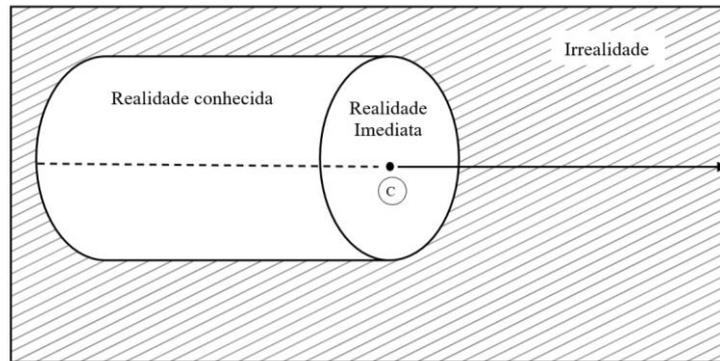
Langacker (1991 *apud* Abraçado, 2020)¹⁸, sob uma perspectiva cognitivista da linguagem, discutiu uma concepção de tempo procurando explicar a maneira como conceptualizamos os eventos que ocorrem no mundo. Segundo o autor, quando pensamos ou falamos sobre determinadas situações estamos atribuindo-lhes um estatuto de realidade. Além disso, temos consciência de que possuímos um conhecimento fragmentado e limitado da realidade, isto é, sabemos que conhecemos certas situações/coisas, mas também temos consciência de que desconhecemos ou ignoramos outras. Como tal, nosso conhecimento pode ser incompleto ou mesmo falso.

O autor acrescentou ainda que nosso conhecimento não está restrito à apreensão direta sobre a realidade e sim inclui nossa capacidade de avaliar as situações e a aceitarem como real ou irreal. A esse respeito, Langacker (1991) desenvolveu uma concepção mais elaborada da realidade, dado que são incorporados a esse processo de conceptualização, o conhecimento daquilo que não ocorreu, o conhecimento do que poderá ocorrer e o conhecimento do que poderia ter ou não ocorrido (Abraçado, 2020).

Para explicar essa noção, Langacker (1991) elaborou as proposições de *realidade básica* e de *realidade elaborada*. A primeira corresponde às situações diretamente apreendidas e a segunda está no nível das proposições e pertencem à uma área específica da realidade. Para explicar as relações entre tempo e concepção de realidade, o autor propôs diferentes modelos epistêmicos do mundo, como o modelo a seguir, que ilustra a concepção da realidade no nível básico:

¹⁷ **Título de notícia disponível em:** <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/combates-eclodem-nas-ruas-da-segunda-maior-cidade-da-ucrania/>. Acesso em 18 de maio de 2023.

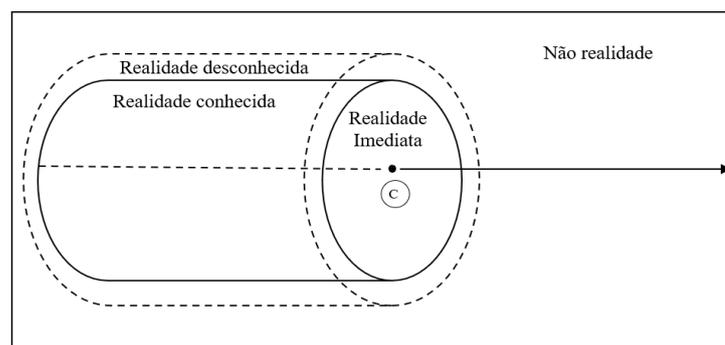
¹⁸ Nesta dissertação, toda e qualquer referência a Langacker (1991) foi retirada de Abraçado (2020). Quando houver exceções, estas serão mencionadas no texto.

Figura 7 – Modelo epistêmico básico de Langacker.

Fonte: Langacker (1991 *apud* Abraçado, 2020, p.38).

Nesse modelo, Langacker (1991) ilustrou três maneiras sobre o qual conceptualizamos as situações: *realidade conhecida*, *realidade imediata* e *irrealidade*. A *realidade conhecida* contém as informações que o conceptualizador aceita como reais. A *realidade imediata* se refere à maneira como o conceptualizador assimila a situação a por ele descrita. Tudo o que não é realidade está no plano da *irrealidade*.

Para atender a proposição de realidade elaborada, Langacker (1991) desenvolveu outros três modelos: o *modelo epistêmico elaborado*, o *modelo de linha do tempo* e o *modelo evolutivo dinâmico*. O *modelo epistêmico elaborado*, a seguir, envolve a percepção de que a realidade apreendida pelo conceptualizador não corresponde a tudo o que existe no mundo e na história evolutiva.

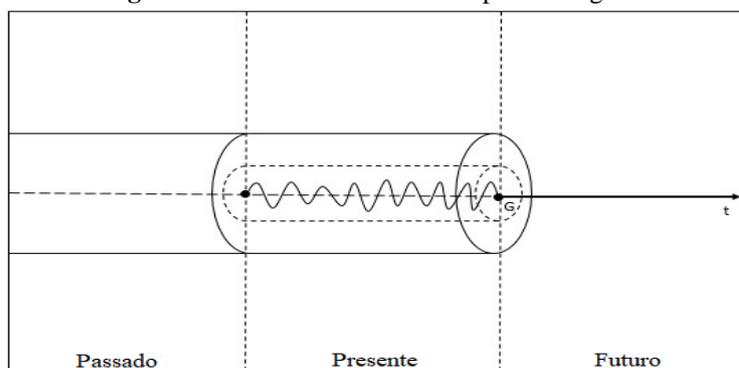
Figura 8 – Modelo epistêmico elaborado de Langacker.

Fonte: Langacker (1991 *apud* Abraçado, 2020, p.40).

Nesse modelo, o núcleo da realidade conhecida está envolto por um cilindro tracejado que representa a realidade desconhecida, isto é, as situações cuja existência o conceptualizador não aceita como tendo sido estabelecida e as situações que o conceptualizador desconhece. A realidade desconhecida, sob o ponto de vista do C, pertence à irrealidade e o restante corresponde a não realidade.

No *modelo de linha do tempo*, representado na figura a seguir, o autor agregou duas noções adicionais: a de tempo (t), isto é, o eixo ao longo do qual a realidade evolui, e a de *ground* (G), que diz respeito ao ato de fala e suas circunstâncias.

Figura 9 – Modelo de linha de tempo de Langacker.



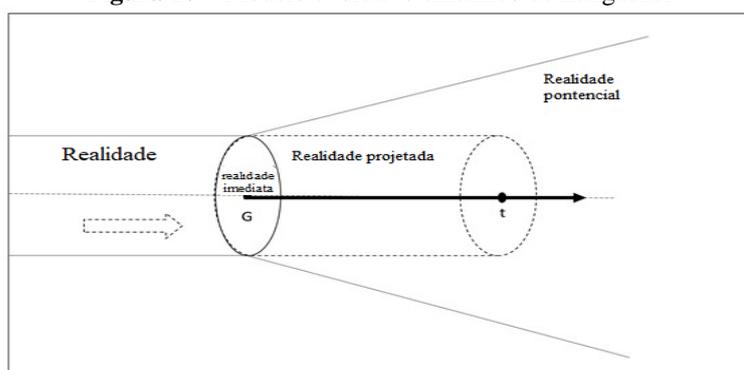
Fonte: Langacker (1991 *apud* Abraçado, 2020, p.41).

O *modelo de linha de tempo*, evidencia um evento de fala onde se encontra o falante e o ouvinte. A esse respeito Souza e Abraçado (2020) afirmaram que

o locus de um evento de fala nada mais é do que a realidade imediata, e é a partir desse ponto de vista que o falante ouvinte conceptualizam um significado de enunciado. Um ato de fala não é pontual. Tem uma duração temporal breve, como indica a linha sinuosa. O tempo é segmentado em passado, presente e futuro e, uma vez que a realidade (R) compreende o passado e o presente, a realidade imediata constitui o presente, e a realidade não imediata corresponde ao passado (p. 29, grifo das autoras).

De acordo com Langacker (1991 *apud* Souza; Abraçado, 2020), os três modelos sobre a realidade representam aspectos indissociáveis de uma única concepção de realidade elaborada. No entanto, o autor formula outro modelo denominado *modelo evolutivo dinâmico* da realidade, ilustrado na figura seguinte:

Figura 10 – Modelo evolutivo dinâmico de Langacker.



Fonte: Langacker (1991 *apud* Abraçado, 2020, p.42).

Nesse modelo, a seta tracejada representa o impulso evolutivo da realidade. As situações que consideramos possíveis está no âmbito da realidade potencial. As situações que o conceptualizador prevê com base em seu conhecimento do mundo e em suas experiências passadas e presentes correspondem à realidade projetada.

A respeito das proposições de Ronald Langacker, Abraçado (2020), afirmou que a localização temporal de uma determinada situação envolve não somente as situações existenciais em si, mas também o conhecimento que os conceptualizadores envolvidos no ato comunicativo possuem. Sob essa ótica, a autora, disse que “quando falamos de predicções temporalmente marcadas, estamos falando de predicção epistêmicas, pois se referem ao estatuto epistêmico da situação descrita” (Abraçado, 2020, p.45).

Levando em conta essas considerações, é possível perceber que a concepção de tempo está atrelada à cognição humana. Assim sendo, a categoria linguística de tempo é uma manifestação cognitiva universal e em todas as línguas há marcas linguísticas que localizam os eventos em um eixo temporal. No caso do português os falantes tendem a marcar prototipicamente a expressão temporal por meio do verbo (Abraçado, 2020; Corôa, 2005). Falaremos sobre esse assunto na seção seguinte.

2.2.1 O tempo verbal

O verbo é “a palavra temporal por excelência”, dado que “são os verbos os elementos linguísticos que mais de imediato situam a ação, estado, evento ou processo na sua relação temporal com a enunciação e o falante/ouvinte” (Corôa, 2005, p.34).

No português, os tempos verbais tradicionalmente conhecidos são o presente, o passado e o futuro. Corôa (2005), ao tratar desses tempos verbais, afirmou que o presente é “*tempus*” em que o ME, MF e MR são simultâneos. Quanto às formas de Pretérito e de Futuro a autora estabeleceu a seguinte proposição:

- a) *Pretérito mais-que-perfeito*: o ME é anterior ao MR que, por sua vez, é anterior ao MF;
- b) *Pretérito imperfeito*: o ME é simultâneo ao MR e ambos anteriores ao MF;
- c) *Pretérito perfeito*: o ME é anterior ao MF e este é simultâneo com MR;
- d) *Futuro do presente*: o MF é simultâneo ao MR e ambos anteriores ao ME;
- e) *Futuro do pretérito*: o MR é anterior ao MF, que, por sua vez, é anterior ao ME.

A autora disse ainda que os estudos sobre esses verbais apontam para o fato de ser uma categoria dêitica¹⁹, isto é, está diretamente relacionado ao momento da enunciação. Dessa forma, o falante relaciona todos os eventos ao seu próprio ponto de vista.

Neves (2018) corrobora com esse entendimento quando afirmou que os tempos verbais estão intrinsecamente relacionados com o “eu”, o “hoje”, o “aqui” e o “agora” na produção do enunciado. A autora explicou que os tempos verbais se interpretam pelas relações entre:

- a) *o tempo/momento da fala, ou enunciação*: que diz respeito ao “agora” do “eu” que fala;
- b) *o tempo/momento da referência*: que pode ser simultâneo ou não simultâneo, anterior ou posterior ao momento da enunciação;
- c) *o tempo/momento do evento, do acontecimento, do estado de coisas, processo ou estado*: que pode ser simultâneo ou não simultâneo, anterior ou posterior ao momento da referência.

Para exemplificar essas relações, Neves (2018, p.167, grifo da autora) recorreu ao seguinte exemplo: “Não **pude ir** à estação ontem”. Nesse enunciado o tempo da enunciação é o “agora”, isto é, o momento da fala. O tempo de referência, registrado no texto, é o *ontem*. O tempo do evento coincide com o tempo de referência, ou seja, o *ontem*.

Langacker (1991) também partiu da concepção dêitica de tempo para explicar as localizações temporais de uma dada situação. Sob a ótica lagackeriana, essa localização temporal acontece no momento presente da enunciação. A enunciação funciona como ponto de vista, ponto de referência partir do qual as concepções de tempo verbal se estabelecem nos usos linguísticos. O autor considerou que o tempo verbal presente se caracteriza pela coincidência completa do enunciado com o tempo de enunciação. O passado é caracterizado pela anterioridade ao ato de fala e o futuro pelo ato posterior a fala. Em termos gerais esses tempos verbais, indicam, respectivamente, *realidade imediata*, *realidade passada* e *realidade potencial*.

Conceber o tempo linguístico a partir de um ato de fala reforça a concepção de que os eventos narrados por um conceptualizador são frutos de sua percepção cognitiva da realidade e não corresponde à realidade factual. Isso explica, por exemplo, o uso do tempo presente para se referir a situações que não estão situadas no momento da enunciação. Esses acontecimentos

¹⁹ A noção de *dêixis* pode ser definida na linguística como a localização dos sujeitos da enunciação, objetos, eventos, processos e atividades que compõem o contexto espaço-temporal no ato enunciativo.

referidos são acessados e revividos na memória pelo conceptualizador com base em uma realidade imediata.

Castilho (2014), seguindo um pensamento semelhante, afirmou que não usamos as formas temporais exclusivamente para apontar o tempo cronológico dos estados de coisas, situando-nos em termos de tempo simultâneo, anterior ou posterior ao ato de fala. O autor aponta outras três situações de uso:

- a) quando o falante descreve um estado de coisas que coincide com o tempo cronológico, tem-se o *uso real*;
- b) quando o falante se desloca para um espaço imaginário, fazendo usos metafóricos das formas verbais, tem-se o *tempo fictício*;
- c) quando o falante se desloca para um domínio vago, impreciso, que não coincide com o tempo real, dessa forma ele faz *uso atemporal* das flexões verbais.

Os tempos verbais correlacionam-se com modos verbais. Os tempos verbais do modo indicativo demonstram fatos de existência objetiva, ou seja, ações tidas certas e reais. Os tempos verbais do modo subjuntivo transmitem ações possíveis, que geralmente são dependentes de outras. E os tempos no modo imperativo expressam uma ordem, pedido, exortação etc. (Azeredo, 2014).

Com base nos tipos de realidade postulados Langacker e de estudos apoiados nessa perspectiva, Abraçado (2021) constatou uma relação entre tempo, modo e concepção de realidade no PB. O quadro, a seguir, demonstra essas relações:

Quadro 1 – Relação entre tempo, modo e concepção de realidade, segundo Abraçado.

PASSADO	PRESENTE	FUTURO
REALIDADE NÃO ESTABELECIDADA Modo subjuntivo		REALIDADE POTENCIAL Modo subjuntivo Verbo modais
REALIDADE FACTUAL Modo indicativo		REALIDADE PROJETADA Modo indicativo

Fonte: Abraçado (2021, p.10).

De acordo com esse quadro elaborado pela pesquisadora, as formas verbais, simples ou compostas, no modo subjuntivo, quando empregadas no tempo presente ou pretérito, correspondem à realidade não estabelecida. Quando empregadas no tempo futuro, equivale à realidade potencial proposta por Langacker (1991).

Em relação ao modo indicativo, as formas verbais referentes ao passado (pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito) e ao presente (presente simples e presente progressivo) são caracterizadas como realidade factual. No futuro, empregamos o modo indicativo, caracterizado como realidade projetada. Abraçado (2021) apontou também, nesse quadro, os verbos modais como pertencentes a realidade projetada. A autora ressaltou ainda que o presente do indicativo também é utilizado para referência a eventos passados e futuros.

Os três tempos verbais, no PB, podem ser gramaticalizado em simples, sendo formados por apenas um verbo pleno, ou complexos, sendo formados por outras perífrases verbais constituídas por um verbo auxiliar e um verbo pleno em sua forma nominal (Ilari, 2022). A microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ pertence ao âmbito dos tempos complexos.

Os tempos complexos são constituídos tradicionalmente pelas perífrases formadas com *ter* e *haver* com o verbo principal no particípio (Ilari, 2022). Há, no entanto, muitas outras perífrases verbais que denotam noções temporais. Ilari (2022), por exemplo, descreveu as formas complexas: *acabar de + infinitivo*; *dever, ter que, haver de + infinitivo* e a forma *ir + infinitivo*. Esta última é uma das formas que a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ pode assumir.

Ilari (2022, p.9), em seus estudos sobre a expressão do tempo em português, também apontou para o fato de não haver nas construções temporais uma “correspondência biunívoca (um a um) entre os recursos expressivos e os conteúdos expresso”, dado que uma forma verbal do presente do indicativo pode remeter, por exemplo, ora a fatos do presente, ora a fatos do futuro ou mesmo passados.

O autor também aponta que muitas construções utilizáveis para expressar tempo também exprimem outros conteúdos, especialmente modo e aspecto. Em função do exposto, a apresentaremos, na seção seguinte, a categoria gramatical aspecto, uma vez que a expressão do aspecto é tema de nossa análise e estabelece uma relação com a categoria tempo.

2.3 A categoria aspecto

Tanto o aspecto quanto tempo são categorias de TEMPO²⁰, no entanto, as duas categorias não se confundem. Castilho (1968) e Travaglia (2016), entre outros autores, afirmaram que a categoria de tempo é uma categoria dêitica, uma vez que indica o momento da enunciação, situando o momento de ocorrência da situação sobre três perspectivas: o momento

²⁰ TEMPO (com letras maiúsculas) refere-se “a ideia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase” (Travaglia, 2016, p.41).

anterior da fala (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a fala. A categoria aspecto, por sua vez, não é uma categoria dêitica, pois diz respeito a situação em si.

A esse respeito, Costa (2022) esclareceu que as noções semânticas no âmbito do tempo localizam o fato enunciado em relação ao momento da enunciação. Já as noções semânticas do aspecto são noções de começo, duração, desenvolvimento, fim e instantaneidade. Para exemplificar, autora usa os seguintes enunciados:

(9) **Caminhei** muito.

(10) **Estive caminhando** por muito tempo.

Em (9), a ação de *caminhar* ocorreu antes do momento que o falante produziu o enunciado. Assim sendo, há marcas da categoria tempo e o evento está ancorado na dêixis. Por outro lado, em (10), a perífrase em destaque além de expressar a categoria tempo também expressa o desenvolvimento dessa ação. O falante, nesse caso, chama atenção para o tempo interno ao fato, como se ele se concretizasse no espaço.

Ainda para a autora, uma reflexão que pode contribuir para ajudar a diferenciar as categorias tempo e aspecto é a análise da temporalidade das formas nominais do verbo: gerúndio e particípio. Segundo Costa (2022), essas formas expressam de alguma maneira o tempo físico. “O gerúndio expressa a cursividade, o decorrer, o escoamento do tempo; o particípio expressa um estado (por isso, de certa forma, permanência no tempo) como decorrência de um processo anterior, portanto como resultado do ecoar do tempo” (Costa, 2022, p.20).

Na mesma linha, Bagno (2012) diz que

o aspecto nos informa como o falante vê a situação, o estado de coisas enunciado: como um vento unitário e concluído (“a ponte **caiu**”) ou como um evento em processo e inconcluso (“a ponte **caía**”). Também nos informa se a ação é repetitiva, habitual (“no tempo que eu **estava morando** no Recife...”), se está no começo, no meio ou no fim, entre outras coisas (p.547, grifo do autor).

O aspecto, dessa forma, indica a duração da situação e/ou suas fases. Além de indicar algo sobre o grau de desenvolvimento e de realização da situação (Travaglia, 2016). A respeito desses graus aspectuais, Travaglia (2016) afirmou que eles podem ser considerados sob diferentes pontos de vista: o do *desenvolvimento*, o do *completamento* e o da *realização* da situação.

Sob o ponto de vista do *desenvolvimento da situação*, temos as fases de *início*, *meio* e *fim*. A respeito do *completamento da situação*, há as fases da *situação incompleta* e da *situação completa*. O âmbito da *realização da situação*, subdivide-se em três fases: a da situação por começar, a da situação começada ou não acabada e a da situação acabada (Travaglia, 2016).

Em suma, o aspecto é “uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação” (Travaglia, 2016, p.43, grifo do autor).

Esta definição suscita algumas noções semânticas que caracterizam a categoria aspecto como *duração*, *pontualidade*, *fases de realização*, *fases de desenvolvimento* e *fases de completamento* da situação. Dado a sua importância para o entendimento dessa categoria, a próxima seção esclarecerá melhor cada uma dessas noções.

2.3.1 Noções semânticas ligadas à categoria aspecto

Como mencionado, temos a concepção de TEMPO como uma das categorias semânticas que estão atreladas ao aspecto. Essa categoria é uma abstração e, por assim ser, costumamos compreendê-la como um objeto em movimento no espaço. Dessa forma, conceptualizamos o TEMPO como unidirecional em que há um deslocamento no espaço de um ponto anterior (passado) a um ponto posterior (futuro).

Ao conceptualizarmos o TEMPO dessa maneira, podemos representá-lo graficamente como uma linha reta. Essa representação é muito comum. Travaglia (2016), por exemplo, ao falar sobre a inter-relação entre TEMPO e aspecto, procurou explicá-la por meio da seguinte figura:

Figura 11 – Representação gráfica da linha do TEMPO.



Fonte: Travaglia (2016, p.45).

Nessa figura, o símbolo “ α ” representa o TEMPO em que a situação ainda não começou e “ β ” simboliza o TEMPO em que ela é acabada; “A” é o ponto de início da situação e “B” o ponto de término. O segmento **AB** retrata a **duração** da situação, isto é, seu TEMPO de

desenvolvimento. O segmento **AA'** representa os primeiros momentos do desenvolvimento da situação e o seguimento **B'B** os últimos momentos de seu desenvolvimento.

Essa figura ilustra bem a relação entre o TEMPO e aspecto, dado que cada uma das fases de desenvolvimento da ação são “pontos” nessa linha do TEMPO. O aspecto, portanto, localiza a situação dentro do espaço temporal de sua ocorrência. Dessa forma, compreende-se essa categoria como a representação espacial do processo. Essa representação espacial do processo envolve duas importantes noções semânticas ligadas ao aspecto: a *duração* e a *pontualidade* (Travaglia, 2016).

A *duração* é, para o Travaglia (2016), a primeira noção semântica aspectual e diz respeito ao TEMPO de extensão da situação. Dessa forma ela pode ser *contínua*, quando apresentar a situação sem interrupção durante o seu desenvolvimento (João *ficará estudando até amanhã*); ou *descontínua*, se a situação for apresentada como sofrendo interrupções em sua duração, o que promove a ideia de repetição (Ex.: *Tenho feito exercícios todos os dias*). A respeito da duração *descontínua*, Travaglia (2016) afirma que a ideia de repetição pode ocorrer tanto em situações durativas quanto de situações pontuais, e a reiteração, quando inconsciente e automática, torna-se hábito.

Além dessas duas possibilidades, Travaglia (2016) disse ainda que a duração pode ser *limitada* ou *ilimitada*. Uma duração é *limitada* quando o falante indica o início ou fim da situação expressa pelo verbo (Ex.: João *ficará estudando até amanhã.*), ou quando ele indica o valor da duração (Ex.: Antônio *ouviu música o dia todo*), ou quando a situação é inferida como tendo uma duração finita (Ex.: *Estamos fazendo um bolo para mamãe.*). Essa duração corresponde aos limites **A** e **B** da Figura 11.

A duração é classificada como *ilimitada* quando os limites **A** e **B** na Figura 11 não são conhecidos nem sugeridos. Isso ocorre, normalmente, em frases indicativas de situações que expressam verdades atemporais ou percebidas como tal (Ex.: *A terra gira em torno do sol*). A esse respeito, Travaglia (2016, p.47) afirmou que a duração *ilimitada* “normalmente não apresenta muita significação para o espírito humano, há nestes casos uma tendência para reduzir ou anular a indicação da duração, e o verbo passa a ser sentido como referindo-se mais ou só à situação”.

Oposta a essa noção de duração há a *pontualidade* (ou não duração). A *pontualidade* refere-se à situação “cujo início e término ocorrem no mesmo instante ou separados por um lapso de TEMPO curto, de tal forma que a situação é concebida como pontual” (Travaglia, 2016, p.46).

Outra noção semântica ligada ao aspecto são as *fases de realização da situação*. A respeito desse assunto, Luiz Carlos Travaglia (2016) propôs três fases da situação: *por começar*, *não acabada* ou *começada* e *acabada*. A fase da situação *por começar* (trecho “ α ” do espaço de TEMPO) ocorre quando a situação é apresentada como algo a se iniciar (Ex.: Seu irmão *está para chegar*). Na fase da situação *não acabada ou começada* a situação é apresentada em realização (corresponde ao segmento **AB**). Essa fase pode ser vista sob dois ângulos diferentes: se a contrastarmos com à fase em que a situação não iniciou, a situação é *começada*; se opormos à fase em que a situação é acabada, dizemos que a situação é *não acabada*. Já na fase da *situação acabada*, o evento descrito é apresentado como terminado, concluído, acabado. Na Figura 11, corresponde ao trecho “ β ” do espaço de TEMPO.

A respeito da primeira fase, o autor acrescenta a noção de “*prestes a começar*”, dado que, junto à noção aspectual, pode haver a noção temporal de iminência de ação (Ex.: Seu irmão *está para chegar*). Há também, na segunda fase, o acréscimo da noção de “*acabado há pouco*”, que ocorre quando há a expressão da noção temporal de passado recente junto à noção aspectual (Ex.: Mamãe *acaba de fazer* um bolo).

Ainda para o autor, a partir do momento em que a situação entra em realização, ela está em desenvolvimento. Assim sendo, há três fases do ponto de vista do *desenvolvimento*: o *início* da situação (ou inepção), quando a situação é apresentada em seu ponto de início (corresponde o ponto **A** da Figura 11), ou em seus *primeiros momentos* (na Figura 11, corresponde ao segmento **AA'**); o *meio* da situação (ou cursividade), quando a situação é apresentada em desenvolvimento (em qualquer ponto do segmento **A'B'** do espaço de TEMPO) e o *fim* da situação (ou terminatividade), que ocorre quando a situação é apresentada em seus últimos momentos (corresponde ao segmento **B'B**) ou seu ponto de *término* (o ponto **B** da Figura 11).

A terceira noção aspectual apresentada por Travaglia (2016) diz respeito ao *completamento da situação*. Essa noção apresenta as fases da *situação completa* e a da *situação incompleta*. A situação é *completa*, quando, em sua totalidade, houver um todo indivisível, isto é, com começo, meio e fim englobados num todo (Ex.: Célia *andou indo* ao cinema com Élio). A situação é caracterizada como *incompleta* quando não houver um fim (Ex.: Raquel *terminava de escrever* a carta quando o telefone tocou).

Por fim, dado a complexidade das discussões empreendidas, Travaglia (2016) elaborou um quadro²¹ para sumarizar todas essas noções atreladas à categoria aspecto:

²¹ Os quadros de Travaglia (2016) sofreram algumas alterações quanto ao *layout* e fonte para manter um paralelismo estético.

Quadro 2 – Quadro das noções atreladas à categoria aspecto, segundo Travaglia.

		Noções semânticas	
		I - DURAÇÃO	1. Duração
B. Descontínua	a. Limitada b. Ilimitada		
		2. Não duração ou pontualidade	
II-FASES	1. Fases de realização	A. Por começar	
		A'. Prestes a começar (ao lado do aspecto há uma noção temporal)	
		B. Não acabado ou Começado	
		C'. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma noção temporal)	
		C. Acabado	
	2. Fase de desenvolvimento	A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)	
		B. Meio	
		C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)	
	3. Fase de completamento	A. Completo	
		B. Incompleto	

Fonte: Travaglia (2016, p.55).

Essas noções semânticas contribuem para o entendimento de cada um dos tipos aspectuais proposto por Luiz Carlos Travaglia. Traremos mais detalhe desse assunto na próxima seção.

2.3.2 Os tipos de aspecto

Neste item, apresentaremos os tipos de aspectos propostos por Travaglia (2016), uma vez que, ao propor um quadro dos tipos aspectuais do PB, discute muitos pontos tratados por outros autores (principalmente, Castilho) e acrescenta outras subcategorias. É importante destacar que Travaglia (2016), ao propor essa classificação, considerou apenas uma taxionomia

aspectual simples sem adotar aqueles aspectos que são caracterizados por mais de uma noção aspectual. Dessa forma, segundo o autor, o aspecto se caracteriza por ser: *perfectivo*, *imperfectivo*, *durativo*, *indeterminado*, *iterativo*, *habitual*, *pontual*, *não começado*, *começado* ou *não acabado*, *acabado*, *inceptivo*, *cursivo* e *terminativo*.

O aspecto *perfectivo* apresenta a situação como um todo único, com começo meio e fim englobados juntos (Ex.: Maria *ouviu* o que você disse ontem). Já o aspecto *imperfectivo* caracteriza-se por apresentar a situação como incompleta, isto é, sem mostrar o todo da situação. Normalmente a situação é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento (Ex.: O concreto *ia endurecendo* lentamente).

O aspecto *durativo* apresenta a situação como tendo duração contínua limitada (Ex.: O amor dos tios *foi transformando* aquela criança).²² O aspecto *indeterminado*, por outro lado, apresenta a situação como tendo duração contínua ilimitada (Ex.: Eu *trabalho* em uma loja de peças).

No aspecto *iterativo* a situação é apresentada como tendo duração descontínua limitada. Podemos ver isso no exemplo de Travaglia (2016, p.89): “O padre *tem repicado* o sino todas as tardes para lembrar ao povo seus deveres religiosos”. O aspecto *habitual* apresenta a situação como tendo duração descontínua ilimitada (Ex.: Ele *comia* doce após as refeições). Ao contrário do aspecto iterativo e habitual, no aspecto *pontual* a situação não tem duração²³ (Ex.: Meu amigo *morreu* hoje).

A noção aspectual de *não começado* se caracteriza por apresentar a situação na fase anterior ao início de sua realização, ou seja, como algo por começar (Ex.: A casa *está por limpar*). Já o aspecto *começado* ou *não acabado* apresenta uma situação após o seu momento de início (ou em seus primeiros momentos) e antes de seu momento de término (ou nos últimos momentos (Ex.: *Estou lendo* um livro interessante).

O aspecto *inceptivo* apresenta a situação em seu ponto de início ou em seus momentos iniciais (Ex.: Estou escrevendo muito e *começo a sentir-me* cansada). O aspecto *cursivo* se caracteriza por apresentar a situação como já tendo passado seus primeiros momentos e ainda não tendo atingido seus últimos momentos. Em outras palavras, a situação é apresentada na fase do meio de seu desenvolvimento (Ex.: O concreto *ia endurecendo* lentamente).

O aspecto *terminativo* apresenta a situação nos seus últimos momentos ou em seu momento de término (Ex.: Eduardo *terminou de limpar* a casa ao meio-dia) e o *acabado* se

²² O exemplo é de Travaglia (2016, p.86).

²³ “Toda situação tem duração, mas, linguisticamente, a duração só é considerada quando é expressiva” (TRAVAGLIA, 2016, p.93).

caracteriza por apresentar a situação como concluída, acabada, terminada, isto é, após o seu momento de término (Ex.: Maria *leu* o livro).

Há também, segundo Travaglia (2016), a possibilidade de nenhuma noção aspectual estar presente na frase. Neste caso, não haverá referência à duração ou às fases da situação (Ex.: *Posso servir a sobremesa?*). A seguir, o Quadro 3 sumariza os tipos aspectuais propostos pelo autor:

Quadro 3 – Tipos aspectuais do português, segundo Travaglia.

I - DURAÇÃO		Noções semânticas ligadas ao Aspecto		ASPECTO
		1. Duração	A. Contínua	a. Limitada
b. Ilimitada	Indeterminado			
B. Descontínua	a. Limitada		Iterativo	
	b. Ilimitada		Habitual	
2. Não duração ou pontualidade				Pontual
II - FASES	1. Fases de realização	A. Por começar		Não começado
		A'. Prestes a começar (ao lado do aspecto há uma noção temporal)		
		B. Não acabado ou Começado		Começado ou não acabado
		C'. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma noção temporal)		Acabado
		C. Acabado		
	2. Fase de desenvolvimento	A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)		Inceptivo
		B. Meio		Cursivo
		C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)		Terminativo
	3. Fase de completamento	A. Completo		Perfectivo
		B. Incompleto		Imperfectivo
	Ausência de noções aspectuais			

Fonte: Travaglia (2016, p.84).

O Quadro 3 mostra cinco grupos de distinções aspectuais: dois ligados à duração e três ligados às fases. A esse respeito, importa destacar que as formas verbais não necessariamente precisam estar marcadas nessas cinco distinções (Travaglia, 2016).

Travaglia (2016) afirmou ainda que essas noções aspectuais não se manifestam somente no verbo em si, mas se estende a outros elementos da predicação. Dessa forma, as noções aspectuais não dependem somente de elementos morfológicos, mas também de elementos sintáticos, semânticos, fonológicos e contextuais (Travaglia, 2016).

Nos estudos sobre o aspecto, Travaglia (2016) falou de diferentes meios que atuam na expressão do aspecto. São os seguintes os elementos: a flexão verbal, as perífrases, o semantema do verbo, a repetição do verbo, o complemento do verbo, as construções adverbiais, o tipo oracional, a ênfase entonacional e as preposições. Não nos estenderemos aqui numa exposição detalhada de cada um desses recursos, entretanto, alguns apontamentos feitos pelo autor são importantes:

- a) O semantema do verbo, em alguns casos, pode mudar o aspecto expresso.
- b) As construções adverbiais auxiliam e modificam o aspecto;
- c) A repetição do verbo, em alguns tempos flexionais, modifica o aspecto e intensifica a situação em vários tempos flexionais.
- d) Os tempos flexionais, nas construções principais e subordinadas, podem afetar o aspecto atualizado.

Nas próximas seções, vamos apresentar a expressão do aspecto pelas flexões verbais no modo indicativo e pelas perífrases verbais — em particular, as formadas com o verbo *ir* com função de auxiliar — dados que essas informações vão contribuir para a análise da microconstrução [IR_{aux}V_p].

2.3.3 A expressão do aspecto pelas flexões verbais no modo indicativo

Em relação à expressão do aspecto pelas flexões verbais, Travaglia (2016) afirmou que há maior probabilidade de ocorrer em tempos do modo indicativo, visto que este tempo exprime ações objetivas. Para o autor, o presente do indicativo (doravante P), marca prototipicamente, os aspectos *indeterminado*, *habitual*, *não acabado*, *cursivo* e *imperfectivo*. Quando em conjunto com outros meios (construções adverbiais, valor do semantema etc.) pode apresentar os aspectos *durativo*, *pontual*, *acabado* e *perfectivo*.

Em alguns casos, o presente do indicativo não atualiza nenhum aspecto. Isto ocorre, por exemplo, quando esse tempo verbal: é usado com valor de futuro ou quando tem valor de pretérito imperfeito do subjuntivo. A não atualização aspectual também aparece na construção subordinada adverbial temporal, que condiciona a habitualidade de outra situação e aparece nas orações interrogativa, em que se pergunta o que deve fazer o sujeito do verbo ou se alguém fará algo.

Quanto aos tempos flexionais do pretérito no indicativo, Travaglia (2016) afirmou que o pretérito perfeito (doravante PP) marca, essencialmente, apenas o aspecto *perfectivo*. Com o auxílio de outros recursos, entretanto, pode aparecer o aspecto *pontual* — no caso de verbos de situação estritamente pontuais — e o *durativo* — apenas no caso de verbos de estado, por influência de construções adverbiais e pela repetição do verbo. Também pode ter os aspectos *iterativo* e *habitual*, quando aparecem com o pretérito perfeito por influência das formas adverbiais.

Ainda sobre o pretérito perfeito do indicativo, Travaglia (2016, p.142) afirma que “Nos verbos de estado, o pretérito perfeito do indicativo é, sem dúvida, o tempo que marca o aspecto acabado (média de 83,5%), embora para uma certa porcentagem de falantes seja o pretérito imperfeito que marca este aspecto”. O aspecto *acabado* também ocorre com verbos télicos.

O pretérito imperfeito (doravante PI) do indicativo, prototipicamente, marca os aspectos *imperfectivo*. Também pode marcar os aspectos *cursivo*, *habitual*, *indeterminado* e *durativo*, quando a situação expressa é presentificada a uma situação ou momento passado. Os verbos estáticos e atélicos no pretérito imperfeito tendem a marcar o aspecto *acabado*, quando enfatizado entonacionalmente. Quando temos frase com uma construção adverbial de frequência, especialmente se representado pelo advérbio *sempre*, o aspecto também é *acabado* (Travaglia, 2016).

O pretérito imperfeito do indicativo (doravante PPI) não atualiza a aspecto quando usados para expressar uma situação que seria consequência certa de outra que não ocorreu e quando é empregado como forma de polidez (Travaglia, 2016). O pretérito mais-que-perfeito (doravante PMP) do indicativo marca os aspectos *perfectivo* e *acabado* e, com o auxílio de outros recursos, pode expressar os aspectos *pontual*, *durativo*, *iterativo* e *habitual* sob as mesmas condições especificadas para o pretérito perfeito. Essa flexão temporal não marca aspecto quando é utilizado em lugar do futuro do pretérito ou do pretérito imperfeito do subjuntivo na linguagem literária (Travaglia, 2016).

Sobre a relação entre o tempo futuro (doravante F) no indicativo, Travaglia (2016) afirmou esse tempo verbal em si não marca a categoria aspecto, pois apenas faz referência à

situação. A marcação de aspecto com essas flexões verbais só é possível pela ação de recursos como as perífrases e as construções adverbiais. A respeito das perífrases verbais, na seção seguinte, explanaremos sobre a marcação de aspecto em perífrases formadas com o verbo auxiliar *ir*.

2.3.4 A expressão do aspecto pelas construções perifrásticas [*IR_{aux}V_p*].

São vários os meios de representação do aspecto em português. Dentre esses recursos, como já mencionado, temos as formas perifrásticas. As construções perifrásticas são, para Barroso (1994, p55), um dos meios que representam o mais alto grau de sistematicidade dado que

Esta propriedade provém da função instrumental que, na construção perifrástica, desempenha o verbo auxiliar, pois (cumulando simultaneamente as funções gramaticais de tempo, modo, voz, pessoa e número) funciona ele mesmo como um morfema do paradigma verbal que modifica a acção expressa pelo verbo conceptual a que está ligado.

A respeito da relação dessas construções com a categoria aspecto, Barroso (1994, p. 87) afirmou que a “expressão do aspecto por meio de perífrases verbais constitui a mais importante (porque mais sistemática e mais rentável) das manifestações gramaticais desta mesma categoria verbal no sistema linguístico português.”

Os verbos auxiliares, quanto associados às formas nominais constroem perífrase que expressam, dentre outras coisas, aspecto. Dentre esses verbos, podemos citar os *ser, estar, continuar, ficar, permanecer, andar*, além dos verbos *começar (a), acabar (de) e ir* (Costa, 2022). Nesta seção, nos ateremos apenas aos estudos sobre o aspecto verbal em perífrases constituídas pelo verbo auxiliar *ir*.

Acerca das construções formadas pelo auxiliar *ir*, Travaglia (2016), em seu estudo dos aspectos expressos pelas perífrases, constatou que a perífrase *IR + INFINITIVO* por marcar, prototipicamente, tempo futuro, não atualiza a categoria aspecto no PB, no entanto, quando temos a expressão de outros tempos verbais, podemos encontrar noções aspectuais como *perfectivo*, no pretérito perfeito do indicativo; e *imperfectivo, não acabado e habitual*, no pretérito imperfeito do indicativo.

Ainda para o autor, a forma *IR + GERÚNDIO* tende a indicar o aspecto *durativo* em qualquer flexão verbal. Essa construção apresenta “a situação como tendo desenvolvimento gradual, isto é, marca a ideia de progressividade. As demais noções aspectuais presentes nas

frases com esta perífrase vão depender de outros fatores” (Travaglia, 2016, p.201). O autor, a esse respeito, explicou que, por influência de elementos adverbiais, é frequente encontrarmos o aspecto *habitual* no lugar do *durativo*.

Fonseca (2010), investigou a cadeia TAM (tempo, aspecto e modo) da construção IR + INFINITIVO no PB e constatou que essa construção perifrástica atualiza três tipos de aspecto propostos por Castilho (2002): o *iterativo*, na face quantitativa e, na face qualitativa, o *perfectivo* e o *imperfectivo*.

Nessa construção, segundo a pesquisadora, o aspecto *imperfectivo inceptivo* expressa-se quando o verbo *ir* ocorre no pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. Nesses tipos de ocorrências o evento é atético e o falante focaliza apenas o início do evento, sem fazer referência ao seu completamento ou não. Em relação ao aspecto *perfectivo*, o verbo *ir* costuma vir flexionado no pretérito perfeito do indicativo e o evento é marcado como terminado.

Sobre o aspecto *imperfectivo iterativo*, o verbo *ir* aparece conjugado no presente do indicativo. Essa construção marca o estado-de-coisas como não terminado e o falante ao usá-la tem a intenção de mostrar a repetição ou habitualidade do evento.

Gonçalves (2015), que investigou a auxiliabilidade em construções perifrásticas da cadeia TAM e frequência de uso, também constatou que a construção IR + INFINITIVO tem funções aspectuais de *imperfectivo iterativo*, *imperfectivo semelfactivo*²⁴ e *perfectivo semelfactivo*.

Longo e Campos (2002), no capítulo de livro denominado “A auxiliabilidade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado”, demonstraram que as perífrases formadas pelo verbo auxiliar IR + GERÚNDIO têm o valor semântico de progressão, o que equivale ao aspecto *progressivo*. Quando apresentam ações em seu pleno desenvolvimento, essas perífrases também podem indicar o aspecto *cursivo*. Quando há ações que se repetem, expressam o aspecto *iterativo*. As pesquisadoras também afirmaram que os verbos auxiliares apresentam alguns valores aspectuais básicos, mas que, ao se formarem as perífrases, eles podem manter esses valores ou ter outros, a depender dos elementos com os quais se combinam.

Os estudos sobre as construções perifrásticas com o verbo auxiliar *ir* revelam a diversidade de significações aspectuais que essa construção pode assumir. É com base nesse entendimento que buscamos analisar essa construção. No próximo capítulo, apresentaremos os procedimentos e os métodos que foram utilizados para a realização da pesquisa.

²⁴ O aspecto *semelfactivo* se refere a alguma ação praticada uma única vez (BAGNO, 2012).

3 METODOLOGIA

Neste capítulo detalharemos os passos metodológicos que foram utilizados para a realização da pesquisa. Para isso, apresentaremos a caracterização da pesquisa quanto à sua classificação tipológica. Em seguida, descrevemos o banco de dados selecionado para esta pesquisa. Posteriormente, explicaremos como ocorreu a coleta dos dados de fala e a constituição da amostragem. Por fim, trataremos dos procedimentos adotados para a análise do *corpus*.

3.1 Caracterização da pesquisa

Para caracterizarmos nossa pesquisa, apoiamos nas classificações tipológicas apontadas por Paiva (2019) na obra “*Manual de pesquisa em estudos linguísticos*”. Nessa obra, a autora afirmou que as pesquisas podem ser classificadas de acordo com a *natureza*, o *gênero*, a *abordagem metodológica*, o *objetivo*, os *instrumentos de coleta de dados* e as *fontes de informação*.

Assim, segundo Paiva (2019), uma pesquisa pode ser, quanto a sua natureza: *básica* ou *aplicada*. Esta última, além de contribuir para a geração de novos conhecimentos, tem por objetivo resolver problemas, inovar ou desenvolver processos e tecnologias. A *pesquisa básica* visa aumentar o conhecimento científico, sem aplicá-lo a uma resolução de problemas.

Aplicando esse entendimento a nossa pesquisa, depreendemos que ela se caracteriza por ser uma pesquisa básica, uma vez que consiste em uma investigação sistemática com a finalidade de construir um conhecimento científico sobre as noções aspectuais que a microconstrução [IR_{aux}V_p] expressa na fala goiana.

Ainda para autora, em relação ao gênero, as pesquisas podem ser classificadas como *teóricas*, *metodológicas*, *práticas* ou *empíricas*. As pesquisas teóricas visam construir ou alterar uma teoria, ou, até mesmo, complementá-la com novos conhecimentos. As pesquisas metodológicas estudam os métodos e os procedimentos de pesquisa. As pesquisas práticas buscam intervir no contexto pesquisado. Já as pesquisas empíricas baseiam-se na observação e nas experiências de vida.

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa teórica, uma vez que procuramos descrever as construções perifrásticas com verbo *ir* na fala goiana para além do processo de gramaticalização. Para isso, analisamos essa construção considerando a expressão do aspecto gramatical, mas, sem deixar de lado outras particularidades que caracterizam o sentido e a forma da construção.

Quanto à abordagem metodológica, de acordo com Paiva (2019), uma pesquisa pode ser *qualitativa*, *quantitativa* ou *mista*. A primeira, busca explicar o fenômeno pesquisado por meio de coletas de dados numéricos, usando métodos do campo da matemática. A pesquisa qualitativa, também chamada de pesquisa interpretativa, visa compreender, descrever e explicar o fenômeno pesquisado. A pesquisa mista, por sua vez, adota os dois métodos descritos anteriormente.

Para a análise e discussão dos dados desta pesquisa, utilizamos uma abordagem metodológica mista, ou seja, tanto nos valem dos métodos qualitativos, para a análise dos aspectos inerentes ao pareamento entre forma e significado, quanto dos métodos quantitativos, para a busca da frequência da microconstrução.

No que diz respeito ao objetivo, uma pesquisa pode ser *exploratória*, *descritiva*, *explicativa* ou *experimental*. A pesquisa exploratória consiste em um estudo preliminar em que o pesquisador visa se familiarizar com o fenômeno sob investigação. Este tipo de pesquisa dá suporte à realização de estudos mais aprofundados sobre o tema. A pesquisa descritiva observa, registra, descreve e analisa fenômeno estudado, partindo de informações acumuladas (Paiva, 2019).

A pesquisa explicativa tem como ponto central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência do fenômeno estudado. A pesquisa experimental manipula diretamente as variáveis relacionadas com o objeto de estudo (Paiva, 2019). Nossa pesquisa descreve e analisa a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ na fala goiana, dando relevância às noções aspectuais que esse padrão construcional codifica. Dessa forma, caracteriza-se como uma pesquisa descritiva.

Em relação aos instrumentos de coleta de dados (ou procedimentos), são várias as técnicas que podem ser utilizadas. Paiva (2019) tratou de seis tipos de pesquisa qualitativa: pesquisa bibliográfica, estudo de caso, pesquisa-ação, pesquisa narrativa, teoria fundamentada em dados e pesquisa etnográfica.

Nossa pesquisa é teórica fundamentada em dados e “tem como característica o estudo indutivo dos fenômenos, pois são os dados que fornecem fundamentos para a geração de teoria, em vez de se usar uma teoria ou mais de uma como lente(s) para a interpretação dos dados” (Paiva, 2019, p.95).

Por fim, quanto as fontes de informação, uma pesquisa pode ser *primária*, *secundária* ou *terciária*. As pesquisas primárias se baseiam em dados coletados pelo próprio pesquisador. Já as pesquisas secundárias utilizam-se de dados já coletados. As pesquisas terciárias se valem de pesquisas primária e secundárias para a criação de catálogos de bibliotecas, diretórios etc.

Uma vez que nosso *corpus* foi coletado num banco de dados constituído por outros pesquisadores, a fonte de informação desta pesquisa é secundária. Na próxima seção, descrevemos esse banco de dados.

3.2 Banco de dados

Os dados que compõem o *corpus* desta pesquisa foram extraídos do banco de dados constituído pelo *Projeto Português contemporâneo falado em Goiás — Fala Goiana*.²⁵ Usamos esses inquéritos por serem provenientes de língua falada, coletados em situações de espontaneidade linguística. Evidências empíricas demonstram que o registro falado permite uma avaliação mais abrangente de como os falantes usam a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$. Ademais, a utilização desses dados de fala evidencia a natureza desta pesquisa de orientação cognitivo-funcional, que se baseia no uso real da língua.

O *Projeto Português contemporâneo falado em Goiás* está vinculado ao Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás (GEF-UFG). O GEF foi criado com o intuito de documentar e realizar estudos teóricos de variedades linguísticas visíveis na fala goiana e em outras variedades da fala brasileira. Atualmente, também conta com pesquisas voltadas para a aplicação dos princípios funcionalistas ao ensino de língua materna.

O banco de dados do Fala Goiana foi elaborado sob os parâmetros de coletas da Sociolinguística Variacionista. Dessa forma, as entrevistas ocorreram nas casas dos informantes, para que eles se sentissem confortáveis em poder usar a língua de forma natural, sem monitoramento da fala. Os inquéritos, em sua maioria, versam sobre suas experiências pessoais e foram transcritos com base em diálogo entre informantes e documentador (DID).

O Fala Goiana reúne 21 inquéritos com informantes das cidades de Goiânia, Goiás e Aparecida de Goiânia. O perfil social dos participantes corresponde à homens e mulheres com idades que variam entre vinte e setenta dois anos. Há também três inquéritos em que as idades não são informadas. Em relação à escolaridade, os entrevistados possuem entre zero e quatro anos de estudos. Os inquéritos do Fala Goiana são em sua maioria dos anos de 2003, mas também encontramos entrevistas dos anos de 2004, 2010 e 2011.

Para compor o *corpus* desta pesquisa, por critério de amostragem, selecionamos 12 inquéritos o que corresponde a 57 % do banco de dados. Na próxima seção, descreveremos com mais detalhes como foi o levantamento dos dados.

²⁵ Disponível em: <https://gef.lettras.ufg.br/p/11948-banco-de-dados>.

3.3 Levantamento dos dados e constituição da amostragem

Para o levantamento de dados, adotamos critérios semelhantes ao de Oliveira (2018), isto é, utilizamos como parâmetro a idade e o sexo dos informantes. Apesar de nossa pesquisa não se basear em pressupostos da sociolinguística e essas variáveis não condicionarem a nossa análise de dados, optamos por considerar esses critérios de extratificação tendo em vista que o Fala Goiana foi elaborado sob os parâmetros de coletas da Sociolinguística Variacionista.

Para a extratificação, assim sendo, dividimos os 12 inquéritos em três grupos: o primeiro grupo se constitui de informantes entre 20 e 30 anos, o segundo grupo é constituído por informantes de 31 a 40 anos e, o terceiro grupo é composto por informantes entre 41 e 72 anos. Também selecionamos dois informantes do sexo feminino e 2 informantes do sexo masculino para cada grupo, como demonstra quadro seguinte:

Quadro 4 – Inquéritos selecionados do Fala Goiana.

GRUPO	VARIÁVEIS		
	Faixa etária	Sexo	
GRUPO 1	de 20 a 30 anos	2F	2M
GRUPO 2	de 31 a 40 anos	2F	2M
GRUPO 3	de 41 a 72 anos	2F	2M

Fonte: Elaboração própria (inspirado em Oliveira, 2018).

Após feito essa extratificação, pesquisamos nos inquéritos os construtos com o verbo auxiliar *ir*. Para isso utilizamos o programa *WordSmith Tools*. Esse *software* é um conjunto integrado de programas que serve, de maneira geral, para pesquisar padrões construcionais.

Para usar o *software*, inicialmente convertimos todos os arquivos com os inquéritos para o formato “*txt*”. Após inseri-los no programa, usamos a ferramenta *Concord*, nela pesquisamos as formas de superfície do esquema abstrato $[IR_{aux}V_p]$. Essa ferramenta capturou em todo o *corpus* selecionado os construtos com o verbo auxiliar *ir* e apresentou os resultados com o contexto de uso, também mostrou dados quantitativos dessas ocorrências.

Uma vez que o programa não captou todas as formas de superfície da construção, realizamos também uma busca manual em cada arquivo do *corpus*. De posse desses dados, selecionamos trechos dos inquéritos em que esses construtos se encontravam e organizamos eles em um arquivo, que pode ser consultado no apêndice desta dissertação.

Em seguida, fizemos o levantamento do número de ocorrências, identificamos os padrões construcionais produtivos, considerando frequência *token* da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ e organizamos todos esses dados em forma de tabela no *Excel*.

A pesquisa dos construtos com o verbo auxiliar *ir* resultou em um total de 715 ocorrências. O elevado número de formas de superfície encontradas no banco de dados fez com que fosse necessário restringir ainda mais o *corpus* para análise das noções aspectuais desses padrões construcionais. Assim, selecionamos as ocorrências mais produtivas e utilizamos como critério uma frequência de pelos menos três vezes no banco de dados. Chegamos ao resultado de 328 *tokens*, como evidenciados no quadro seguinte:

Quadro 5 – Os construtos mais produtivos da microconstrução [IR_{aux}V_p].

TOKENS	FREQUÊNCIA
VAI FAZER	28
VAI SER	17
VOU FAZER	14
VAI FICAR	13
VAI ME DAR	13
VAI LEVANDO	8
FOI FICANDO	7
VAI ACABAR	7
VAI INDO	7
VAI TER	6
VOU FICAR	6
IA FAZER	6
FOI INDO	6
VAI MUDANDO	6
VAI PAGAR	6
VAI APRENDER	5
FUI CRESCENDO	5
VOU PROCURAR	5
VAI PASSAR	5
VOU DAR	4
VOU TRABALHAR	4
FOI MORAR	4
VAMOS VER	4
VOU ARRUMAR	4
FOI CRESCENDO	4
FOI ACABANDO	4
FOI CRIADO	4
VOU LEVANDO	4
VOU CONSEGUIR	4
IA SER	4
VOU DEIXAR	4

VOU LEVAR	4
IA DAR	4
VOU LARGAR	3
VAI VIR	3
VOU JOGAR	3
VOU TER	3
VOU ESTUDAR	3
VAI VOLTAR	3
IA ACABAR	3
VOU MEXER	3
VAI FAZENDO	3
FOI CHEGANDO	3
FUI TRABALHAR	3
FUI FICANDO	3
FOI PERDENDO	3
VAI MORAR	3
IA TRABALHAR	3
FUI CORTANDO	3
IA FICAR	3
IA PRECISAR	3
VOU PEDIR	3
VAI TRABALHAR	3
VOU CONTAR	3
IA CONHECER	3
VAI ESTAR	3
VAI SAIR	3
VAI BEBER	3
FOI FALANDO	3
IA PEGAR	3
VOU MORAR	3
VAMOS ORAR	3
VAI ENCAMINHAR	3
IA MORRER	3
VAMOS FAZER	3
FUI CRIADO	3
FOI CAÇAR	3
TOTAL	328

Fonte: Elaboração própria.

Após a seleção desses *tokens*, organizamos eles de acordo com sua forma nominal e identificamos o tipo aspectual e tempo verbal dessas ocorrências. Após a coleta de dados, partimos para análise, adotando alguns procedimentos que serão apresentados no próximo item.

3.4 Procedimentos adotados para a análise e descrição dos dados

Antes de descrevermos os procedimentos adotados na análise e descrição dos dados, convém retomar as perguntas de pesquisa que nortearam nossa análise e que justificam os métodos serão descritos nesta seção. São elas:

- 1) Quais são as propriedades formais da microconstrução [IR_{aux}V_p] na fala goiana?
- 2) Quais são as propriedades funcionais da microconstrução [IR_{aux}V_p] na fala goiana?
- 3) Quais são as relações sintático e semânticas que a microconstrução [IR_{aux}V_p] estabelece com outras construções?
- 4) Quais são os tipos aspectuais que a microconstrução [IR_{aux}V_p] apresenta?
- 5) A forma nominal do verbo principal da microconstrução [IR_{aux}V_p] pode expressar noções de aspectualidade?
- 6) Quais são os tempos verbais que a microconstrução [IR_{aux}V_p] codifica e como ocorre a relação entre os tempos verbais e o aspecto?

Para responder as três primeiras perguntas de pesquisa, verificamos as propriedades gerais da microconstrução [IR_{aux}V_p] na fala goiana. Dessa forma, em relação aos aspectos formais, separamos os construtos de acordo com sua forma nominal e procuramos saber quais são as suas configurações morfossintáticas na fala goiana. Quando aos aspectos funcionais, examinamos as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais que o padrão construcional [IR_{aux}V_p] apresenta na fala goiana, analisamos também os seus usos quanto aos domínios semânticos, a expressões metafóricas e o seu tipo semântico.

Para análise dessas propriedades formais e funcionais da microconstrução [IR_{aux}V_p] consideramos todos os 715 construtos com verbo auxiliar *ir*. Optamos por utilizar todos esses dados para que pudéssemos analisar e descrever o maior número possível de propriedades dessa construção na fala goiana. Para responder as três últimas perguntas de pesquisa, selecionamos as ocorrências mais produtivas. Esse recorte se tornou necessário devido à alta produtividade do padrão auxiliar na fala goiana, conforme explicado na seção anterior.

Após esse recorte, para responder a quarta pergunta de pesquisa, separamos os construtos de acordo com o tipo aspectual codificado e verificamos se as propriedades formais e funcionais da microconstrução [IR_{aux}V_p] influenciam na codificação do aspecto. Em seguida, investigamos a expressão do aspecto pelas formas nominais. Optamos por analisar a expressão

do aspecto pelas formas nominais do verbo principal porque acreditamos que o verbo *ir*, na fala goiana, compartilha com esses verbos funções aspectuais.

Por fim, para responder a última pergunta de pesquisa, separamos todas as ocorrências da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ em cada recorte temporal e, em seguida, analisamos a expressão do aspecto pelos tempos verbais. Os resultados desses procedimentos adotados serão apresentados no capítulo seguinte.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

O objetivo principal deste capítulo é apresentar a descrição e análise da aspectualidade da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ na fala goiana, considerando as características gerais da sua forma e função.

Neste sentido, em um primeiro momento, com o intuito de responder as duas primeiras perguntas de pesquisa, descreve-se as propriedades formais e funcionais da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$. Em um segundo momento, para responder a terceira pergunta de pesquisa, trata-se dos tipos aspectuais codificados por essa microconstrução. Na sequência, para responder as duas últimas perguntas de pesquisa, procura-se demonstrar a expressão do aspecto pelas formas nominais e pelos tempos verbais, bem como estabelecer relações com as propriedades categoriais da microconstrução.

4.1 As propriedades formais da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ na fala goiana

Nesta seção, focaliza-se a análise das propriedades formais do padrão construcional $[IR_{aux}V_p]$. Para isso descreve-se e analisa, em um primeiro momento, as suas configurações morfossintáticas na fala goiana. Em seguida, trata-se da produtividade das formas do verbo principal da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$. Por fim, apresenta-se a análise da configuração oracional de sentenças com a construção analisada neste estudo.

4.1.1 A configuração morfossintática da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$

No nível das microconstruções, as construções são generalizações parcialmente esquemáticas. Nesse sentido, a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ consiste em um padrão cognitivo constituído pelo verbo auxiliar *ir* e um *slot* aberto que é preenchido no nível dos construtos por formas nominais do verbo (infinitivo, gerúndio e particípio), conforme o exemplo a seguir:

- (11) É... no primero assim... eu acordava dinoite com menino chorano... queria dormi... e menino chorano... mãe qu/eu **vô jogá** esse menino fora ((risos)) (FG).

Em (11), a microconstrução com o verbo *ir* na função de auxiliar segue a configuração morfossintática prototípica da categoria de auxiliaridade. Entretanto, identificamos microconstruções com morfossintaxe diversa, em decorrência da inserção de elementos

gramaticais na construção. Por exemplo, identificamos também na fala goiana um padrão composto por um verbo auxiliar *ir*, um pronome e verbo principal:

- (12) aí ela **foi me explicá** o que era menstruação...que ela até então ela nunca tinha me falado... aí ela falou: “a partir di agora todo mês cê vai ter que usar esse pedaço de pano aqui...” (FG).

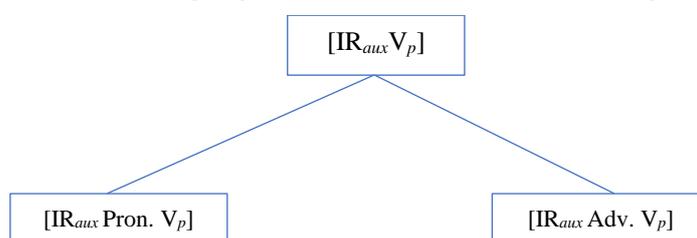
Apesar de considerarmos que a construção em (12) exige uma análise mais aprofundada, percebe-se que os pronomes clíticos ficam em uma posição intermediária entre o verbo auxiliar *ir* e o verbo principal da construção. Uma regularidade semelhante pode ser observada com a inserção de advérbio em formas de superfície da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$. É o que observamos na ocorrência (13) a seguir:

- (13) minha mãe num queria qu/eu saísse da aula não... falei ah:: não num quero estudá não... num gosto de estudá... num quero... aí **fui só tirano** nota ruim... nota ruim... nota ruim... até qu/eu saí...(FG).

Novamente, identificamos como regular o uso adverbial localizado em uma posição intermediária dentro do esquema da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$, o que possibilita a alteração de sua configuração morfossintática prototípica.

Em decorrência da frequência de uso e de processos cognitivos como a analogia, podemos dizer que ocorreram mudanças na forma da microconstrução, o que possibilita a extensão categorial, com o surgimento de membros menos centrais na categoria. Diante do exposto, encontramos no *corpus* três configurações morfossintáticas do nosso objeto de análise, conforme apresentado na figura a seguir:

Figura 12 – As configurações morfossintáticas da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$.

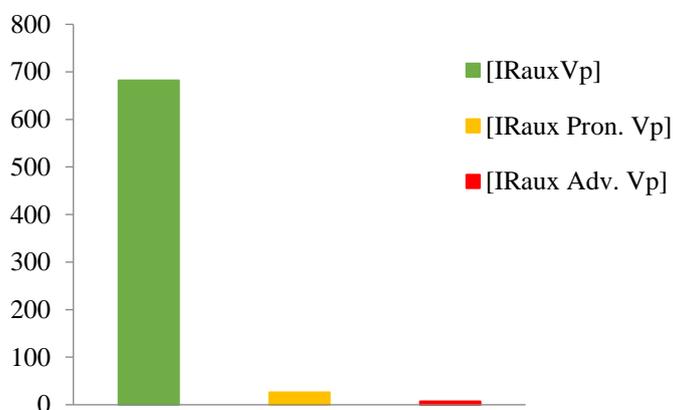


Fonte: Elaboração própria.

Na Figura 12, o esquema central representa a configuração prototípica da construção analisada neste trabalho. As outras representações esquemáticas são as configurações menos prototípicas da categoria. Cada uma dessas configurações apresenta diferentes produtividades.

O gráfico, seguir, demonstra a produtividade desses padrões construcionais encontrados no *corpus*:

Gráfico 1 – A produtividade da configuração morfosintática de [IR_{aux}V_p].



Fonte: Elaboração própria.

Conforme apresentado no Gráfico 1, o padrão [IR_{aux}V_p] é mais prototípico, com 682 ocorrências no *corpus*. O segundo mais recorrente é o padrão [IR_{aux} Pron. V_p], com 26 ocorrências. Quanto à configuração composta por um verbo auxiliar *ir*, advérbio e verbo principal encontramos 7 ocorrências. .

Essas diferentes configurações morfosintáticas encontradas no *corpus* podem ser justificadas pelo princípio da *persistência* defendido por Hopper (1991, *apud* Gonçalves e Carvalho, 2007). Esse princípio prevê que no processo de mudança alguns traços sintático-semânticos da forma-fonte são preservados na forma gramaticalizada. Assim sendo, as relações argumentais com o verbo pleno *ir* podem justificar a presença da forma [IR_{aux} Adv. V_p], uma vez que esse verbo exige para formação do *frame* de predicado um complemento circunstancial.

Quanto ao uso de pronomes clíticos, acreditamos que isso se justifica pela preservação de traços semânticos da forma nominal, uma vez que alguns verbos plenos requisitam um argumento com função semântica de beneficiário para a codificação do acontecimento no mundo, como o ocorre com o verbo *explicar* (alguém *explica* algo para alguém).

Além da configuração morfosintática, analisamos também a produtividade dessa construção considerando as formas nominais do verbo principal. Falaremos sobre isso no item seguinte.

4.1.2 As formas do verbo principal na microconstrução [IR_{aux}V_p].

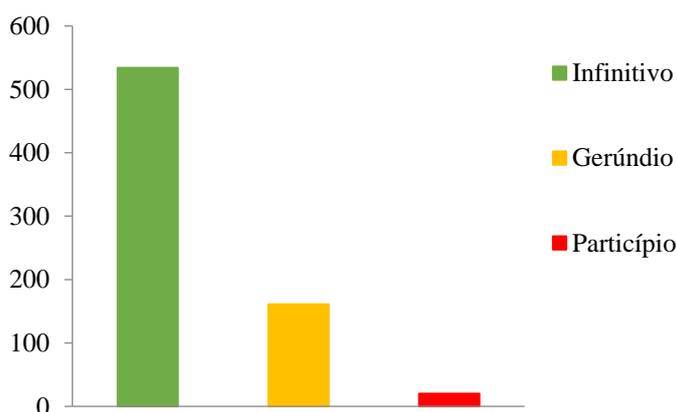
Como vimos, o esquema de auxiliaridade sanciona outros padrões construcionais por ser uma generalização e por ocupar uma posição hierárquica superior do ponto de vista construcional. Assim, essa construção sanciona subesquemas, microconstruções e construtos.

Em relação ao grau de frequência construcional na fala goiana, identificamos uma alta produtividade da construção de auxiliaridade. Por isso, realizamos um recorte, como explicado no capítulo metodológico, e analisamos apenas microconstruções com o verbo *ir* cristalizado na construção e com um *slot* aberto, que pode ser preenchido por um verbo não finito (*infinitivo*, *gerúndio* e *particípio*).

Os verbos não finitos apresentam um elemento mórfico que o distingue das demais formas verbais. Os verbos no infinitivo são constituídos por uma vogal temática (-a, -e, -i) e um morfema marcador de infinitivo -r; os verbos no gerúndio, apresentam o morfema -ndo ligado ao radical verbal e os verbos no particípio se caracterizam por terem o morfema -do ligado ao radical verbal.

Nesta pesquisa, analisamos a produtividade das formas do verbo principal da microconstrução [IR_{aux}V_p] e constatamos maior produtividade da microconstrução com o verbo principal no infinitivo. O Gráfico 2 evidencia o quantitativo de ocorrências de cada forma do verbo principal:

Gráfico 2 – As formas do verbo principal na microconstrução [IR_{aux}V_p].



Fonte: Elaboração própria.

Conforme demonstrado no Gráfico 2, das 715 ocorrências encontradas no *corpus*, em 534 delas o verbo principal está no infinitivo, 161 no gerúndio e apenas 20 no particípio. O

quadro seguinte apresenta uma lista das formas do verbo principal da microconstrução [IR_{aux}V_p] encontrados na fala goiana:

Quadro 6 – Lista das formas do verbo principal na microconstrução [IR_{aux}V_p].

FORMA	CONSTRUTOS
IR+INFINITIVO	<p>vai fazer, vai ser, vou fazer , vai ficar, vai me dar, vai acabar, vai ter, vou ficar, ia fazer, vai pagar, vai aprender, vou procurar, vai passar, vou dar, vou trabalhar, foi morar, vamos ver, vou arrumar, vou conseguir, ia ser, vou deixar, vou levar, ia dar, vou largar, vai vir, vou jogar, vou ter, vou estudar, vai voltar, ia acabar, vou mexer, fui trabalhar, vai morar, ia trabalhar, ia ficar, ia precisar, vou pedir, vai trabalhar, vou contar, ia conhecer, vai estar, vai sair, vai beber, ia pegar, vou morar, vamos orar, vai encaminhar, ia morrer, vamos fazer, foi caçar, foi fazer, vou conversar, vou mandar, ia voltar, vou voltar, vou construir, vou pegar, ia brincar, ia levar, ia mexer, fui balançar, foi trabalhar, fui morar, foi passar, vai arrumar, ia passar, ia dormir, ia conseguir, vou te explicar, ia xingar, ia ganhar, vai resolver, vou te falar, vai arrebetar, vai dormir, vamos arrumar, ia roçar, vou ser, vai conversar, vai gostar, ia namorar, vou ajudar, vou pagar, vai dar, vai chegar, vai querer, vai mudar, ia me dar, vai casar, vai precisar, vai vender, vou te pagar, vai brincar, vou tirar, ia durar, vamos tomar, foi tocar, vai guiar, vai olhar, vai esperar, vou só trabalhar, vou casar, vai crescer, vou gastar, vamos aprender, foi tirar, vou tomar, vai saber, vai reagir, vai encontrar, vai construir, vai pôr, vamos tirar, ia operar, vamos levar, ia atender, vamos acabar, ia vender, ia sair, fui mostrar, ia comprar, vou poder, foi procurar, foi receber, foi travessar, foi andar, vou entrar, ia tampar, ia deixar, ia virar, ia jogar, fui roçar, fui conhecer, foi elevar, vou esquecer, ia estar, ia sentar, ia resolver, vou quebrar, vou lembrar, fui investir, foi cortar, vou mais comprar, vou crescer, vou enfrentar, vou explicar, vou aprender, vou cuidar, vai avasar, vai prestar, vai ensinar, vai acontecer, vão pensar, ia continuar, ia ver, ia profissionalizar, fui me apegar, vou ver, ia brincar, ia dançar, ia prender, vamos largar, ia cantar, vou pular, vou te vacinar, vou precisar, vou dizer, vou preencher, vai brigar, vai banhar, vai andar, vai costurar, vou te ensinar, vai entrar, vai sustentar, ia cobrar, ia entrar, ia afastar, ia acontecer, ia deitar, fui ver, vamos dar, vou esperar, vou descansar, vou caçar, vou ganhar, vou receber, vai melhorar, vai levantar, vai ligar, vai libertar, vai restaurar, ia terminar, ia ter, ia dividir, ia gastar, ia escapar, fui sacudir, fui lavar, foi sair, vou continuar, vou apanhar, vou achar, vai começar, vai entender, vai encostar, vai ver, vamos brigar, ia parar, ia arrumar, ia perder, ia tirar, ia me mandar, ia casar, ia entregar, vou engraxar, vou vender, fui aprontar, vamos acertar, vai me pagar, vai pegar, vou andar, fui inventar, vamos separar, vai levar, vamos aposentar, vai assinar, fomos limpar, vamos viajar, vamos beber, vamos posar, vai posar, vou desdenhar, vai largar, ia bater, vou bater, vou sair, vai bater, ia buscar, ia esbanjar, ia comer, ia brigar, ia agarrar, ia mandar, foi pescar, ia pescar, vou brincar, fui brincar, fui mexer, foi disputar, fui viajar, fui podar, foi jogar, ia andar, fui passar, fui entrar, vou passar, foi rir, foi levar, vai tirar, vamos juntar,</p>

	ia vir, vai conhecer, vai faltar, vai abaixar, vai mandar, ia chover, vai virar, vai ganhar, vai copiar, vai sumir, ia comparecer, fomos carregar, ia rezar, vai plantar, fui falar, foi entrar, vai perguntar, vai chamar, vai lavar, vamos repartir, vou mostrar, vou decorar, ia querer.
IR+GERÚNDIO	vai levando, foi ficando, vai indo, foi indo, vai mudando, fui crescendo, foi crescendo, foi acabando, vou levando, vai fazendo, foi chegando, fui ficando, foi perdendo, fui cortando, foi falando, vai pagando, vai passando, fui trabalhando, ia passando, foi aparecendo, foi levando, fui começando, foi aumentando, foi criando, ia prendendo, foi superando, vai comprando, vai vivendo, vai virando, vai lixando, vai arrumando, ia carregando, foi comprando, fui riscando, fui só tirando, foi só emagrecendo, foi bagunçando, foi estudando, foi passando, foram gostando, foi casando, foi esparramando, foi começando, ia arrumando, foi mandando, foi afastando, vai chegando, vai pegando, fui tomando, foi gostando, foi me comovendo, fui aprendendo, foi tomando, fui percebendo, fui acostumando, fui falando, fui saindo, fui entrando, foi entendendo, foi destruindo, vamos tocando, fui comprando, foi correndo, foi se distanciando, foi operando, ia entrando, foi recuperando, fui ganhando, fui levando, fui lutando, fui pegando, foi lutando, fui engraxando, ia só olhando, vai avançando, vai só modificando, vai criando, foi vendo, foi agradando, foi modificando, ia levando, foi encontrando, fui só casando, fui mudando, vai firmando, vou andando, foi tirando, ia apanhando, foi testando, vai falando, vai contando, vai ficando, vai sentando, foi ligando, vou lendo, vou marcando.
IR+ PARTICÍPIO	foi criado, fui criado, foi pegado, fui criada, foi comprada, foi criada, fui nascido, fui vivido, foi pegada, fomos criado, foi enterrado, fui batizado, foi chamado.

Fonte: Elaboração própria.

Em nossa análise, identificamos que as perífrases IR+INFINITIVO tendem a indicar na fala goiana futuridade expressa pelo evento narrado e não pelo momento da enunciação. Uma possível explicação para a predominância desses usos reside no fato de que os informantes retornam, do ponto de vista cognitivo, a vários momentos do passado para se referir a algo que poderá ocorrer em um momento posterior a uma determinada situação, como nas microconstruções a seguir:

- (14) [...] eu num sabia o q/eu **ia vê** pra frente... qual era a necessidade que eu **ia passá** se ia sê bom ou se ia sê rui (FG).

O evento descrito em (14) relaciona-se à acontecimentos anteriores ao momento da fala do informante, portanto, o tempo verbal expresso pela construção fornece instruções para situar o momento do evento (ME), isto é, o momento da realização expressa pelo verbo.

Constatamos também que as formas de superfície formadas com base na perífrase IR+GERÚNDIO normalmente são marcadoras de situações incompletas. Como ocorre no exemplo a seguir:

(15) Mais **vai ino** né? assim a vida né? um dia tá bão... um dia tá ruim (FG).

Já os construtos com base na perífrase IR+ PARTICÍPIO apresentam o resultado do processo verbal, isto é, o processo verbal concluído, acabado. Como ocorre no exemplo a seguir:

(16) é... no Estado de Goiás... ali... eis fala co... cachoeira de (massa)... hoje chama Paraúna...[...]. Já... lá... eu **fui criada** lá... mas nós **foi criado** foi no azeite... nós **foi criado** foi... foi cum mentrasto, arruda... num cunhicia médico não... nós **foi criado** tudo na roça desse jeito... (FG).

Cabe ressaltar ainda que verificamos uma alta frequência de construtos no futuro do pretérito. Esses dados corroboram com as características do *corpus*, uma vez que, nas narrativas, há uma preferência pelo uso do tempo verbal no passado.

Tais formas são muito produtivas na fala goiana e apresentam diferentes funcionalidades. Além do que já foi evidenciado até aqui, também procuramos analisar a configuração oracional de sentenças com microconstrução $[IR_{aux}V_p]$. Descreveremos os resultados dessa análise na próxima seção.

4.1.3 A configuração oracional de sentenças com a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$

Para a análise dos aspectos formais da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$, também consideramos a configuração oracional de sentenças com essa construção. Procuramos analisar os aspectos formais dessas orações considerando a voz, dado que a voz também contribui para o entendimento de alguns tipos aspectuais.

A voz é um fenômeno linguístico de interface sintático-semântica e pragmático-discursiva, visto que diz respeito às relações que se estabelecem ao representar o evento descrito (Casseb-Galvão; Barros; Bertoque, 2022). Na constituição da voz, convergem fatores de ordem cognitiva e linguístico-discursiva, dado que está relacionada com a maneira como o falante percebe os eventos no mundo e os representa linguisticamente a fim de atender suas intenções pragmáticas, antecipando a interpretação do interlocutor (Casseb-Galvão; Barros; Bertoque, 2022).

Para a análise a configuração oracional ²⁶de sentenças com microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ na fala goiana, consideramos apenas os tipos de voz mais prototípicos: a voz ativa e a voz passiva. Dessa forma, a configuração oracional da voz ativa pode ser representada pela seguinte configuração morfossintática:

Figura 13 – A configuração morfossintática da voz ativa.

Cx: $[SN+[IR_{aux}V_p]+SN]$

Fonte: Elaboração própria.

Nos dados do Fala Goiana, essa configuração aparece em contextos em que os informantes relatam suas experiências de vida. Como exemplificado nas orações destacadas abaixo:

- (17) Separô...ele rumô uma mulhé né... i virô um inferno na vida da minha mãe essa mulhé... aí té que me... minha mãe infezô um dia... aí mim chamô... **vamo levá a rôpa do seu pai lá**... qu/**ele ia carregano as rôpa** ela nem via qu/ele tinh... tava carregano as rôpa né? quand/é fé chegava... ele brigava com mulhé... chegava... batia na porta... ela ia atendê... olhá () tinha corrido dexado a mala dele lá na porta... aí um dia minha mãe falô assim... chamô eu e minha irmã... vem cá cêis duas... eu fui... aí minha falô assim... vamo lá levá as rôpa do seu pai...(FG).

Nas orações em destaque em (17), observa-se um uso produtivo da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ operando na voz ativa. Nessa configuração oracional, é importante destacar que, nos registros encontrados, alguns argumentos não aparecem em todas as orações, mas podem ser recuperados pelo contexto de interação, como em (18):

- (18) [...] í ela pegô os seis reais né? e ligô pra mim falô cê ruma tal barracão pro lado que fô... até seis reais **eu vô dá procêis**... ou eu vô dá de entrada... cêis dá um jeito aí arruma... falei com ela aí... Dona Joana então eu vô vê o qu/eu consigo... aí peguei desliguei o telefone aí saí na porta... falei pra mãe... mãe olha qu/eu já fiquei feliz na/ora que falô assim... falei mãe Dona Joana vai fazê assim assim pra nós eu vô procurá então e num procurei não aí saí na porta da rua aí vei um corretor na hora... i (FG).

Na oração em destaque em (18), há uma estrutura argumental em que a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ seleciona três tipos de argumentos: (i) um sujeito, (ii) um complemento direto e (iii) um complemento indireto. Nessa sentença, o sujeito (eu) e o completo indireto (para vocês) são

²⁶ Compreendemos que a configuração morfossintática por si só não permite a distinção entre os tipos de vozes, dado que a voz também envolve fatores semânticos e pragmáticos, entretanto, nesta seção, optamos por destacar apenas as propriedades formais de sentenças com a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$.

expressos, já o complemento direto pode ser recuperado por um processo inferencial. Nesse caso então, seria o “barracão”.

A voz passiva na fala goiana, em relação à auxiliaridade, constitui-se a partir da organização oracional em que um sintagma nominal ocupa a primeira posição da construção, a microconstrução [IR_{aux}V_p] ocupa a segunda posição, seguida de um sintagma preposicionado, conforme exemplificado em (19):

- (19) aí foi pra outra fazenda perto de São Luís... **aí fui criada com a minha vó** ... aí minha vó ((tin)) eu vou morá nôtra fazenda... eu fui lá pra casa da minha “vó”... aí nosso serviço lá na fazenda era água horta...(FG).

Nesse exemplo, a oração em destaque apresenta como predicado verbal a construção *fui criada* que requisita um argumento elidido (*eu*) e um argumento com função de agente da passiva (*a minha vó*). Essa organização oracional prototípica da voz passiva pode ser representada pela seguinte configuração morfossintática:

Figura 14 – A configuração morfossintática prototípica da voz passiva.

Cx: [SN+[IR_{aux}V_p]+SP]

Fonte: Elaboração própria.

Assim como ocorre na construção de voz ativa, os argumentos podem ser inferidos contextualmente, contribuindo para as construções de orações de voz passiva menores do ponto de vista morfossintático, conforme exemplificado em (20):

- (20) ladrão já entrou na minha casa né... três vez... **já fui roubada** três vez... agora assalto assim... acidente... não (FG).

Na oração em destaque em (20), a construção é o núcleo predicador que requisita formalmente apenas um argumento. Entretanto, o argumento com função de agente da passiva pode ser recuperado contextualmente. Essa construção pode ser representada pelo seguinte esquema morfossintático:

Figura 15 – Uma segunda configuração morfossintática da voz passiva.

Cx: [SN+[IR_{aux}V_p]]

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à produtividade do uso da voz na fala goiana, identificamos no *corpus* de pesquisa uma maior produtividade da voz ativa. No que se refere ao uso da voz passiva, destacamos duas regularidades observadas nos dados. A primeira regularidade é a supressão do argumento com função de agente, conforme podemos ver nos exemplos a seguir:

- (21) É branca... minha vó era branca meu avô... tem um avô... meu avô era branco... é... **o marido da minha vó que é... foi pegado no laço** é... é... era o meu avô era loro chegava... o cabelo loirim e minha avó...(FG).
- (22) **O meu pai morreu em Minas né...? [...]** Foi enterrado lá... e a minha mãe... aí minha mãe morreu nesse mei pra::zo... i eu vortei di novo... aí foi meu avô que mim troxe...(FG).

Sentenças como (21) e (22) demonstram que a voz passiva tende a ocorrer quando não se deseja nomear os agentes, ou ainda quando não se sabe quem são os agentes. Outra regularidade ocorre no uso das formas nominais, verificamos que os informantes, ao usar a voz passiva, recorrem à perífrase com o uso preferencial do particípio.

Em síntese, as relações construcionais estabelecidas em rede pela microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ demonstram que essa construção se liga à padrões construcionais mais abstratos, derivados de princípios de herança no pareamento forma e função, isto é, essa microconstrução herda a configuração morfossintática do esquema de auxiliaridade e, também, a funcionalidade do macroesquema da predicação, tema que será ampliado na seção seguinte.

4.2 As propriedades funcionais da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ na fala goiana

Nesta seção busca-se apresentar as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais do padrão construcional $[IR_{aux}V_p]$. Dessa forma, discute-se a interface sintático-semântica em que essa microconstrução opera na fala goiana. Na sequência, analisa-se os seus usos quanto aos domínios semânticos, a expressões metafóricas e ao seu tipo semântico.

4.2.1 A interface sintático-semântica da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$.

Como vimos no segundo capítulo, a categoria de auxiliaridade surgiu por mudanças graduais no nível da predicação. Entendemos a predicação como uma categoria na língua, cujo elemento central (o protótipo) é representado pelos verbos plenos. Por isso, considerando que as construções se associam em rede linguística, iniciamos retomando a descrição das propriedades sintático-semânticas das construções com verbos plenos, para o entendimento das propriedades funcionais da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$.

Na interface sintático-semântica, os verbos plenos requisitam argumentos na predicação, pois a semântica do verbo designa um estado de coisas que ativa na mente dos falantes uma representação esquemática em que são necessárias algumas entidades participantes (Neves, 2011).

O verbo *bater*, por exemplo, ativa prototipicamente um esquema mental (ou *frame* de predicado) em que é necessário um argumento agente e argumento paciente da ação verbal. Essa representação mental pode ser codificada linguisticamente pela seguinte sentença:

(23) ele batia demais da conta na minha mãe... que Deus a tenha... (FG).

Em (23) o verbo *bater* tem como argumentos o sintagma nominal “*ele*”, que seria o praticante da ação expressa pelo verbo, e o sintagma preposicionado “*na minha mãe*” que tem função semântica de paciente.

O verbo pleno também serve para codificar funções sintático-semânticas como: *voz*, que indica a orientação da relação entre o verbo e seus argumentos, *modo*, que apresenta uma apreciação qualitativa do falante em relação ao fato; *tempo*, que representa noções de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade ao momento da fala, do evento e da referência e; *aspecto*, com o qual se evidencia as etapas de desenvolvimento do evento (Longo, 2015).

Os verbos plenos também se flexionam para apresentar as pessoas do discurso: a pessoa que fala (eu/nós), a pessoa com quem se fala (tu/ vós) e pessoa de quem se fala (ele/eles). Eles também indicam o número de participantes no acontecimento, por meio da flexão em singular e plural.

As propriedades sintático-semânticas observadas nas construções com verbos plenos, também podem ser encontradas em construções mais complexas, como a microconstrução [IR_{aux}V_p]. Em relação as suas propriedades, essa construção também requisita argumentos para a formação da predicação verbal, como pode ser verificado na ocorrência a seguir:

(24) eu vô pagá o aluguel procêis todo mês eu mando aluguel procêis cê toma as providência e arruma uma casa pra alugá [...] (FG).

Em (24), a microconstrução em destaque requisita os argumentos “eu”, “o aluguel” e “para vocês” na formação do *frame* de predicado. A requisição de argumentos no nível oracional é observada tanto na construção prototípica, quanto na construção de auxiliaridade. Isso demonstra que essa propriedade pode consistir em um bom parâmetro para a definição de entidades da categoria de predicado verbal.

Em nossa análise de dados, entendemos que, na microconstrução $[IR_{aux}V_p]$, a capacidade de designação dos eventos no mundo é uma propriedade mais saliente no verbo principal. Podemos entender melhor essa afirmação com a reversibilidade semântica ²⁷ da construção predicativa em (25). Nesse caso, ficaria da seguinte forma:

(25) a. Eu **vou pagar** o aluguel para vocês...

b. Eu **pagarei** o aluguel para vocês...

Em (25a) percebemos que a evento descrito ocorre com o uso da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$. Em (25b), para mantermos o valor semântico do evento descrito, foi necessário o uso verbo pleno *pagar*. Isso demonstra que, nessa construção, é o verbo no infinitivo tem valor lexical de codificação do EsCo.

Na fala goiana, verificamos que verbo auxiliar *ir* preserva propriedades gramaticais dos verbos plenos como tempo, modo e concordância de número e pessoa. Já o verbo principal, em alguns casos, além de apresentar o acontecimento no mundo, codifica a categoria gramatical de aspecto, como pode ser observado nas construções a seguir:

(26) Aí depois meu pai faleceu eu tinha oito anos aí devido acho... que minha mãe sozinha cuidá de nós porque ela que corrigia aí nós **foi calmano**, porque deixa só por causa dela. Aí os mais véi **foi falano** que num podia briga mais tal. Aí a gente **foi entrando** nos exos aí paro de briga (FG).

(27) eu num num **fui nascido** aqui em Goiás mais **fui criado** aqui tento de Goiás aqui dento de Goiás eu num saio não... qu/eu sô criado aqui dento de Goiás... aqui é minha nação... lugá onde eu... **fui CRIado fui vivido** peguei minha experiência foi aqui dento de Goiás...(FG).

Na ocorrência (26), as formas verbais no gerúndio codificam um evento progressivo, o que expressa um aspecto durativo, por exemplo. O compartilhamento de noções aspectuais também ocorre nas construções formadas por um verbo auxiliar e um verbo no particípio, como em (27), em que o verbo principal denota um evento perfectivo, isto é, codifica uma ação concluída.

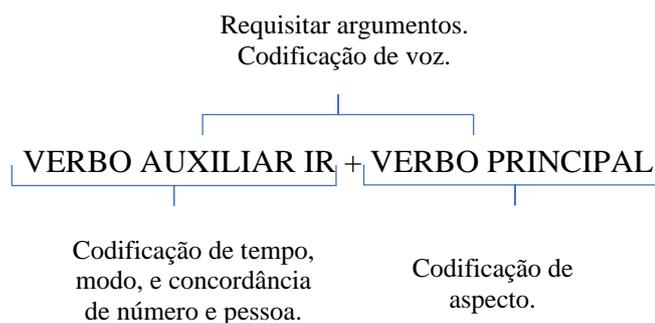
Também verificamos que, na fala goiana, a codificação de voz é uma propriedade compartilhada pelos dois elementos da construção²⁸. Dito de outro modo, o verbo auxiliar *ir* não codifica voz, é a construção como um todo que codifica, dado que, conforme já

²⁷ A reversibilidade semântica é a capacidade de realizar paráfrases com outro tipo de predicado verbal (Casseb-Galvão; Almeida-Flores, 2022).

²⁸ A voz não se categoriza somente na construção, dado que ela incide sobre toda configuração oracional, mas ela é fortemente relacionada à constituição verbal (Casseb-Galvão; Barros; Bertoque, 2022).

mencionado, para a codificação da voz passiva é necessário a perífrase IR+PARTICÍPIO. Corroborando para esse entendimento também, Camacho (2002), quando afirma que a voz passiva é constituída por um verbo auxiliar e um verbo no particípio. Para concluirmos essas considerações, a figura seguinte apresenta as propriedades da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$:

Figura 16 – As propriedades da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$.



Fonte: Elaboração própria.

Conforme demonstra a Figura 16, o verbo auxiliar *ir* codifica informações de tempo, modo e concordância de número e pessoa. O verbo principal, no particípio e no gerúndio, apresenta informações aspectuais. Já a requisição de argumentos e codificação de voz são propriedades compartilhadas pelos dois elementos da construção.

Conforme demonstrado, essas propriedades da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$, evidenciam o entendimento de que as construções são inventário de unidades estruturadas por uma rede taxonômica de construções organizada hierarquicamente, em que algumas construções são mais gerais, de nível superior, e outras mais especificadas que herdam alguns atributos das construções que estão no nível mais alto da rede. Além disso, há implicações cognitivas na reorganização da informação, uma vez que o falante, ao escolher usar essas formas, destaca *frames* recuperáveis sobretudo pela presença do verbo auxiliar.

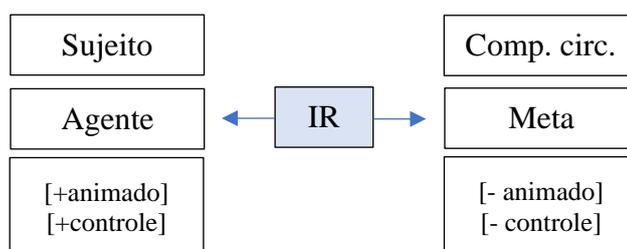
Quanto aos seus usos na fala goiana, os sentidos ligados à construção se constituem dentro de domínios semânticos e pragmáticos, isto é, a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ apresenta algumas funcionalidades relacionadas a codificação de domínios semânticos, ao uso de expressões metafóricas, ao uso icônico etc. Falaremos sobre esse assunto no próximo item.

4.2.2 Os domínios semânticos ligados à microconstrução [$IR_{aux}V_p$]

O verbo *ir*, em seu uso prototípico, exibe significados atrelados ao domínio semântico de movimento, por isso, é classificado por alguns autores como *verbo de movimento* (cf. Meirelles, 2016; Oliveira, 2008). Esse verbos, em termos gerias, podem denotar (i) a maneira como acontece o movimento (*girar, dançar, rolar*) ou (ii) codificar aspectos relacionados ao direcionamento espacial de trajetória (*ir, vir, chegar*) (Meirelles, 2016).

Segundo Oliveira (2008), na construção predicativa, o verbo pleno *ir* requisita, prototipicamente, dois argumentos: um sujeito (agente) e um complemento circunstancial (Oliveira, 2008). Uma representação da configuração sintático-semântica dessa construção pode ser da seguinte forma:

Figura 17 – Esquema sintático-semântico da construção predicativa com o verbo pleno *ir*.



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 17 demonstra que as construções predicativas formadas pelo verbo pleno *ir*, evidenciam um evento dinâmico e controlado no qual o sujeito (agente) é o controlador e o complemento circunstancial (a meta) é o controlado (Oliveira, 2008). Isso pode ser melhor compreendido com o seguinte exemplo:

- (28) ela cresceu... eu to trabalhando... ela tem a vida dela... eu tenho a minha... ai... que mais... é:... tentamos morar junto com o pai... mas não conseguimos... num deu certo... ele foi pro canto dele eu fui pro meu...(FG).

Em (28), para a formação do *frame* de predicado foi necessário (i) o agente (*eu*) e (ii) o local para onde se desloca (*para o canto dele*). Há também, segundo Oliveira (2008), outra configuração considerada prototípica em que o verbo pleno *ir* requisita dois argumentos internos: (i) um ponto no espaço de partida e (ii) outro de chegada (*Ex.: Ele foi do colégio direto pra lá*).²⁹

²⁹ Exemplo de Oliveira (2008).

No banco de dados selecionado para esta pesquisa, encontramos construtos em que o conceito de movimento expresso pelo verbo *ir* está em diferentes graus de abstratização — em algumas construções o *ir* enfatiza a noção de movimento espacial e, em outras, apresenta uma noção de movimento temporal.

Isso demonstra que, quando assume funções de auxiliar, o verbo *ir* ainda designa o conteúdo conceptual de movimento, uma vez que em seu processo de mudança linguística, houve uma transferência cognitiva de um conceito que representa um deslocamento espacial para conceitos mais metaforizados. Dessa forma, apesar de não codificar a informação semântica principal, o verbo auxiliar ainda codifica aspectos conceptuais da forma plena, além das categorias gramaticais tempo, modo, pessoa e número.

Essa constatação vai de encontro com o que Heine (1993) falou sobre a transferência de domínios na formação dos auxiliares. Segundo esse pesquisador, quando uma expressão com um conceito de origem lexical sofre um processo de mudança e passa designar também um conceito de destino gramatical, o resultado é ambiguidade, uma vez que uma mesma expressão pode se referir, simultaneamente, a dois domínios diferentes.

Ainda sobre essa temática, também percebemos que nas formas perifrásticas de futuro do pretérito e de futuro do presente, o sentido do verbo *ir* é mais abstratizado, com uma acepção de movimento temporal. Por outro lado, as construções perifrásticas que expressam o pretérito destacam o sentido de movimento espacial desse verbo, conforme os exemplos listados no quadro a seguir:

Quadro 7 – Valor semântico do verbo *ir* nos construtos da microconstrução [IR_{aux}V_p].

Valor semântico	Exemplos
MOVIMENTO ESPACIAL	unca fui de i pa clube porque nesse tempo eu tava casada... i comu eu casei com homem mais ve: :lho... bem: : mais velho do que eu... i ele só queria saber di bebê di barzim intão não mi levava também
	irmã foi levá pão prus minino... e eis quiria pegá a irmã... e eu infrentei eis... falei: cês me mata aqui agora...! mais num põe a mão nela não...
	Até teve um nesse dia teve um um colega nosso lá que foi passá na ceica lá e levô um choque que ficô um risco assim nos peito, ele caiu na hora.
	i eu peguei e mudei de colégio... fui conhecer outro colégio né... eu esqueci o nome... lá:: lá naquele colégio só tinha o:: início só... num tinha o:: a terceira... quarta série lá não...
	í ele foi pescá um dia <u>na bêra do rii</u> aí escondido de nós falô que ia pá aula e ia pescá () aí ele jogô n/hora qu/ele chegô em casa com o anzol engarranchado na bera dos zói...
MOVIMENTO TEMPORAL	eu tinha que fazer comida... fazer janta... e... pra... ele janta e come no outro dia... aí eu peguei e grilei... aí eu falei assim eu num vou fazê mais comida não...
	eu peguei virei pra ele e falei assim... olha sua filha não vai precisar de você não... mas você vai precisar dela mais tarde...
	eu sempre falano com Deus que eu ia consegui uma coisa diferente pra mim ganhá dinheiro
	aí ele vei cá vendê casa dele... e ele gostava de bebê né? acho qu/ele saiu falano... comentano... p/otro que ia vendê a casa... e alguém escutô... juntô meu fii... pegô ele... levô ele pro mato ali ó... mais bateu tanto nele...
	eu falei meu filho eu custei mi livrâ di você agora que eu me livre eu vo pidi desculpa pro cê nUnca .
	ele me deu até um murro aqui assim... aí eu falei... ah... nunca apanhei do meu pai vou apanha de homem... aí eu peguei e larguei ele...

Fonte: Elaboração própria.

Para evidenciamos essa noção de movimento temporal nas construções elencadas no Quadro 7, podemos fazer a reversibilidade semântica desses construtos, assim substituiríamos, por exemplo, *vou fazer* por *farei* e *vou precisar* por *precisarei*. Isso evidencia que o verbo *ir* é um auxiliar de futuro e a realidade expressa por esses verbos nominais consiste em uma realidade projetada, isto é, em um movimento que o conceptualizador prevê com base em seu conhecimento de mundo, em suas experiências e em intenções.

Ainda sobre o Quadro 7, acreditamos que a preservação do valor semântico de movimento espacial do verbo *ir* em construções de auxiliaridade ocorre, principalmente, por haver um complemento circunstancial (expresso ou subentendido) na construção predicativa. Apesar disso, também encontramos construções nas quais o verbo *ir* exprime o sentido mais abstratizado de tempo, conforme em evidenciado em (29):

- (29) aí... nós passô muita necessidade... minha mãe trabaiano de:: merendera... nós **ía buscá** merenda na lá na... na esCOLA...(FG).

Construções perifrásticas com verbo *ir* no pretérito perfeito também podem expressar um valor temporal, quando esse auxiliar é acompanhado por verbos nominais que indicam um valor aspectual, como nas ocorrências a seguir:

- (30) í eu comecei a fazê esse serviço pra ela daí em diante o povo **foi vendo** meu serviço e **foi agradano**... aí eu **fui começando** a pegá serviço...(FG).
- (31) o:: sargento... sargento é... com/é o nome dele Divino? Divino não é:: XaVIER chamô pra fazê o serviço dele lá tamém aí **foi aumentano**... **foi apareceno** i eu tava trabaiano na época di servente memo... aí **foi mudificano** a pôco **foi aumentano** o serviço é onde eu tô na profissão de pedreiro hoje... foi atravéis do primero do serviço da minha mãe... aí:: tá onde eu tô hoje tamém...(FG).

As construções em destaque nas ocorrências (30) e (31) demonstram uma metaforização do conceito de movimento, isto é, evidenciam a transferência da noção de movimento para o domínio temporal. No próximo item trataremos um pouco mais sobre os usos metafóricos da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$.

4.2.3 Os usos metafóricos da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$

Em relação aos usos metafóricos da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$, encontramos na fala goiana construtos com diferentes graus de transparência no pareamento forma-função, conforme os exemplos seguintes:

- (32) eu ponho na cabeça que você ta pensando trem de mim... eu vô lá e peço demissão... **fui fazer** uma entrevista lá:: na saída de Brasília... ia trabalha lá na::... é::... esse negócio de petróleo... que mexê com óleo... essas coisa assim... ia trabalhá na recepção... (FG).
- (33) É:: num sobra tempo e os amigo... que brincava eis foi... casando... **Foi... esparramando** tudo... (FG).

A microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ é representada na ocorrência (32) e (33) por dois construtos. O construto em (32) consiste em um padrão mais composicional, pois o significado das partes da construção estabelece uma correspondência no pareamento forma e função. Por outro lado, em (33) o significado da construção apresenta certo grau de metaforização, pois seus elementos constituem-se como uma construção pré-fabricada, na qual o *chunking* traz traços

semânticos de outro verbo para a composição (*afastar*). O mesmo acontece com as construções listadas no quadro a seguir:

Quadro 8 – Formas não composicionais da microconstrução [IR_{aux}V_p].

Construções não composicionais
terminei de pagá o quichute e aí eu fui tomano uma dependência já trabalhava...
assim que entendi por gente e vi a dificuldade que a gente passava a primeira coisa que fiz foi elevá o pensamento em Deus foi uma coisa que aprendi na minha infância mesmo...
minha mãe num queria qu/eu saísse da aula não... falei ah:: não num quero estudá não... num gosto de estudá... num quero... aí fui só tirano nota ruim... nota ruim... nota ruim... até qu/eu saí...
ele tem um panim que ele vive com esse panim esfregando na cara babando tudo... então ele eu vou te vaciná eu falei agora pronto ele pegô o panim... melecô na boca dele... i queria passá na minha boca...
eu lembro qu/era um vendaval que tava dano e eu pulei numa cerca de arame que tinha alta que depois eu fui ver falei assim meu Deus num era eu que pulei
i:: mesmo pôca idade todo mundo admirava falava mais não tem como... como que:: um garoto desse... - 10 M 30 trabalha num serviço desse/qui... cê vai REBENTÁ meu fii...
uma veis um caboco chegô lá eu engraxei o sapato pra ele... aí eu tô lá... eu fui engraxano pra ele quando é fê...[...] ele pegô empurrô minha caixa de engraxate pa trais impressô meu dedo... impressô aí eu peguei falei pra ele vamo acertá ... ah num vô te pagá não muleque...
eu tinha muita namorada fazia muita namorada... essa época... era a época que eu arrumava mais namorada... tinha festa né... ai eu fazia mais () pra fazer festa lá... fazia baile... fazia festa folia... São João ainda conheço... fui religioso mais...

Fonte: Elaboração própria.

Outra funcionalidade da microconstrução [IR_{aux}V_p] observada no *corpus* é o uso produtivo na caracterização de construções pré-fabricadas e expressões convencionalizadas na fala goiana, designando o prosseguimento de um processo. Exemplo dessas construções são “vai indo”, “vai levando”, “vai vivendo”, “foi indo”, “foi levando” etc., conforme podemos ver nos dados a seguir:

- (34) até depois deu casado... depois qu/eu casei com minha esposa sempre ele mim dava consei tamém... i... **foi levano** essa vida... aonde qu/eu vô... **vô levano** essa vidinha hoje eu tenho o qu/eu tenho aqui tamém é atraveis dele qué dizê primeiramente através de Deus né? (FG).

Nesse exemplo, a repetição dessas expressões ao longo do *corpus* remete à metáfora *vida é uma viagem*, de Lakoff e Jonhson (1980), isso demonstra que há um *frame* compartilhado entre os falantes, o que materializa estratégias de aproximação e intimidade.

Ainda sobre os usos da da microconstrução [IR_{aux}V_p], procuramos classificar os construtos quanto às suas propriedade semânticas. Trataremos desse assunto no item seguinte.

5.2.4 A classificação semântica da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$

No que concerne à classificação semântica da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$, fundamentamos-nos em Neves (2018). Segundo essa pesquisadora, uma análise das construções predicativas pode embasar-se nas unidades semânticas dos predicados verbais, embora deva-se considerar também a oração construída.

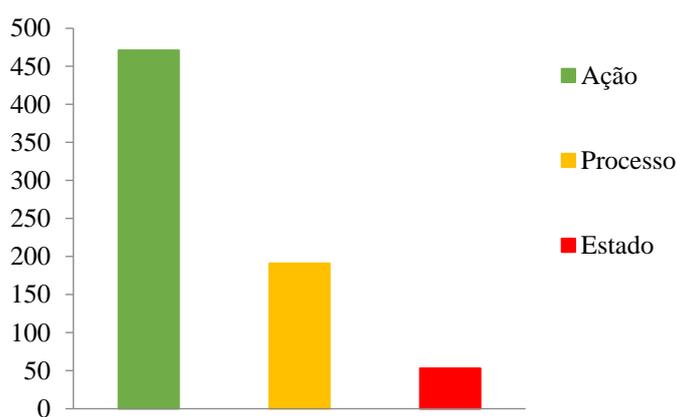
Neves (2018) estabeleceu duas categorias principais de predicados verbais: os *dinâmicos* e os não *dinâmico*. Os predicados dinâmicos são de dois tipos:

- a) *ação/atividade*: exprime um fazer por parte de um sujeito;
- b) *processo*: denota um acontecimento que afeta um sujeito paciente.

Os predicados verbais não dinâmicos são constituídos de uma única classe: os de *estado*, que, segundo Neves (2018, p.153), “não dizem nem o que alguém faz nem o que acontece”. Ainda para a autora, os predicados verbais não dinâmicos são constituídos por um sitagma nominal que funciona como suporte de um estado.

Partindo desse entendimento, descobrimos em nossa análise que a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ exprime com maior produtividade eventos que indicam ação, conforme evidenciados no gráfico seguinte:

Gráfico 3 – Tipo semântico da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$.



Fonte: Elaboração própria.

De acordo com o Gráfico 3, dos 715 construtos que se formaram a partir do esquema $[IR_{aux}V_p]$, 471 exprime ação, 191 apresentam processos e apenas 53 denotam estados. O quadro seguinte apresenta alguns exemplos de cada uma desses três tipos semânticos da

microconstrução [IR_{aux}V_p] na fala goiana:

Quadro 9 – Tipos semânticos da microconstrução [IR_{aux}V_p].

Tipo semântico	Exemplos
Ação	<p>É... ó sua filha chegô aqui ontem contano isso... contano aquilo... não qu/essa menina tá ficano lôca... num sei () que num mandei as coisa ainda mais vô mandá::... aí::: o coisa falô assim... ó cê pode man... cê pode mandá o dinheiro pra ela... não dinheiro eu num posso... mais amanhã eu mando a compra... (FG)</p> <p>Tem a pedra de alisá...uma pedra li:::sinha... a gente pega no rii... aí a gente vai lixano a panela até::: ela ficá lisinha...(FG)</p> <p>Sim... teve um dia qu/eu ia levá meu menino sabe... pra ... pra Goiânia... aí nós tava parado assim... té conteceu foi aqui dento de Goiás mesmo... nós tava lá i... quando é fé vei um carro sabe? e BAteu no carro que nós dois tava dentro...(FG)</p>
Processo	<p>eu peguei... tudo qu/eu comia eu passava mal... passava mal... foi só esmagreceno... esmagreceno... aí té que um dia eu... falei assim ah::: num guento mais essa vida...(FG)</p> <p>ai eu mi lembru qui minha mãe plantô uma nu meu das otras bananeras i falô qui aquela piquininha era a minha...conformi a bananera foi crescendu eu também fui crescendu...(FG)</p> <p>eu engraxava e tinha um primo que ele é considerado irmão também... foi criado...que além de nós se oito... oito irmão... aí devido a falta de uma tia minha...(FG)</p>
Estado	<p>pois/é então é desse jeito que vô te explicá o seguinte... se precisásse xingá... se xingá resolvesse ... ninguém de vocês num ia tá no sol... trabalhano nem mesmo eu ia tá no sol trabalhano...(FG)</p> <p>e aí já a noite sem lugar pra ficá... aí eu falei não se ocêis num importá eu vô ficá por/aqui mesmo no serviço...(FG)</p> <p>quando eu for ficá velhinha você também vai tá velhinha a nossa diferença é poquinho hoje pode parecer muito cê tá novinha mais a nossa diferença é pouca...(FG)</p>

Fonte: Elaboração própria.

Identificamos também uma funcionalidade no uso de construções que denotam iconicidade na repetição da forma nominal, como evidenciado na ocorrência a seguir:

- (35) eu pai mim entregô pesse casal... e um casal lá que tinha oto fii lá... só qu/es largava a gente lá... largô lá eu num sei como é que é assim minha mãe conta... i até pôco tempo eu tinha cicatriis di... di carrapato no meu corpo dexava eu jogado lá no...no terrero... aí minha mãe **foi lutano... lutano... lutano** com muito custo ela consegui arrecardá eu pra trais...(FG).

Construções como a destacada em (35) evidenciam a mudança linguística do verbo *ir* como auxiliar, pois o processo icônico de repetição do verbo nominal demonstra que as propriedades lexicais de codificação dos eventos no mundo residem, em grande medida, no verbo principal. A repetição do verbo principal também tem a função de trazer uma codificação de aspecto na construção, falaremos sobre dos tipos aspectuais da microconstrução [IR_{aux}V_p] na seção seguinte.

4.3 Os tipos aspectuais da microconstrução [IR_{aux}V_p]

O aspecto é uma propriedade semântica codificada principalmente por construções verbais, por isso, buscaremos analisar regularidades aspectuais do uso da microconstrução [IR_{aux}V_p] neste item. Como já mencionado neste trabalho, analisamos os tipos aspectuais proposto por Travaglia (2016), a saber:

- | | |
|-------------------|-----------------------------|
| a) durativo; | h) acabado; |
| b) indeterminado; | i) inceptivo; |
| c) iterativo; | j) cursivo; |
| d) habitual; | k) terminativo; |
| e) perfectivo; | l) perfectivo; |
| f) pontual; | m) começado ou não acabado; |
| g) não começado; | n) imperfectivo. |

Concebendo a gramática como um conjunto de regularidades expressa no uso das construções linguísticas, vimos que uma mesma construção pode codificar mais de uma noção aspectual, haja vista que cada um desses tipos aspectuais está atrelado à uma noção semântica. Assim sendo, analisamos os construtos da microconstrução [IR_{aux}V_p] considerando cada uma das noções semânticas ligadas a categoria aspecto, conforme ilustrado no exemplo seguinte:

- (36) aí:: voltando lá:: atrás na minha infância... eu vô levano... assim... a gente **vai levano** a vida com dificuldade... eu comecei a trabalhá fora pr/as pessoas né... pra pessoas estranhas...(FG).

Algumas noções semânticas classificam o aspecto verbal em subconjuntos categoriais como *duração*, *pontualidade*, *fases de realização*, *fases de desenvolvimento* e *fases de*

completamento. Em relação à noção semântica *duração* a construção exemplificada em (36) codifica o aspecto *indeterminado*. Em relação às suas *fases de realização*, a construção codifica o aspecto *começado ou não acabado*, também codifica o aspecto *curativo*, quanto às *fases de desenvolvimento*, e o aspecto *imperfectivo*, quando analisada a sob o ponto de vista das *fases de completamento*.

Cabe destacar que nem todos os construtos da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ codificam todas as noções aspectuais. Em (37), por exemplo, não é proeminente as *fases de desenvolvimento* do evento descrito:

- (37) ai passado dois anus eu tive a V. também uma gracinha de minina... aí o casamento **foi ficando** mui: :to chatu meu maridu bebia dimais enjuado dimais eu tamém era enjuada dimais né (FG).

A construção em (37), em relação à *duração*, marca o aspecto *durativo*. Quanto às suas *fases*, marcas apenas os aspectos *acabado e perfectivo*, conforme ilustra o quadro seguinte:

Quadro 10 – Tipo aspectual do construto “foi ficando”.

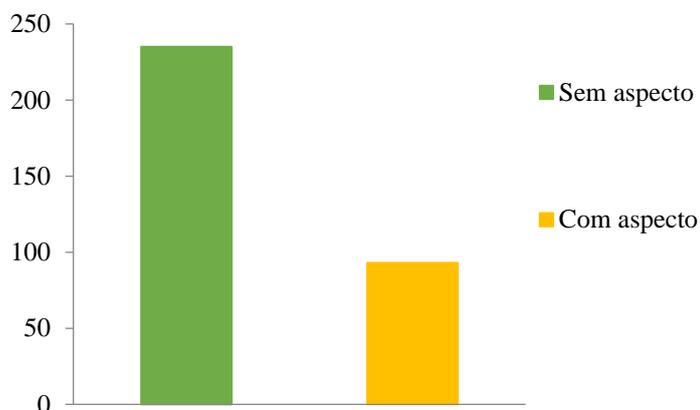
“aí o casamento foi ficando mui: :to chatu” (FG)		
Noções semânticas		Tipos aspectual codificado
Duração	<i>Duração</i>	Durativo
	<i>Não duração ou pontualidade</i>	-----
Fases	<i>Fases de realização</i>	Acabado
	<i>Fases de desenvolvimento</i>	-----
	<i>Fases de completamento</i>	Perfectivo

Fonte: Elaboração própria.

Apesar da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ codificar aspecto em algumas instancias de uso, em nossa amostragem, não encontramos informações aspectuais na maioria das ocorrências, o que demonstra que o falante não seleciona no léxico essa microconstrução para codificar aspecto verbal em muitas instancias de uso.

No *corpus*, identificamos 235 ocorrências que não marcam tipos aspectuais de um total de 328 ocorrências. Isso significa que essa construção não consiste no marcador aspectual prototípico no PB, conforme ilustra o gráfico seguinte:

Gráfico 4 – Produtividade aspectual da microconstrução [IR_{aux}V_p].



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico 4 demonstra que 72% das ocorrências não são marcadoras aspectuais. Isso acontece porque, conforme vimos na seção 5.1.2, a maioria dos construtos da microconstrução [IR_{aux}V_p] são formados pela perífrase IR+INFINITIVO. Essa construção se caracteriza por ser marcadora prototípica do tempo futuro. Esse tempo verbal, na maioria dos casos, tende a não atualizar a categoria aspecto, pois descreve uma realidade projetada. Dessa forma, conforme Travaglia (2016), essa perífrase apresenta mais um valor modal, o que restringe a expressão aspectual. O exemplo seguinte elucidada essa afirmação:

- (38) eis falava sim ó... **vai vim** uma época que fío num bedeçe pai... nem pai bedeçe fío... **vai virá** uma “tribuzana” ... e tá veno mesmo... essa históra meu pai contava, meus tío contava, meu avô... e tá aí... esse farturão que nós tem caba..., **vai cabá**... **vai vim** uma época de de... de vendê um prato de ouro troco de um prato de bóia... (FG)

Em (38), as construções em destaque evidenciam uma *realidade projetada*, isto é, situações hipotéticas que os conceptualizadores previram com base em seu conhecimento de mundo. Isso dificulta a percepção do aspecto, tendo em vista que essa categoria é expressa com maior clareza em situações mais objetivas como a *realidade passada* e a *realidade imediata*:

Embora tenhamos encontrado um número considerável de ocorrências com a perífrase IR+INFINITIVO no tempo futuro que não atualizam a categoria aspecto, a dinamicidade da língua faz com que em alguns instancias de uso essa microconstrução seja solicitada lexicalmente para a designação de aspecto, conforme demonstra os exemplos seguintes:

- (39) as veis nem penso que vô recebê qu/ele dinheiro pessoa chega na porta e mim pa:::ga... ota hora chega um pa fazê unha e mim paga... tô fazeno faxina tamém... falei Deus agora eu quero um

serviço... Deus já encaminhô uma faxina pra mim fazê... to:::da semana eu **vô fazê** essa faxina...(FG).

- (40) Ela fica aqui mora aqui, ai depois ela **vai mora** lá fica uns dia lá na fazenda lá, depois vem bora de novo... ai fica esse negócio nem junto nem separa. (FG).

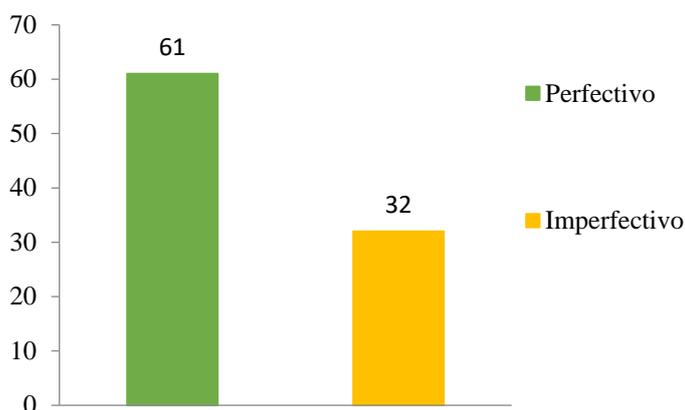
Nesses exemplos, as construções em destaque marcam os aspectos *iterativo*, *imperfectivo*, *começado ou não acabado*. Em (39), é possível identificar o aspecto por influência do elemento adverbial sublinhado. Em (40), a marcação aspectual é localizada na cadeia de eventos descrita e também pela construção adverbial “de novo”.

Com base nesses exemplos, entendemos que a construção adverbial é a responsável por marcar uma informação aspectual da realidade projetada do falante e do mundo factual compartilhado na interlocução. Isso corrobora com Travaglia (2016) que afirmou que, embora seja mais proeminente no predicado, o aspecto é uma propriedade da oração. Diante do exposto, procuramos analisar a expressão do aspecto em construtos da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ considerando os níveis sintáticos, semânticos e/ou pragmáticos que perpassam os usos dessa microconstrução na língua. Nos próximos itens, trataremos de cada tipo aspectual encontrado no banco de dados³⁰.

4.3.1 Perfectivo e imperfectivo

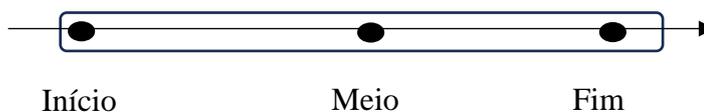
As noções aspectuais de perfectividade e imperfectividade são mais regulares no uso da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$. A codificação dessas noções semânticas foi constatada em todas as construções marcadoras de aspecto. De um total de 93 ocorrências analisadas, 61 designam *perfectividade* na codificação do evento no mundo, enquanto 32 ocorrências expressam *imperfectividade*, conforme podemos ver no gráfico seguinte:

³⁰ Falaremos do tipo aspectual em particular, sem mencionar outros que possam estar presentes.

Gráfico 5 – Produtividade dos aspectos perfectivo e imperfectivo.

Fonte: Elaboração própria.

Em grande medida, o aspecto *perfectivo* na fala goiana caracteriza a situação ou evento em que todas as fases de desenvolvimento são concluídas, como ilustra a figura a seguir:

Figura 18 – Aspecto perfectivo na fala goiana.

Fonte: Elaboração própria.

Conforme demonstra a figura 18, os eventos classificados como perfectivos apresentam a situação como completa, isto é, com começo, meio e fim agrupados. A seguir, apresentaremos algumas formas de superfície da fala goiana que expressam esse aspecto:

- (41) é... no Estado de Goiás... ali... eis fala co... cachoeira de (massa)... hoje chama Paraúna...[...]. Já... lá... eu fui criada lá... mas nós **foi criado** foi no azeite... nós **foi criado** foi... foi cum mentrasto, arruda... num cunhicia médico não... nós **foi criado** tudo na roça desse jeito...(FG).
- (42) Namorei com ele um ano... fiquei namorano com ele um ano... um ano e uns meis assim... aí nós pegô i:::... **foi morá** junto né? que... eu num tinha idade pra casá né? qu/eu tava só com quinze ano (FG).
- (43) intaum resolvi terminá meus istudus ((tosse)) eh::: fazê u provão du MEC ondi eu terminei a oitava SÉri pelu provão du MEC... continuei a trabalhá com/aí meu filhu cresceu **fui trabalhá** comu cabilerera di novu... (FG).

Nos exemplos (41), (42) e (43), as sentenças apresentam eventos que codificam um estado de coisas que exprime processos/ações finalizadas, com começo, meio e fim. O mesmo

não acontece com o aspecto *imperfectivo*. Na fala goiana, os eventos classificados como imperfectivos descrevem uma situação incompleta, conforme podemos ver nos exemplos seguintes:

(44) Que se for pra mexê... tem que tê a maromba e nós num tem... aí lá memo... aí a gente **vai levano** as peça pra lá... e já paga o barro... com o dinhe... saí o dinheiro aí vai pagano o barro que ele troxe né? (FG).

(45) Mais **vai ino**...[...] Mais **vai ino** né? assim a vida né? um dia tá bão... um dia tá ruim (FG).

Conforme demonstram os exemplos (44) e (45), os eventos descritos não estão concluídos. Em (44), a situação é iniciada e se repete em vários momentos. Já em (45), a situação denota um prosseguimento, ou seja, o foco está em descrever a ação em curso. Podemos compreender melhor essas afirmações no esquema seguintes:

Figura 19 – Aspecto imperfectivo na fala goiana.



Fonte: Elaboração própria (inspirada em Bagno, 2012).

No esquema (A) a linha tracejada representa uma situação descontínua que se repete por um período indeterminado, mas que não está concluída. Em (B), a linha contínua busca representar uma situação em desenvolvimento e, por isso, não concluída.

4.3.2 Durativo

Encontramos também o aspecto *durativo* no banco de dados da fala goiana. Como vimos, esse tipo aspectual está atrelado à noção semântica de duração e evidencia uma duração contínua limitada. Podemos compreender melhor essa afirmação nos exemplos seguintes:

(46) Eu tava com quinze ano... minha vista foi ruxiano... **foi ficano**... eu oiava assim falava mãe... PURque que as nuvem tão roxa... tão lilás... aí ela falava né não minha fia... tá não... e eu falava tá sim... quando feis déis dia eu tava cega...(FG).

- (47) e aí eu comecei a trabalha pr/otros aí meu pai tamém **foi perdendo** o domínio **foi perdendo** assim... aquela insistência pela escola né... por que ele percebia que o dinheiro que a gente ganhava já ajudava né... aí a gente já calçava...já comprei o meu primeiro calçado... foi quando engraxava ainda...(FG).

Em (46), a construção predicativa evidencia um processo contínuo que perdurou por um certo período. Em outros termos, a mudança de estado não teve nenhuma interrupção em seu tempo de desenvolvimento, que foi dez dias, conforme marcado sintaticamente. Em (47), também temos um evento durativo que, apesar de não estar tão evidente o tempo de desenvolvimento, é possível inferir que a situação apresenta uma duração finita.

Encontramos também na fala goiana eventos que apresentam uma duração contínua, mas que não é possível identificar/perceber os limites de tempo de desenvolvimento, conforme evidenciado em (48):

- (48) Mais graças a Deus tirano esses atrito assim... nós vamo levano nossa vida. É a vida qui nós **vai levano** e... como se diz (). É que a gente **vai levano**...(FG).

Em (48), a duração é contínua, mas é classificado com o aspecto cursivo, pois trata-se da descrição de um evento que não se pode conhecer o seu período de fim. Um ponto importante que vale destacar também em nossa análise é o fato do aspecto *durativo* ser mais comuns em evento que indicam um processo. Segue alguns exemplos:

- (49) foi muito bom essa... esse tempo que a gente morô lá... eu gostei... mais aí... atraveis qu/eu ficava muito sozinha né? ele **foi ficano** com medo... ele viajava muito...(FG).
- (50) e eu quero essa casa... essa casa é minha e **fui ficano** das mais alegre e quanto mais eu orava... parece que tava dano tudo certim assim...(FG).
- (51) aí eu mi lembu qui minha mãe plantô uma nu meu das otras bananeras i falô qui aquela piquininha era a minha...conformi a bananera **foi crescendu** eu também **fui crescendu**... (FG).
- (52) É... qu/eu ah hoje eu sô mei nervoso né? inda agora graças a Deus eu tô mingvano mais que eu passei... fui pro encontro de casais e a vida **vai mudano** mais a gente **vai mudano** bastante... (FG).

Nos exemplos listados, os eventos descrevem um afetamento de um sujeito paciente ou experienciador. Isso demonstra que em cada tipo aspectual há uma proeminência de determinadas das características construcionais.

4.3.3 Interativo e habitual

Em sentenças com a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ também encontramos o aspecto *iterativo*. Como vimos, esse tipo aspectual caracteriza-se por ter uma duração descontínua limitada, conforme as construções seguintes:

- (53) dava dia domingo... nós **ia fazê** nossos quituti, brincá... brincá de cavalo de pau... essas coisêra... mas dava a hora...(FG).
- (54) Aí istudava e trabaiava e estudava. Aí, trabaiava um pouco aí tomava bain muçava e ia pra escola, voltava **ia trabaiá de novo**.(FG).
- (55) ia roça pasto... pegava empreita... aí quem era empretero era eu... eu já pegava e já punha... os peão pra trabalhá pra mim... mesmo... inda criança ainda... porque eu com quatorze anos era muito pequeno... quatorze quinze anos ainda era muito pequeno... muito franzino ainda... num tinha tamanho de homem não... aí eu já punha as pessoa pra trabalhá pra mim e as veise quando num dava assim pra tocá o serviço eu **ia trabalhá** pr/os outro...(FG).

Nos exemplos, as construções predicativas descrevem um estado de coisas que se repetem. Em (53), a repetição é marcada pela construção adverbial “dava dia domingo”. Em (54), a regularidade é evidenciada pela expressão sublinhada “de novo”. Já, em (55), a interatividade está condicionada a expressão adverbial “às vezes”.

Outro tipo aspectual encontrado que também apresenta uma duração descontínua é o aspecto *habitual*. Segue um exemplo:

- (56) E eu fui... **fui cortano** cabelo... foi apareceno () pessoas foi gostano...i eu **fui cortano**... lá nessa zona lá ((risos)) i::: parecia home lá... não cê podia cortá o meu tamém... i eu **fui cortano**...(FG).

Em (56), é perceptível a repetição do mesmo evento, assim como nos exemplos anteriores, entretanto, não se pode saber o tempo de desenvolvimento do evento, isto é, não se sabe quando se iniciou e/ou terminou o acontecimento. Dessa forma, a duração é descontínua e ilimitada e, portanto, *habitual*.

Em suma, apesar das diferenças sutis entre os aspectos *iterativo* e *habitual*, entendemos que, na fala goiana³¹, o aspecto *iterativo* tende a marcar lexicalmente, por meio de construções adverbiais, o tempo de duração do acontecimento. Já no aspecto *habitual*, não é marcado e nem inferível esse tempo de duração. Também salientamos que todas as construções que marcam

³¹ Pesquisas que contraponham contextos informais e outros contextos de interlocução talvez possam indicar outras perspectivas construcionais da diferenciação entre o aspecto iterativo e habitual da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$.

esses tipos aspectuais são constituídas por formas de superfície da microconstrução [IR_{aux}V_p] que indicam ação.

4.3.4 *Começado ou não acabado e acabado*

Em relação às fases de realização, analisamos a microconstrução [IR_{aux}V_p] considerando os tipos aspectuais *não começado*, *começado ou não acabado* e *acabado*. No banco de dados, encontramos apenas os aspectos *começado ou não acabado* e *acabado*.

O tipo aspectual *começado ou não acabado* se caracteriza por apresentar as situações em realização. Podemos observar este aspecto nos exemplos de números (57) e (58):

(57) Teve agora assim... antigamente Goiás era mais assim de pais né?... mais sossegado... assim a gente parece qui... até o povo né? daqui... qui... parece que agora mudô té o pessoal os vizim... tudo **vai mudando** né? (FG).

(58) até depois deu casado... depois qu/eu casei com minha esposa sempre ele mim dava consei tamém... i... foi levano essa vida... aonde qu/eu vô... **vô levano** essa vidinha hoje eu tenho o qu/eu tenho aqui tamém é atraveis dele que dizê primeiramente através de Deus né? (FG).

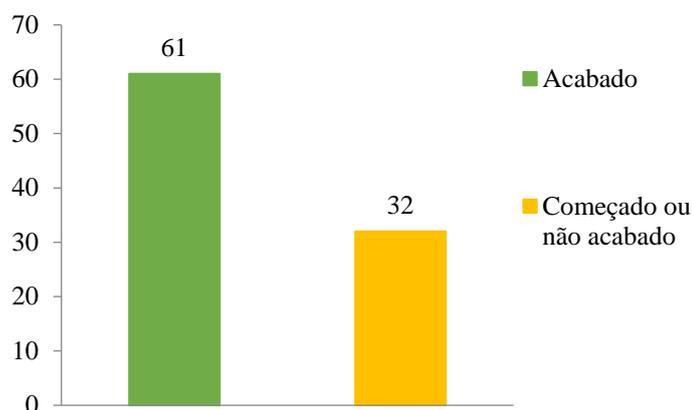
Conforme demonstrados nos exemplos anteriores, é possível perceber que as situações descritas já se iniciaram e estão em desenvolvimento. Já o tipo aspectual *acabado* se caracteriza por apresentar as situações como completa, ou seja, concluída, terminada. Conforme evidenciado nos exemplos seguintes:

(59) eu engraxava e tinha um primo que ele é considerado irmão também... **foi criado**...que além de nós se oito... oito irmão... aí devido a falta de uma tia minha...(FG).

(60) aí... **foi acabano**... foi:::... num foi... foi afastano dum lado... otro sumiu pro/tro... que otro casô... téqui cabô né?(FG).

Os exemplos em (59) e (60) descrevem eventos completos e acabados. Em (59), o falante não coloca em proeminência a duração do evento. Já em (60), é possível inferir que o evento descrito apresentou uma certa duração.

Quanto à produtividade dos aspectos descritos nesta seção, das 93 ocorrências marcadora de aspecto, 32 marcam o aspecto *começado ou não acabado* e 61 apresentam as situações como *acabadas*, conforme podemos ver no gráfico seguinte:

Gráfico 6 – Produtividade dos aspectos começado/não acabado e acabado.

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com a análise do gráfico, podemos considerar que, no uso da língua, o falante atualiza gramaticalmente mais o aspecto *acabado* para a descrição dos eventos. Dessa maneira, considerando o grau de prototipia, a noção de acabamento tende a ser mais regular na construção do aspecto na fala goiana. Do ponto de vista cognitivo, as noções aspectuais *acabado*, *começado/não acabado* são conceptualizadas de maneira próxima às noções de *perfectividade* e *imperfectividade*. Isso explica a correspondência nos dados demonstradas nos gráficos (5) e (6).

4.3.5 *Cursivo*

Como já vimos, o aspecto *cursivo* se caracteriza por evidenciar a situação em seu desenvolvimento. Temos este aspecto nos exemplos seguintes:

- (61) aí:: voltando lá:: atrás na minha infância... eu vô levano... assim... a gente **vai levano** a vida com dificuldade... eu comecei a trabalhá fora pr/as pessoas né... pra pessoas estranhas...(FG).
- (62) Mais **vai ino**...[...] Mais **vai ino** né? assim a vida né? um dia tá bão... um dia tá ruim (FG).
- (63) agora eu fico dependeno de veis em quando que a gente hora que a gente tá no sufoco a gente depende duma pessoa então eu **vô levano** a vida assim...(FG).

Nesses exemplos, o foco do falante está em descrever o desenvolvimento do evento. O uso produtivo desse tipo aspectual está muito atrelado às construções pré-fabricadas e expressões convencionalizadas que remetem à metáfora conceptual *vida é uma viagem*, de Lakoff e Jonhson (1980).

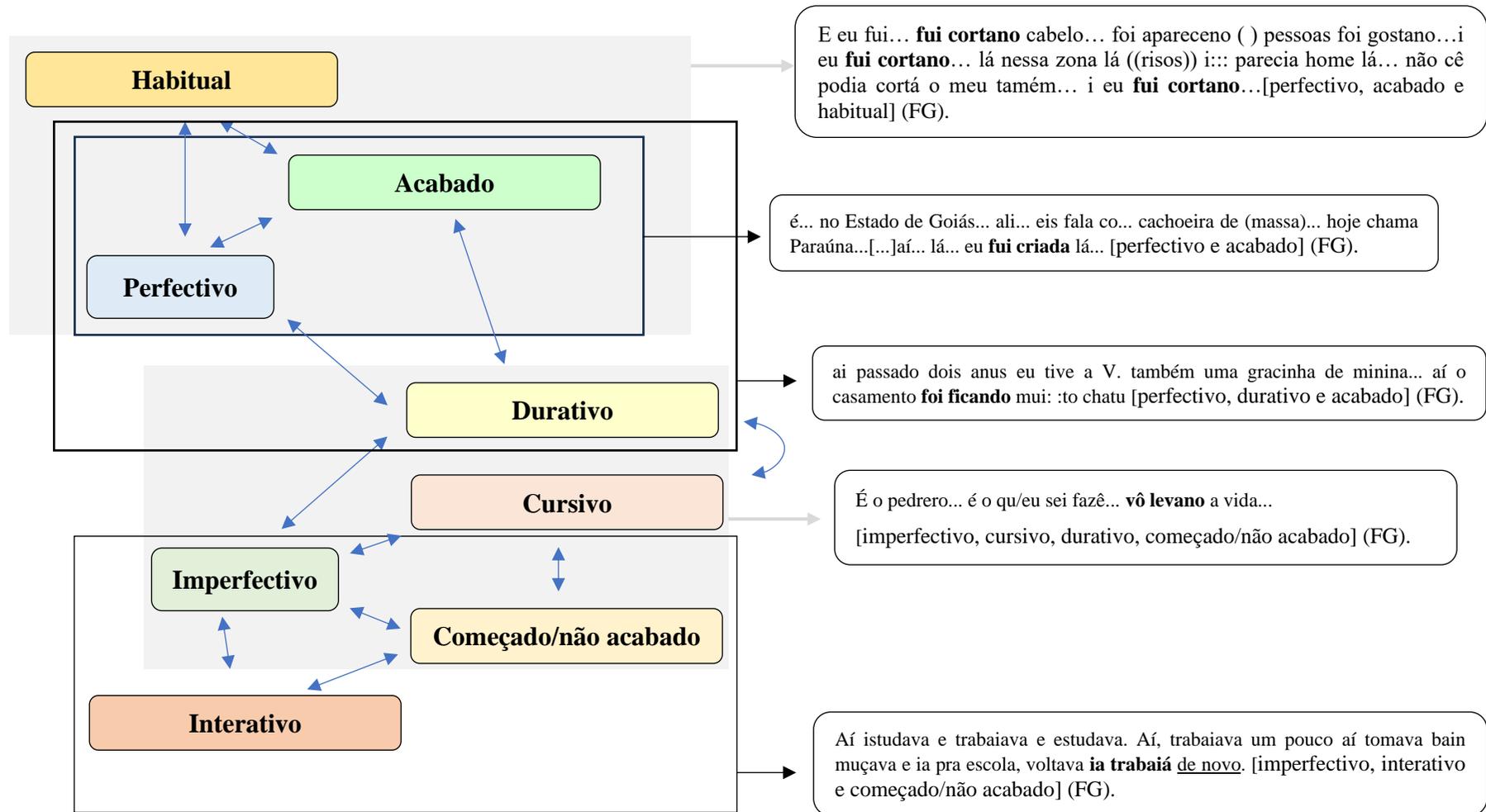
Uma marca semântica dessas construções é a abstratização semântica do verbo auxiliar, cristalizando uma noção de deslocamento num tempo futuro indefinido, de uma ação ininterrupta caracterizada pelo verbo principal no gerúndio. Remontamos novamente à noção de Heine (1993), quando explica sobre a transferência de domínios na formação dos verbos auxiliares, para entendermos que estas construções pré-fabricadas evocam *frames* de acontecimentos sem começo nem fim, e continuarão se repetindo após o momento descrito na interlocução.

4.3.6 Usos gerais dos tipos aspectuais da microconstrução [IR_{aux}V_p]

Um ponto que merece destaque sobre os tipos aspectuais atribuídos à microconstrução [IR_{aux}V_p] é o fato de os aspectos manterem entre si certas tendências de relacionamento. Como já evidenciado, as construções que marcam o aspecto *perfectivo*, por exemplo, tendem a marcar também o aspecto *acabado*. Já nas construções imperfectivas é muito recorrente a marcação do *começado ou não acabado*. O *imperfectivo* também aparece ao lado do *cursivo*. Isso acontece porque, de maneira geral, esses três aspectos apresentam as situações como incompletas.

Os construtos com aspecto *interativo* são mais comuns com o aspecto *imperfectivo e começado ou não acabado*. As construções que marcam o aspecto *habitual* estão mais ligadas aos aspectos *perfectivo e acabado*. Todas as ocorrências com o aspecto *cursivo* marcam também os aspectos *começado ou não acabado e durativo*. O *durativo* também aparece com o *imperfectivo e começado/não acabado*. Nas construções que marcam o aspecto *durativo*, também pode se encontrar os aspectos *perfectivo e acabado*. Essas relações são exemplificadas na figura a seguir:

Figura 20 –As relações entre os tipos aspectuais da microconstrução [IR_{aux}V_p].



Fonte: Elaboração própria.

Na figura 20, as setas em azul demonstram as relações entre os tipos aspectuais. As formas em preto e cinza servem para indicar os tipos aspectuais que cada um dos exemplos codifica.

Salientamos também que o aspecto *durativo* é mais recorrente em construtos que indicam processos. As construções que indicam estados, normalmente, não apresentam nenhuma noção aspectual. Quando apresentam um valor aspectual, elas são marcadoras dos aspectos *perfectivo*, *durativo* e *acabado*. Os construtos que indicam ações em sua maioria marcam o aspecto *imperfectivo*.

Quanto às relações com as características formais da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$, identificamos que as construções que estão na voz passiva marcam normalmente apenas os aspectos *perfectivo* e *acabado*. Já as construções na voz ativa são mais produtivas para os outros tipos aspectuais.

4.4 A expressão do aspecto no verbo principal da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$

No estudo do aspecto da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$, também procuramos analisar se o verbo principal dessa construção pode expressar noções aspectuais. Como já mencionado no item 4.1.2, esses verbos aparecem nos dados de fala em três formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio), formando as perífrases IR+INFINITIVO, IR+GERÚNDIO e IR+PARTICÍPIO.

A perífrase IR+INFINITIVO é marcadora prototípica de futuro. Assim, a maior parte das formas de superfície analisadas não expressam nenhuma noção aspectual. Seguem alguns exemplos:

- (64) logo ele perdeu o emprego tamém... aí falei não agora nós tem que imbora... que agora tá na época deu ganhá nenê... como cê **vai fazê** pra pagá parto... pra mim pagá hospital... pagá coletivo... pagá tudo aqui... e quem vai ficá comigo hora qu/eu ganhá esse nenê não vamo embora...(FG)
- (65) QUERu qui u meu filhu jamais pari di istudá porque **vai sê** a Única rique::za qui eu vô podê dá pru meu filhu é us istudus pur isso eu istou fazendu... todú u sacriFIciu pra pôde eh...(FG).
- (66) ai eu vim... mais pra garantir o meu... meu INSS né... Hurrum... porque... depois que eu ficar velha como é que **vou fazer**...(FG).

Nas construções em destaque em (64), (65) e (66) é mais proeminente a marcação do tempo futuro e, como já dito, esse tempo verbal tende a inviabilizar a percepção do aspecto.

Encontramos, por outro lado, sentenças com a forma IR+INFINITIVO que, apesar de estarem no tempo futuro, marcam os aspectos *imperfectivo*, *iterativo* e *começado/não acabado*:

- (67) as veis nem penso que vô recebê qu/ele dinheiro pessoa chega na porta e mim pa:::ga... ota hora chega um pa fazê unha e mim paga... tô fazeno faxina tamém... falei Deus agora eu quero um serviço... Deus já encaminhô uma faxina pra mim fazê... to:::da semana eu **vô fazê** essa faxina...(FG).
- (68) eu deixo o F. sempre a par de tudo... i explicu pra ele o porquê... porque eu acho assim... como ele já tá com nove anus ele é criança mais intendi i ele sabe que eu trabalhú...i eu cumeçu a trabalhá tem dia quatro horas da manhã **vou trabalhá** até meia-noite pra sustentá a casa sozinha... (FG).

Ao analisarmos esses exemplos, é possível identificar que a expressão aspectual pode ser codificada na cadeia sintagmática, com proeminência em outro elemento oracional, como as construções adverbiais em destaque.

Nas sentenças em que IR+INFINITIVO marca o tempo pretérito perfeito, temos a expressão dos aspectos *perfectivo* e *acabado*, conforme os exemplos:

- (69) Quando nós **foi morá** na cum nosso pai lá e aí já escola era mais perto já ia pa iscola e voltava. (FG)
- (70) Uai... foi um dia qu/eu fo... nós **foi caçá** passarim... nói:::s aí... meu... o parente meu:::... matá uma Jaó... aí nós atirô na Jaó ela saiu voano... ela avô e num morreu direito... aí nós 2-foi caça ela...(FG)

Em (69) e (70), a marcação aspectual ocorre devido a flexão temporal do verbo auxiliar. Acreditamos que o verbo principal na forma infinitiva não marca em si qualquer noção aspectual.

As construções IR+GERÚNDIO são marcadoras dos aspectos *imperfectivo*, *começado* ou *não acabado*, *durativo* e *cursivo*. Seguem alguns exemplos:

- (71) aí::: voltando lá::: atrás na minha infância... eu **vô levano**... assim... a gente 1- vai levano a vida com dificuldade... eu comecei a trabalhá fora pr/as pessoas né... pra pessoas estranhas... [*imperfectivo*, *cursivo*, *durativo*, *começado* ou *não acabado*] (FG).
- (72) É... qu/eu ah hoje eu sô mei nervoso né? inda agora graças a Deus eu tô mingvano mais que eu passei... fui pro encontro de casais e a vida **vai mudano** mais a gente **vai mudano** bastante... [*imperfectivo*, *durativo*, *cursivo*, *começado* ou *não acabado*] (FG).
- (73) Eu tava com quinze ano... minha vista foi ruxiano... **foi ficano**... eu oiava assim falava mãe... PURque que as nuvem tão roxa... tão lilás... aí ela falava né não minha fia... tá não... e eu falava tá sim... quando feis déis dia eu tava cega... [*perfectivo*, *durativo*, *acabado*] (FG).

Os exemplos (71) e (72) demonstram que o gerúndio expressa processos com desenvolvimento durativo. Em (73), por outro lado, encontramos uma particularidade: quando o verbo auxiliar estiver no pretérito perfeito, o gerúndio também marcará os aspectos *perfectivo* e *acabado*.

Na fala goiana, as formas de superfície com a construção IR+PARTICÍPIO expressam os aspectos *perfectivo* e *acabado*. Abaixo transcrevemos alguns exemplos:

- (74) é... no Estado de Goiás... ali... eis fala co... cachoeira de (massa)... hoje chama Paraúna...[...]. Já... lá... eu fui criada lá... mas nós **foi criado** foi no azeite... nós **foi criado** foi... foi cum mentrasto, arruda... num cunhicia médico não... nós **foi criado** tudo na roça desse jeito...(FG).
- (75) Mais se eu chegá... chegá como si diis passá memo realmente pa crente mais eu num vô largá de í na igreja católica eu num vô largá de segui os católico... eu num vô largá de segui ota religião ué... Deus tá lá naquele memo lugá qu/ele tá lá ele tá lá embaxo uai com/é qu/eu vô largá de Deus uai... se Deus tá ali ele tá lá embaxo... eu num acho diferença nenhuma eu **fui criado** dessa manera/ssim ...(FG).
- (76) eu num num fui nascido aqui em Goiás mais **fui criado** aqui tento de Goiás aqui dento de Goiás eu num saio não... qu/eu sô criado aqui dento de Goiás... aqui é minha nação... lugá onde eu... **fui CRIado** fui vivido peguei minha experiência foi aqui dento de Goiás...(FG)

Os exemplos anteriores demonstram que o evento descrito se refere a um momento do passado em que a ação foi concluída, acabada.

Diante do que foi exposto, entendemos que as perífrases com o verbo principal no infinitivo não marcam em si qualquer noção aspectual. Contudo, por influência da flexão temporal e de construções adverbiais podem marcar os aspectos *imperfectivo*, *perfectivo*, *acabado*, *interativo* e *começado ou não acabado*. Já as formas nominais no gerúndio e participio expressam aspecto. O gerúndio tende a marcar os aspectos *imperfectivo*, *começado ou não acabado*, *durativo* e *cursivo*. Em alguns casos, quando o verbo auxiliar estiver no pretérito perfeito, marca os aspectos *perfectivo* e *acabado*. O participio expressa situações concluídas, portanto, marca os aspectos *perfectivo* e *acabado*. O quadro seguinte sumariza essas considerações:

Quadro 11 – A relação entre os tipos aspectuais e as formas nominais do verbo principal.

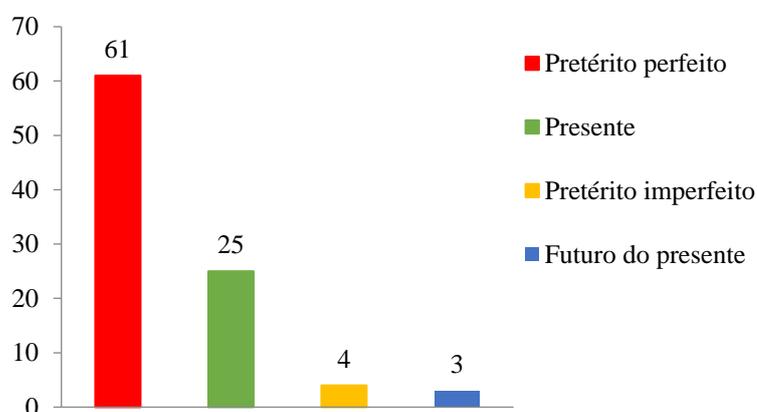
Forma do verbo principal	Tipo aspectual
INFINITIVO	<ul style="list-style-type: none"> • Perfectivo (No pretérito perfeito); • Acabado (No pretérito perfeito); • Imperfectivo; • Interativo; • Começado/não acabado. <p>Por influência de construções adverbiais.</p>
GERÚNDIO	<ul style="list-style-type: none"> • Imperfectivo; • Começado ou não acabado; • Durativo; • Cursivo.
PARTICÍPIO	<ul style="list-style-type: none"> • Perfectivo; • Acabado.

Fonte: Elaboração própria.

4.5 A aspectualidade pelas flexões temporais

Nesta pesquisa, também procuramos analisar a expressão do aspecto da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ pelas flexões temporais, pois, como já explicado em nossa revisão bibliográfica, existe uma relação entre as essas duas categorias verbais.

Em nossa análise selecionamos apenas construtos da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ que estão no modo indicativo. Desta forma, analisamos a relação do aspecto com os seguintes tempos verbais: presente, pretéritos imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito, futuro do presente e futuro do pretérito. Desses tempos verbais, apenas o presente, o pretérito perfeito e imperfeito e o futuro do presente são marcadores aspectuais, conforme demonstra o gráfico seguinte:

Gráfico 7 – Produtividade dos tempos verbais marcadores de aspecto.

Fonte: Elaboração própria.

Conforme o gráfico, a maioria das construções marcadoras aspectuais estão no pretérito perfeito, 61 no total. O segundo tempo verbal mais produtivo é o presente do indicativo. Das 93 construções marcadoras de aspecto, 25 estão no presente. O pretérito imperfeito é pouco produtivo, encontramos em apenas em 4 ocorrências. O futuro do presente, em alguns casos específicos, aparece em 3 formas de superfície.

As 25 formas de superfície da microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ que estão no presente marcam o aspecto *imperfectivo*. Como demonstrado nos exemplos seguintes:

(77) aí::: voltando lá::: atrás na minha infância... eu vô levano... assim... a gente **vai levano** a vida com dificuldade... eu comecei a trabalhá fora pr/as pessoas né... pra pessoas estranhas...(FG).

(78) É... qu/eu ah hoje eu sô mei nervoso né? inda agora graças a Deus eu tô mingvano mais que eu passei... fui pro encontro de casais e a vida **vai mudano** mais a gente **vai mudano** bastante...(FG).

(79) Mais **vai ino**...[...] Mais 2-vai ino né? assim a vida né? um dia tá bão... um dia tá ruim (FG).

Conforme os exemplos, o tempo presente tende a descrever processos em pleno desenvolvimento e, por isso, além de serem imperfectivos também expressam o aspecto *cursivo*.

O presente do indicativo também marca o aspecto *começado ou não acabado*. Esse tempo verbal também apresenta as situações como durativas. Entendemos que isso ocorre, principalmente, pelo fato do verbo principal estar no gerúndio.

As perífrases no futuro do presente, de maneira geral, não marcam aspecto. Entretanto, por influência de construções adverbiais, podem marcar os aspectos *imperfectivo*, *iterativo* e *começado ou não acabado*. Conforme evidenciado no exemplo de número (81):

(80) Ela fica aqui mora aqui, aí depois ela **vai mora** lá fica uns dia lá na fazenda lá, depois vem bora de novo... aí fica esse negócio nem junto nem separa (FG).

As sentenças com pretérito imperfeito apresentam a situação com período de tempo incompleto, dessa forma, marca os aspectos *imperfectivo*, *começado ou não acabado*. Esse tempo verbal também expressa o aspecto *iterativo* em sentenças com construções adverbiais que indicam situações descontínuas limitadas.

Em ocorrência com a microconstrução $[IR_{aux}V_p]$ no pretérito perfeito encontramos os aspectos *perfectivo* e *acabado*, conforme os exemplos:

(81) eu engraxava e tinha um primo que ele é considerado irmão também... **foi criado**...que além de nós se oito... oito irmão... aí devido a falta de uma tia minha...(FG).

- (82) olha... engraçado não foi né... mais foi diferente... porque eu tenho meu filho e meu filho assim... ele já fez algumas perguntinhas sobre sexo mais nada demais... mais isso aconteceu semana passada eu **fui trabalhá** com o mininu que eu tô/tava olhando ele e ele tem assim seis anos (FG).
- (83) eu num num fui nascido aqui em Goiás mais **fui criado** aqui dentro de Goiás aqui dentro de Goiás eu num saio não... qu/eu sô criado aqui dentro de Goiás... aqui é minha nação... lugar onde eu... **fui CRIado** fui vivido peguei minha experiência foi aqui dentro de Goiás...(FG).

As construções em destaque nos exemplos anteriores descrevem situações que apresentam um período de tempo completo, ou seja, com começo, meio e fim englobados.

O pretérito perfeito também marca o aspecto *durativo* quando as formas de superfície da microconstrução [IR_{aux}V_p] tem verbos principais no gerúndio. Segue alguns exemplos:

- (84) e eu continuei trabalhado no garimpo... só que aí as vezes num pegava mais ouro mais... já **foi ficando** difícil... só porque eu sempre tive consciência que aquele trabalho que eu fazia num era meu trabalho...(FG).
- (85) Ai nois aprontava... em () forrozinho assim depois que eu **fui crescendo** mais nois foi ino em festa... essas festa de São João...(FG).
- (86) Eu tava com quinze ano... minha vista foi ruxiano... **foi ficando**... eu oiava assim falava mãe... PURque que as nuvem tão roxa... tão lilás... aí ela falava né não minha fia... tá não... e eu falava tá sim... quando feis déis dia eu tava cega...(FG).

Nos exemplos (84) e (85), as situações apresentadas são eventos conclusos que tiveram um período de duração marcado, principalmente, por influência do verbo principal no gerúndio. Em (86), além da forma nominal, temos a duração marcada pela construção adverbial indicando o tempo de duração.

Com base nas informações apresentadas nesta seção, resumimos as relações entre os tempos verbais expressos pela microconstrução [IR_{aux}V_p] e os tipos aspectuais que ela codifica da seguinte forma:

Quadro 12 – A relação entre os tipos aspectuais e as flexões temporais.

Tempo verbal	Tipo aspectual
Presente	<ul style="list-style-type: none"> • Imperfectivo; • Cursivo; • Começado/não acabado; • Durativo (Por influência da forma nominal do verbo principal).
Futuro do presente	<ul style="list-style-type: none"> • Imperfectivo; • Interativo; • Começado/não acabado (Somente por influência de construções adverbiais).
Pretérito imperfeito	<ul style="list-style-type: none"> • Imperfectivo; • Começado/ não acabado. • Interativo (Por influência de construções adverbiais).
Pretérito perfeito	<ul style="list-style-type: none"> • Perfectivo; • Acabado; • Durativo (Por influência da forma nominal do verbo principal).

Fonte: Elaboração própria.

No quadro anterior, apresentamos os tipos aspectuais que cada flexão temporal codifica. Na segunda coluna, tem-se os tipos aspectuais prototípicos. Já na terceira coluna, apresenta-se os tipos aspectuais que só ocorrem por influência de outros elementos como adjuntos adverbiais e a forma nominal do verbo principal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta dissertação foi analisar os usos da microconstrução [IR_{aux}V_p] na fala goiana, dando relevância às noções aspectuais que esse padrão construcional codifica. Para atingir esse objetivo, procuramos responder as seguintes perguntas de pesquisa: (i) Quais são as propriedades formais da microconstrução [IR_{aux}V_p] na fala goiana?, (ii) Quais são as propriedades funcionais da microconstrução [IR_{aux}V_p] na fala goiana?, (iii) Quais são as relações sintático e semânticas que a microconstrução [IR_{aux}V_p] estabelece com outras construções?, (iv) Quais são os tipos aspectuais que a microconstrução [IR_{aux}V_p] apresenta?, (v) A forma nominal do verbo principal da microconstrução [IR_{aux}V_p] pode expressar noções de aspectualidade? e (vi) Quais são os tempos verbais que a microconstrução [IR_{aux}V_p] codifica e como ocorre a relação entre os tempos verbais e o aspecto?

Como primeira hipótese, acreditávamos que nosso objeto de análise apresentaria na fala goiana um padrão prototípico composto pelo verbo auxiliar *ir* e um verbo principal em sua forma nominal. Essa hipótese foi parcialmente comprovada. A análise dos dados demonstrou que o padrão [IR_{aux}V_p], de fato, é o mais prototípico na fala goiana. Encontramos, contudo, outros padrões mais descentralizados: as formas [IR_{aux} Pron. V_p] e [IR_{aux} Adv. V_p].

Com base nesses resultados, entendemos que, no processo de mudança dessa construção, houve a preservação de alguns traços sintático-semânticos da forma-fonte do verbo auxiliar *ir* e de alguns verbos principais. A presença de um advérbio na microconstrução pode ser justificada pelo fato do verbo *ir*, enquanto verbo pleno, requisitar um complemento circunstancial para formação do *frame* de predicado. Quanto ao uso de pronomes clíticos, acreditamos que isso se justifica pela preservação de traços semânticos da forma nominal, uma vez que alguns verbos requisitam um argumento com função semântica de beneficiário para a codificação do acontecimento no mundo.

Ainda sobre as propriedades formais da microconstrução [IR_{aux}V_p], também analisamos a produtividade das formas do verbo principal. Nessa análise, constatamos maior produtividade da microconstrução com o verbo principal no infinitivo e uma baixa produtividade desse verbo no particípio. Identificamos também que as formas IR+INFINITIVO têm uma tendência para indicar futuridade expressa pelo evento narrado. Os construtos formados com base na perífrase IR+GERÚNDIO, normalmente, são marcadoras de situações incompletas. Já os construtos de IR+ PARTICÍPIO, por sua vez, denotam o processo verbal concluído.

Para a análise dos aspectos formais, também consideramos a configuração oracional de sentenças com a microconstrução [IR_{aux}V_p]. Procuramos analisar as propriedades formais dessas

orações a partir das vozes ativa e passiva. Com isso, identificamos que a voz ativa é a mais produtiva na fala goiana e sua configuração oracional pode ser representada da seguinte forma: [SN+[IR_{aux}V_p]+SN]. Quanto à voz passiva na fala goiana, verificamos que ela se constitui de um sintagma nominal ocupando a primeira posição da construção, seguida da microconstrução [IR_{aux}V_p] e, na terceira posição, um sintagma preposicionado. Encontramos também uma segunda configuração da voz passiva: [SN+[IR_{aux}V_p]].

A segunda hipótese de pesquisa trata das propriedades funcionais da microconstrução [IR_{aux}V_p]. Em relação a essas propriedades, criamos que o verbo auxiliar *ir* codificaria informações de tempo, modo, número, pessoa e aspecto, e o verbo em sua forma nominal traria a informação semântica principal da construção.

Essa segunda hipótese foi parcialmente refutada, uma vez que identificamos que o verbo auxiliar *ir* codifica, de fato, informações de tempo, modo e concordância de número e pessoa. Entretanto, identificamos na maioria dos construtos que o verbo gramaticalizado codifica a informação aspectual, havendo, ainda, uma particularidade a esse respeito: nas perífrases IR+GERÚNDIO e IR+PARTICÍPIO, a codificação de aspecto é mais proeminente no verbo principal. No que concerne à requisição de argumentos e codificação de voz, constatamos que essas propriedades são compartilhadas pelos dois elementos da construção, isto é, pelo verbo *ir* e pelo verbo principal.

Destacamos, ainda, quanto às propriedades funcionais, que os sentidos ligados à construção apresentam algumas funcionalidades relacionadas à codificação de domínios semânticos, ao uso de expressões metafóricas, ao uso icônico etc. No que diz respeito aos domínios semânticos, encontramos construtos em que o conceito de movimento expresso pelo verbo auxiliar *ir* relaciona-se, sobremaneira, com a noção de movimento espacial e, em outros construtos, esse sentido evoca uma concepção de movimento temporal. Isso demonstra que, apesar de não codificar a informação semântica principal, o verbo auxiliar *ir* ainda codifica aspectos conceptuais da forma plena, além das categorias gramaticais tempo, modo, pessoa e número.

Ainda sobre essa temática, também percebemos que a perífrase [IR_{aux}V_p], nos tempos futuro do pretérito e futuro do presente, apresenta uma acepção de movimento temporal. Por outro lado, as formas perifrásticas dessa construção no pretérito destacam o sentido de movimento espacial.

Em relação ao uso de expressões metafóricas, encontramos na fala goiana usos da microconstrução [IR_{aux}V_p] com diferentes graus de transparência no pareamento forma-função. Vale destaque ao uso produtivo de construções pré-fabricadas e expressões convencionalizadas,

designando o prosseguimento de um processo como “vai indo”, “vai levando”, “vai vivendo”, “foi indo”, “foi levando” etc.

Essas construções são repetidas na interlocução, reforçando o *frame* compartilhado entre os falantes, remetendo à metáfora conceptual *vida é uma viagem*, descrita por Lakoff e Johnson (1980). Por conseguinte, o contexto cultural que caracteriza os registros informais da fala goiana materializa estratégias de aproximação e intimidade entre os falantes.

Além desses usos da microconstrução [IR_{aux}V_p], também procuramos classificar os construtos quanto às suas propriedades semânticas. Verificamos em nossa análise que a microconstrução [IR_{aux}V_p] exprime com maior produtividade eventos que indicam ação. Isso corrobora com a própria característica do *corpus*, uma vez que os inquiridos versam sobre narrativas de experiências pessoais dos informantes.

Em relação à hipótese da terceira pergunta de pesquisa, compreendíamos que a microconstrução [IR_{aux}V_p] vinculava-se à padrões construcionais mais abstratos, isto é, essa microconstrução herdaria a configuração morfossintática do esquema de auxiliaridade e a funcionalidade do macrosquema da predicação.

Essa hipótese foi confirmada. Em nossa análise, identificamos que a forma [IR_{aux}V_p] consiste em um *type* construcional da construção de auxiliaridade. Vimos também que o esquema de auxiliaridade está dentro do escopo da predicação. Por isso, conforme demonstrado no capítulo quatro, essa microconstrução herda algumas propriedades formais e funcionais do esquema de auxiliaridade e do macrosquema da predicação.

Em relação à codificação dos tipos aspectuais, entendíamos que essa construção codificaria todos os tipos aspectuais propostos por Travaglia (2016). Em nossa análise, vimos que a microconstrução [IR_{aux}V_p] não atualiza todas as marcas de aspectualidade na fala goiana, isto é, codifica apenas os aspectos *perfectivo*, *imperfectivo*, *durativo*, *iterativo*, *habitual*, *começado ou não acabado*, *acabado* e *cursivo*.

Quanto à expressão do aspecto pelas formas nominais, criamos que a perífrase IR + INFINITIVO, quando marcasse o tempo futuro, não marcaria a categoria aspecto e, quando apresentasse outros tempos verbais, poderíamos encontrar noções aspectuais como *perfectivo imperfectivo*, *não acabado* e *habitual*. As formas IR + GERÚNDIO indicariam os aspectos *durativo*, *cursivo*, *imperfectivo* e *começado/ não acabado* e as perífrases IR + PARTICÍPIO atualizariam os aspectos *perfectivo* e *acabado*.

Em nossa análise, constatamos que as perífrases com o verbo principal no infinitivo não marcam em si qualquer noção aspectual, todavia, em razão da flexão temporal e de construções adverbiais, marcam os aspectos *perfectivo*, *acabado*, *iterativo* e *começado ou não acabado*.

Já as formas nominais no gerúndio marcam os aspectos *imperfectivo*, *começado ou não acabado*, *durativo* e *cursivo*. Em alguns casos, quando estão no pretérito perfeito, atualizam os aspectos *perfectivo* e *acabado*. O particípio, por expressar situações concluídas, marca os aspectos *perfectivo* e *acabado*. Infere-se, portanto, que a forma nominal do verbo principal pode influenciar na marcação aspectual da microconstrução [IR_{aux}V_p].

Sobre a relação entre os tempos verbais e o aspecto na fala goiana, considerou-se que o presente do indicativo marcaria os aspectos *imperfectivo*, *não acabado/começado* e *habitual*. O pretérito perfeito do indicativo evidenciaria os aspectos *perfectivo*, *pontual* e *acabado*. O pretérito imperfeito destacaria os aspectos *imperfectivo*, *durativo*, *cursivo*, *habitual* e *não acabado* e o pretérito mais-que-perfeito, os aspectos *perfectivo* e *acabado*. Em relação aos tempos futuros, não haveria marcação aspectual.

Sobre a expressão do aspecto pelos tempos verbais, descobrimos que o presente do indicativo marca em si os aspectos *imperfectivo*, *cursivo*, *começado ou não acabado* e, por influência da forma nominal do verbo principal, marca o aspecto *durativo*. O futuro do presente somente marca os aspectos *imperfectivo*, *iterativo* e *começado ou não acabado* por influência de construções adverbiais. O pretérito imperfeito marca, prototipicamente, os aspectos *imperfectivo*, *começado ou não acabado* e, por influência de elementos adverbiais, o aspecto *iterativo*. O pretérito perfeito apresenta os aspectos *perfectivo* e *acabado*, entretanto, quando há verbos principais no gerúndio, marca também o aspecto *durativo*.

Embora aborde uma perspectiva nova de compreensão da aspectualidade da microconstrução [IR_{aux}V_p], sob a ótica da Gramática de Construções e da Linguística Cognitiva, não foi realizada uma análise exaustiva do aspecto. Construções com o verbo auxiliar *ir* tendem a ser marcadoras prototípica de tempo futuro o que, muitas vezes, impossibilita a análise aspectual. Para um estudo mais abrangente, será necessário estender esta análise para outras construções com outros verbos auxiliares.

Destacamos também que o aporte teórico da Gramática de Construções e da Linguística Cognitiva, em especial na descrição do Português Brasileiro, ainda não contempla subsídios de forma abrangente para estudos sobre o aspecto gramatical. Para pesquisas futuras, será necessária uma pesquisa bibliográfica mais detalhada, incluindo, talvez, a descrição do objeto em outras línguas.

Por fim, vale destacar que este trabalho está vinculado à linha de pesquisa “Estudos de Língua e Interculturalidade”, do curso de Mestrado Acadêmico em Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI. Assim sendo, considerando que o reconhecimento dos usos linguísticos pela comunidade de fala contribui para a reafirmação da identidade e cultura da

sociedade, espera-se que este estudo possa apontar caminhos para a compreensão dos aspectos funcionais e cognitivos de construções auxiliares na variante do Português Brasileiro falado em Goiás.

REFERÊNCIAS

ABREU, A.S. **Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada**. Cotia, SP:Ateliê Editorial, 2010.

ABRAÇADO, J. **O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedade e relações**. São Paulo: Contexto, 2020.

ABRAÇADO, J. Tempo verbal, modo verbal e concepção de realidade em português. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 2, n. 1, pág. e321, 2021. DOI: 10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id321.

AZEREDO, J.C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014.

ALMEIDA, M. J. S. de. **Orações adverbiais temporais: desenvolvimento linguístico e construção de texto narrativo**. 2013. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2013.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARROSO, Henrique. **O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrónica**. Portugal: Porto editora, 1994.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CAMACHO, R. G. Construções de voz. In: ABAURRE, M. B.M.; RODRIGUES, A.C.S. (org.) **Gramática do Português falado**. v. 8. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p.227-316.

CASSEB-GALVÃO, V. C. **Concepções sócio-históricas e funcionalistas da primeira gramática da Língua portuguesa**. Goiânia: Cegraf UFG, 2021.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; BARROS, D. M. de; BERTOQUE, L. A.D.P. (orgs.). **Construções de voz no português brasileiro**. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; ALMEIDA- FLORES, E. Aspectos conceptuais da reversibilidade semântica da construção-suporte no macroesquema da predicação. **Revista Moara**, n. 60, 2022.

CASTILHO, A. **Nova Gramática do português brasileiro**. 1ª Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CASTILHO, A. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 12, 1968.

CASTILHO, A. A gramaticalização. **Estudos Linguísticos e Literários** – Universidade Federal da Bahia. n. 19, p. 25-64, 1997.

- COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 2022.
- CORÔA, M.L.M.S. O tempo nos verbos do português. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CROFT, W. W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Ed. Contexto, 2018.
- FERREIRA, Ediene Pena. A manifestação do processo de auxiliaridade do verbo chegar. **Revista Diadorim**, v. 4, 2012.
- FONSECA, A. M. H. da. Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade (TAM) na expressão de futuridade. **Estudos Linguísticos**. v. 39, n. 1, p. 45-58, 2010.
- FILLMORE, C. J. Frame Semantics .in: **Linguistics in the morning calm**. Korea: Hanshin Publishing Company, 1982, p. 111- 137.
- GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. New York: Oxford University Press, 2006.
- GONÇALVES, A. O processo de gramaticalização do verbo IR no português brasileiro: um estudo diacrônico. **Domínios de Lingu@gem**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 393–417, 2012.
- GONÇALVES, S. C. L. Auxiliaridade em construções perifrásticas da cadeia TAM e frequência de uso: dois critérios e um problema. *In*: OLIVEIRA, M.R; ROSÁRIO, I da C. (orgs.). **Linguística centrada no uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p.113-127.
- GONÇALVES, S. C. L. *et. al.* (orgs.). **Introdução a Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HEINE, B. **Auxiliaries, cognitive forces, and grammaticalization**. New York: Oxford University Press. 1993.
- JUSTINO, A. R. **As construções focalizadoras x que só no português brasileiro**. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.
- LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, R. W. **Cognitive grammar: a basic introduction**. Nova York: Oxford University Press, 2008.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LIMA E SILVA, L. F. Desenvolvimento do conector “na hora que” na Língua Portuguesa: uma análise qualitativa sob uma perspectiva construcional. **Signo y Seña**, Buenos Aires, n. 32, p. 123-136, jul./dez. 2017.

LONGO, B. N. O. Auxiliaridade. *In*: RODRIGUES, A. e ALVES, I. M.(orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: a construção morfológica da palavra. São Paulo: Contexto, 2015.

LONGO, B. N. O.; CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. *In*: ABAURRE, M.B.M.; RODRIGUES, A.C. S. (Orgs.). **Gramática do Português Falado**, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-497.

MEIRELLES, L. L. **Os verbos de movimento no português brasileiro**. 2016.143 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2016.

NEVES, M. H. M. **Gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editoras Unesp, 2018.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, F.; BARBOSA, J.; MATOS, S. O lugar da gramática nas gramáticas escolares: o caso do tempo e do aspecto. *In*. FIGUEIREDO, O. *et. al.* (orgs.). **A Linguística na Formação do Professor de Português**. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2001. p.65-81.

OLIVEIRA, V. M. de. A gramaticalização do verbo ir em predicções complexas. **Cadernos do CNLF**, 2008. p.34 – 45.

OLIVEIRA, C. R. e. **Tomei a liberdade de fazer este estudo: a multifuncionalidade do verbo tomar em uma amostra de fala da Cidade de Goiás – GO**. 2018. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) - Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2018.

RECH, N. F. Auxiliaridade verbal: uma análise dos núcleos funcionais temporais ter e ir no português brasileiro. **Cadernos do IL**, [S. l.], n. 46, p. 065–089, 2013. DOI: 10.22456/2236-6385.31926.

REIS, R. de S. **Verbo ir e seu comportamento sintático-semântico: um caso de gramaticalização?**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Mestrado Profissional em Letras.

SABINO, M. C. **A construção estativa com o verbo ser no português brasileiro**. 2020. 155f. Tese (Doutorado) – Centro de Ciência Humanas, Letras e Arte, Programa de Pós-

graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2020.

SOUZA, M.; ABRAÇADO, J. A projeção do tempo futuro em *frames* de finalidade. *In*: DIAS, N. (org.). **Estudos sobre o português em uso**. Uberlândia: Pangeia, 2020.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. 2 ed. New York: Clarendon Press, 1995.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L.C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

**APÊNDICE – OCORRÊNCIAS DA MICROCONSTRUÇÃO [IR_{aux}V_p] NO FALA
GOIANA**

OCORRÊNCIAS DA MICROCONSTRUÇÃO [IR _{aux} V _p] NO FALA GOIANA				
Dados de fala	Ano	Pág.	Informante	
			Sexo	Idade
É... no primero assim... eu acordava dinoite com menino chorano... queria dormi... e menino chorano... mãe qu/eu vô jogá esse menino fora ((risos))	2003	5	F	28
Aí elas fazia o que podia... aí um dia minha mãe... pegô i... com... falei assim ó mãe tô cansada dessa vida já... todo dia levantá num tê nada... meus irmão chorano de fome... vô dá um jeito nesse trem... vô conversá... vô conversá com o gerente lá no hotel... minha mãe falô assim... ah num dianta não... ele num vai... num vai oiá por isso não...	2003	9	F	28
É... ó sua filha chegô aqui ontem contano isso... contano aquilo... não qu/essa menina tá ficano lôca... num sei () que num mandei as coisa ainda mais vô mandá ... aí:: o coisa falô assim... ó cê pode man... cê pode mandá o dinheiro pra ela... não dinheiro eu num posso... mais amanhã eu mando a compra... aí ele falô assim... mais quem tá... num tem nada pra comê em casa vai esperá até amanhã?	2003	9	F	28
aí minha mãe falô não... eu espero... s/ele mandá eu espero... aí ele falô então tá eu vô mandá ... aí quando foi... aí... falô meu pai... conversô com meu pai... pagô o maior sabão pr/ele ele saiu... aí:: quando foi n/outro dia... passô um dia no outro... ele mandô a compra...	2003	9	F	28
Pois é... trabaia::va... e num... num dava conta de comprá meus trem... as muchila né... qu/eu queria... que via as criança tudo::... cas coisa né? e num podia comprá... é... foi... aí foi difícil mais foi superano tudo... agora ah:: falei assim... ah:: não vô... trabaia ... parei de estudá ... aí parei... falei vô só trabaia ...	2003	10	F	28
aí cê vê a dificuldade da vida... falei... ah:: não vô casá... vô casá ... acho... comecei a namorá com esse rapais né? gostei muito... nós gostava muito um do outro né? aí nós... pegô i:: casô... foi morá junto... falei assim ah:: agora vô tê uma vida melhor né?	2003	10	F	28
até falei que agora quando voltasse as férias... acabasse as férias né? eu ia voltá a estudá... mais eu penso assim... eu num estudei... agora vô estudá ... agora tá tudo mais complicado tem fii... tem... trabaia... aí eu chego de noite... chega de tardzinha tô cansada... tem que fazê janta pros fii... aí vô trabaia ... no::as vô estudá ... aí sabe... eu tenho medo de voltá e num dá conta...	2003	13	F	28
Aí meu menino fica assim... aí mãe... senhora vai voltá até a Nataniele já tá quase alcançano a senhora... que minha caçulinha já fais... já vai fazê o segundo ano... o ano que vem né? ela já tá na primera série... aí ele fica () ((risos)) mais num sei vamo vê ... té:: pensá mais s/eu vô voltá ou não... eu tenho vontade assim fazê... estudá e fazê um curso assim pra mim... tê um serviço melhor de cartera assinada...	2003	13	F	28
quando eu vim ganhá minha menina... meu marido pisisô tirá os trem do barracão que a muié queria lá... aí passô pra casa da minha sogra... aí uma... um meis eu tava lá... um meis eu tava na casa da minha mãe... vinha e voltava né? um dia eu falei QUE:: eu num vô ficá na mala na cabeça não... meu fii vai crescê desce... parecendo cigano...	2003	14	F	28
Aí:: eu falava assim... gente do céu... e as minha fia... tudo pequena... e eu vô construí ... minha casa... vô gastá dinheiro atoa... que o mundo vai acabá ... e ficava imaginando sabe? que jeito que o mundo ia acabá ... e aquele medo sabe?	2003	15	F	28
[...] o povo ficava falano assim... ah:: que o mundo vai acabá ... que tá chegando dois mil...	2003	15	F	28
E naquele medo assim... e depois eu peguei... falei assim... ah::... se tivé que acabá... Deus mim dá um bom lugá... qu/eu num vô ficá com medo mais não...	2003	15	F	28
Eu num sabia fazê panela né? e minha mãe... ah:: vamo aprendê Sidinéia... mãe do céu num dô conta de mexê com isso não... difíci demais... mais assim a gente que... minha mãe sempre fala... tem que aprendê... num é torno não... mais cê vai fazê ... a:: nós... pega o barro... tem a forma né a panela tem a forma	2003	17	F	28
Que se for pra mexê... tem que tê a maromba e nós num tem... aí lá memo... aí a gente vai levano as peça pra lá... e já paga o barro... com o dinhe... sai o dinheiro aí vai pagano o barro que ele troxe né?	2003	17	F	28
minha mãe teve uma feis que colocô vazia no forno quando ela foi tirá ... acho que sobrô uma deis peça pra ela... resto estorô tudo[...] No::ssa Senhora... eu falei num acredito numa coisa dessa... minha mãe falava ah num vô mexê c/essas vazia mais de jeito nenhum...	2003	19	F	28
Alguns minutos... que cê já pegá ela e pô direto no forno ela estora... ela num... num guenta... aí sempre cê tem que fazê fritá um toicim... ô se não colocá matega e dexá	2003	19	F	28

ela fervê algum tempo... aqui não... quando eu vô pegá va... é... mexê... quando eu quero uma panela... eu ponho ela já direto no fogo... na fornaia não estora...				
E o fogo cê num guenta... tem que chegá assim bem pertim pr/ocê jogá a lenha lá dentro e fogo tá::... num sei nem como ela quente... eu num guento ficá perto... falo mãe eu não vô... eu não vô fazê panela	2003	21	F	28
Menos de um salário... mais cê ficá só num é pió né? Qu/eu trabalhava só nesse... eu só ganhava oitenta lá... aí falei ah::: vô arrumá outro... que ganhá pôco desse jeito num tá compensano não	2003	23	F	28
Então... assim... a pessoa te agrada cê:: num... num qué saí... igual eu físeo... eu saio de lá vô trabaiá num... numa casa onde a pessoa num dá valor... qu/eu já trabalhei muitas casa que as pessoa num dá valor no seu serviço nem n/ocê...	2003	23	F	28
num quero saí de lá de jeito nenhum... eu tenho até::: teve um dia eu... ano passado eu tirei férias minha prima ficô no meu lugá...e ela falô assim... Sidinéia se ocê quisé descansá um tempo... se ocê quisé dexá a () no seu lugar... eu... eu num importo não... aí quando cê quisé vortá... eu dispenso ela e cê volta... falei assim... senhora num tá achamo bão meu serviço mais não Dona Margarida... senhora qué mandá eu im/bora... fiquei até com raiva né? ela não... aí minha prima falô precisa tê medo não comade... num vô tomá o serviço da senhora não... falei num vai memo...	2003	23	F	28
num ganho bem não mais... assim... a gente ganha... paga as prestação né? vai comprano os poquim... ganha um do de um jeito... outro... outro dá uma coisa... é... vai vivo no...	2003	10	F	28
A vazia é... num pode... cê... fazê ela hoje... e dexá ela assim... começa n/outro dia... eu chego do serviço... ajudo minha mãe... cuidoo de casa... cuidoo de fii... Nossa Senhora é uma luta feia... mais vai ino ...	2003	10	F	28
Ela... tá mim ajudano aí sempre ela assim pára de fazê... eu... euaju... eu pego peça das minha tia em troca d/outras peças... aliso né? e ganho as peça... e ponho pra vendê... e assim vai ino ... lutá tem que lutá num pode desistí nunca né?	2003	10	F	28
Eu num quero qu/eles passa por aquilo qu/eu passei... meus irmão passô né? aí... eu faço assim... mais agora duns tempo pra cá... as coisa tá tão difícil que falei assim... minha mãe mim deu conseli... ó Sidinéia cê tem que dá... dá as coisa pro Leonardo quando cê pudé... pô seus fii quando cê pudé... que cê fica se matano pra dá as coisa pra eles... i::: eles tem que sabê... cê tem que tê um limite... se hoje cê tem... cê dá... se amanhã cê falá que num tem... com/é que vai sê ... com/é que cê vai sabê como ele vai reagí ... então agora... agora ele tem doze ano sabe?	2003	11	F	28
Leonardo eu confii n/ocê... eu te... eu confii... porque... s/eu falá que num confii tô mentino... mais ocê sai lá na frente cê vai encontrá uma pessoa... que te lude... eu tenho medo da pessoa... fazê a coisa errada e jogá a culpa n/ocê... que hoje em dia tá/ssim né? a pessoa...	2003	12	F	28
nóis tá pagano aluguel... com/é que vai construí pagano aluguel... menino pequeno... ela falô ó vem cá pra casa... eu dô esses dois cômodo pr/ocêis morá até construí o barracão... aí nós () pra dentro da casa da minha mãe...	2003	14	F	28
É... pra num rachá e vai fazeno ... tudo na mão... manual [...] Tudo na mão... vai passano sabugo aí vai virano ela... aí::: depois cê passa a... a sola na bera dela pr/ela ficá lisinha... depois passa... rapa ela cum... cum cuité né? i::: pra terminá pra a oreia passa sabugo pra pregá	2003	18	F	28
É... pra pregá nela... assim... quem vê assim... igual a gente que fais né? tem costume de fazê acha até faci... mais pra quem... quando a gente vai aprendê ::: dá trabalho...	2003	18	F	28
Tem a pedra de alísá...uma pedra li:::sinha... a gente pega no rii... aí a gente vai lixano a panela até::: ela ficá lisinha...	2003	18	F	28
É... tem veis té mais né? se a peça num fô muito grande... cabe até mais... aí coloca uma... depois coloca outra... vai arrumano direitim pra elas num quebrá né?	2003	20	F	28
É... aí::: ela contô pra... pro médico lá qual era o serviço dela né? ele falô assim que s/ela não mexê... não... não pegá com ele é melhor ainda... mais com/é que fais tem que mexê... num tem quem fais pra ela né? sempre quando ela vai pô vazia no fogo eu peço meu marido pra queimá pra ela	2003	21	F	28
Mais vai ino ...[...] Mais vai ino né? assim a vida né? um dia tá bão... um dia tá ruim	2003	22	F	28
Foi cesariana... a caçula também foi... um... nossa senhora... () se todos fosse igual ela... fui... fui pro hospital andano... não senti dor... só senti assim... assim... sabia que tava no dia né? aí num senti dor... fui lá no médico... ele falô não tá... tá no meis certo... então vamo tirá qu/eu ia... operá né?	2003	5	F	28
Separô...ele rumô uma mulhé né... i virô um inferno na vida da minha mãe essa mulhé... aí té que me... minha mãe infezô um dia... aí mim chamô... vamo levá a rôpa do seu pai lá... qu/ele ia carregano as rôpa ela nem via qu/ele tinh... tava carregano as rôpa né? quand/é fé chegava... ele brigava com mulhé... chegava... batia na porta... ela ia atendê ...	2003	8	F	28

<p>ai ele ficô visitano ela de veis em quando né? ela engravidô desse... desse... do rapais... ele tem dezoito ano agora... ai::: ele::: pegô i::: SAIU... ficô pra lá... ai minha mãe pegô i::: falô assim já qu/eu num qué... qué ficá::: qué ficá mentino... então vamo cabá com isso tudo né?</p>	2003	8	F	28
<p>Pois é... eu tenho vontade por causa disso... fazê um cu:::rso... é entrá num serviço assim... pra ganhá... pra fixá minha cartera... ai eu tenho vontade... mais vamo vê... o que que... o que Deus tá preparano pra mim</p>	2003	14	F	28
<p>ai juntava as menina e ia brincá de fazê cunziadinha... buneca... era o tempo todo lá brincano... quando era pequeno...</p>	2003	2	F	28
<p>Sim... teve um dia qu/eu ia levá meu menino sabe... pra ... pra Goiânia... ai nós tava parado assim... tê conteceu foi aqui dentro de Goiás mesmo... nós tava lá i... quando é fé vei um carro sabe? e BAtou no carro que nós dois tava dentro...</p>	2003	6	F	28
<p>Ai::: dia umas vazia né? vendia as vazia... meu marido foi comprano os trem... as vazia... as vazia de barro pro viajante né? paga na hora e paga mais... ai::: comprei os tijo e meu padrim ajudô também... mim deu as... mim deu as teia... ai nós pegô e construiu o barracão... dois cômodo... ai::: pensava assim gente do céu... que o povo falava assim...que o ano... que o mundo ia acabá né? que assim... que num tem memo... e o medo?</p>	2003	15	F	28
<p>Que meu tii ele morava aqui... morô::: muitos ano aqui...depois ele mudô pra Anápolis... ai ele vei cá vendê casa dele... e ele gostava de bebê né? acho qu/eu saiu falano... comentano... p/otro que ia vendê a casa... e alguém escutô... juntô meu fii... pegô ele... levô ele pro mato ali ó... mais bateu tanto nele... jogô uma pedra nele assim ó... furô... furô a testa dele... virô aquele buraco i::: ele só chegô... ele só ficô vivo porque ele desmaiô... e ele... o home... pensaram que tinha matado ele...</p>	2003	17	F	28
<p>Se não ele num tinha... pensô que tinha matado né? saiu... ai comentaram lá no... lá em cima... no... no ponto de táxi lá... e os povo escutô né? um comentano com o outro assim... ele tá morto... desse jeitim... ele tá morto... só falô assim... ai depois que a pessoa escutô e falô pra nós né? ai falô assim... ah só pode sê ele... ai minha tia ia mexê com i na delegacia dá parte né? num vô dá parte que pode ficá pió...</p>	2003	17	F	28
<p>ai um dia... é... era até... um dia de eleição... minha mãe dexô nós i... brincá pra... qu/ela ia saí... ai eu fui balançá menino... balançá na... na trave assim... dum barranco da... numa casa da minha tia... tinha um barranco... a gente pulava assim... fui balançá... caí... quebrei meu braço...</p>	2003	2	F	28
<p>ai eu trabalhei de babá por um tempo... ai depois qu/eu fui trabaiano assim de doméstica...</p>	2003	3	F	28
<p>menino do céu... mais que susto... e... eu tinha... tava ensinano meu menino a colocá o cinto né? porque ele falô ô mãe hora que nós saí daqui nós tem que colocá o cinto... ai eu fui mostrá pra ele...</p>	2003	6	F	28
<p>ai minha mãe falô assim... joga a pinga... ai joguei a pinga... ai ela falô assim risca o fosfo... quando eu fui riscano assim... qu/eu cheguei assim meu pai chegô lá de dentro assim...</p>	2003	8	F	28
<p>minha mãe num queria qu/eu saísse da aula não... falei ah::: não num quero estudá não... num gosto de estudá... num quero... ai fui só tirano nota ruim... nota ruim... nota ruim... até qu/eu saí...</p>	2003	10	F	28
<p>ai minha pegô infachô... pois um bucado de::: remédio... erva santa Maria... ai infachô meu braço né? ai foi ficano... ai quando inchô demais... ela viu que num era só... tinha machucado... ai ela pegô i levô no hospital...</p>	2003	3	F	28
<p>É foi cresce:::no... sim...namorá nós num namorô mui:::to rápido não né? que::: nós era sim mei vergonhosa quais num saía né? ai logo... primero foi trabalhá... eu mais minha irmã come... começô a trabalhá muito cedo...</p>	2003	3	F	28
<p>Namorei com ele um ano... fiquei namorano com ele um ano... um ano e uns meis assim... ai nós pegô i:::... foi morá junto né? que... eu num tinha idade pra casá né? qu/eu tava só com quinze ano</p>	2003	4	F	28
<p>eu peguei... tudo qu/eu comia eu passava mal... passava mal... foi só esmagreceno... esmagreceno... ai té que um dia eu... falei assim ah::: num guento mais essa vida...</p>	2003	6	F	28
<p>antes dele conheçê ela... minha mãe disse qu/eu era um ó:::timo marido... um ótimo pai sabe? ai depois foi bagunçano tudo...</p>	2003	8	F	28
<p>É... pois é... que num tinha como minha mãe comprá os material... como qu/ela ia comprá? que num tinha dinheiro... mal dava pra comê... ai::: ficô lá... nós foi estudano... até que um dia eu falei assim ai nem tô cansada... num vô estudá mais não... até a terceira série já tinha cansado...</p>	2003	10	F	28
<p>Quando... quando foi chegano dois mil assim... ai::: falava pra minha mãe... num vô construí não... o mundo vai acabá... todo mundo fala qu/o mundo vai acabá...</p>	2003	15	F	28
<p>i qui ninguém olhava pra ela porque u cabelu dela era feiu... era mal cuida:::du... quando foi um dia... eu/eu fiQUEI comovida com u jeitu dela i eu falei assim“vô fazê uma transformação im você”...</p>	2011	3		29

QUERu qui u meu filhu jamais pari di istudá purque vai sê a Única rique::za qui eu vô podê dá pru meu filhu é us istudus pur isso eu istou fazendu... todú u sacriFÍciu pra pôde eh...	2011	5	F	29
queru dá uma vidaperf/ uma vida melhó i mais feliz para us meus filhus... u meu filhu hoji tá cum meu filhu mais velhu tá::/ vai fazê cincú anus eli ta istudá::	2011	5	F	29
ai eu mi lembru qui minha mãe plantô uma nu meu das otras bananeras i falô qui aquela piquinininha era a minha...conformi a bananera foi crescendo eu também fui crescendo ...	2011	1	F	29
intaum resolvi terminá meus istudus ((tosse)) eh:: fazê u provão du MEC ondi eu terminei a oitava SÉri pelu provão du MEC... continuei a trabalhá com/aí meu filhu cresceu fui trabalhá comu cabilerera di novu...	2011	4	F	29
primero eu fazia o/arrumava u cabelo delas di gra::ça pra mim podê i treinandu até eu consiguii:: um aperfeiçumentu... i daí foi... u tempu foi passar::du i as pessoas foram gostandu du meu traba::lhu...	2011	3	F	29
Fui crescendo lá. De uma casa eu mudava pra otra. E estudava...	2003	2	M	25
É... ai eu sempre morei na casa da minha tia... ai saia cum meu primo... ai nois conheceu... ai ele conheceu uma menina... ai fiquei conheçeno ela tamém ai irmã dela foi e mi viu e diz que gostô de mim né... ai passado uns tempo fui morá lá... ai conheci ela vai ai passado mais um tempim nois começo... até pra procurá ela pra namorá ela num quiria... ai eu já tinha () ela né... falei num vô procurá mais não... ai quando foi num dia ela chamou ai nois começou a namorar... foi logo nois amigô ai tá até hoje [...] Nois vive assim... vai levano né... qu/ela é muito nervosa e eu tamém sou né	2003	6	M	25
() quando eu comecei a trabaíá assim... pra mim mesmo... assim pra mim sustentá foi... é já tava mais ou meno uns quinze... um quinze ano em diante... aí que eu comecei a trabaíá a comprá minhas coisa né... aí fui ficano mais vei foi... ficano dono do próprio nariz né...	2003	22	M	25
Quando nós foi morá na cum nosso pai lá e aí já escola era mais perto já ia pa iscola e voltava.	2003	3	M	25
Até teve um nesse dia teve um um colega nosso lá que foi passá na ceica lá e levô um choque que ficô um risco assim nos peito, ele caiu na hora.	2003	3	M	25
É incostô. Foi passá deu um istalo, né. Mais e num teve pobrema de...	2003	3	M	25
É:: num sobra tempo e os amigo... que brincava eis foi... casando... Foi... esparramando tudo...	2003	4	M	25
É foi assim:: eu conheci a irmã dela e meu primo conhecia ela ai eu passei a andá junto com es ai passei a conhecê ela né... ai foi começano né...	2003	6	M	25
É levou a noite pro hospital... ai no outro dia uma da tarde ela ganhou o menino... ai foi crescendo agora tá cum dois ano e meii	2003	6	M	25
Ai quando nós cresceu, nós já tomava a arma dele, já vançava nele, já foi perdeno mais medo né, quando nós tava mais adulto já.	2003	11	M	25
É que chegava bebo im casa, e já começava procurá confusão, minha mãe num ficava calada i ispichou no caso e logo ele já queria... já amaçava um trem... já quebrava já ia arrumano as coisa né... ai sempre mandava ela embora até qui... foi mandano... mandano até que chegou um tempo que nós ajudô ela e nós separô ela dele.	2003	11	M	25
O primeiro... ovi dizê sim que... chamô ele pra fazê uma corrida né... ai já tava... desapareceu foi procurá ele teve umas pessoa que achô ele já lá morto lá no... então faz uns três quilômetro daqui lá não dá mais...	2003	13	M	25
Foi recebê lá acompanhou até no cemitério... foi triste maisi... a gente... mostrou que a gente... tinha amizade com ele de verdade né?	2003	14	M	25
É... teve uma veis... te... tev... um amigo nosso lá... té... ele é primo do meu primo... então ele... numa época que tava chuveno muito... ele foi travessá ... tava trabaiano numa fazenda...	2003	19	M	25
aí... foi acabano ... foi::... num foi... foi afastano dum lado... otro sumiu pro/tro... que otro casô... téqui cabô né?	2003	20	M	25
Não... assim qu/eu conheço... que eu sai fora foi... uns tempo pra trás qu/eu tive que trabaíá fora de servente aí... foi uns dez dia só em Brasília... foi só... mais sempre foi andá só qui nu...	2003	22	M	25
eu nadava assim... só pra diverti... mais assim... eu num confii no meu nadado não... [...] Mais eu num confii... assim no meu nado não... pra nadá não... se fô pra mim fala/ssim vô::: eu sei nadá eu vô entrá não... eu... eu vô assim pra brincá... pra nadá só::: as veis num posto... numa represa... só no lugar qu/eu vejo que dá pra mim i qu/eu vô... onde num dá as veis eu num arrisco não...	2003	18-19	M	25
Vai fazer vinte e seis 2 de agosto.	2003	2	M	25
Doc. Mais freqüenta igreja? Inf. Uai... uns tempo pra trás sempre ia de vez em quando... agora tem um tempo qui assim num freqüenta... maisi a gente fica afim de i né fica que i... mais as veiz num	2003	10	M	25

sobra tempo... as vez tá mei ocupado... ota vez num vai di preguiça... ota vez quando vai arrumá já tá im cima do horário ai disisiti.				
la fica aqui mora aqui, ai depois ela vai mora lá fica uns dia lá na fazenda lá, depois vem bora de novo... ai fica esse negócio nem junto nem separa.	2003	11	M	25
povo... num tá teno mais paz... sossego né... parece que a pessoa acha muito fácil de decidi robá ou... cometê crime né então tem gente di fora vai chegano pra cá, porque aqui tamém a cidade é muito fraca em questão de trabalho né tem muito poco trabalho... emprego é poco que tem difici pra arrumá né?	2003	13	M	25
Dá nada... tá assim tem umas ocasião que fica muito::: ruim muito fraco e tem otras ocasião que dá pra levá a vida só pra comê mes que num tem otra coisa pra fazê né? ai então vai levano , mais que dá... já foi bão né... moto-taxi ai já... quando começô era bão mais hoje tem moto-taxi demais né?	2003	15	M	25
É... aí é direto... que tem dia que num dá nada... oto dia já dá um pôco... recupera o dia que num deu... aí vai levano .	2003	17	M	25
É... a gente vai pegano muita experiência né? cada dia que passa...	2003	21	M	25
Aí istudava e trabaiava e estudava. Ai, trabaiava um pouco aí tomava bain muçava e ia pra escola, voltava ia trabaiá de novo.	2003	3	M	25
Não podia falá coisa boa não que talvez era macho porque tampava o ói né, tampava o ói e, falava aí escuia um lá. Ai tinha... quando ia tampá o ói a gente oiava mais ou menos o rumo que tinha uma menina bonita, aí só que eis mudava de lugar, tampava o ói mudava de lugar.	2003	4	M	25
É oiava no vão do dedo pa vê se via... Teve uma vez tava:: a menina... tinha saindo do curral né ? Ela levou o braço pra pegar na minha mão aí meu... irmão mais atrevido né ? Levo a mão rapaz ela puxo ele assim quase seis ia passá no vão da cerca((risos)) Eu oiei pra ele assim...Vai.. ((risos))	2003	4	M	25
É uma vez que tava numa festa de São João ai já tinha dançado um pouco bão já... ai uns cara lá dois lá arrumô confusão... um parece que jogô bebida no otro... o otro falô que num ia dexá de graça....	2003	7	M	25
Uai a gente tem medo di... assim o medo maió qu/eu já passei foi um dia que tava cum passageiro ia passano na rua a muê di repente vai e abriu a porta do carro... quase que pega nossa perna na porta...	2003	8	M	25
Porque aqui em Goiás pra dirigi aqui dentro é difici... tem uns qui tem qui aguardá do jeito qui chega já entra... ai teve uma vez qu/eu comprei uma moto... essa foi a primera qu/eu comprei... era aques grandona... ai então tava andano nela ai chegou na esquina já tava devagá já ia virá vei um na contramão im cima de mim...	2003	8	M	25
Uai... tinha:::... uns fii do compade do meu pai... chamava... é o Carlo... tinha o... o Zé Carlo... aí tinha... nós morava tudo num... quais na mesma fazenda né?... mais era um poquim longe... mais quase na mesma fazenda... então... é... a diferença é que era de... do irmão e a fazenda era do/tro irmão... então tudo fazia divisa... aí... a gente ia pra festa... voltava... as veis ia... de domingo... ia jogá bola né?	2003	20	M	25
Aí::: trabaiei lá mais de ano... um ano e uns dia um meis... aí sai de lá... aí vim embora ai passado alguns ano eu voltei nois foi trabaiá no Flamboian na lanchonete... aí então eu trabaiava lá na lanchonete entrava duas i deiz da tarde i saia... saia vinti i duas hora... i chegava lá im casa meia no:::ite... é ia durmi quase uma hora da manhã... outo dia ia de novo... () muito currido né?	2003	22	M	25
e terminei de pagá o quichute e aí eu fui tomano uma dependência já trabalhava...	2003	9	M	30
eu já cheguei a ir até pro bacia do Amazona... no Xingu já fui roçá mato lá já...	2003	11	M	30
Aí::: eu fui coNHECÊ esse garimpo lá i eu fui... i eu fiço o possivel pra inconomizá o dinhêro que tava com ele...	2003	12	M	30
E eu fui... fui cortano cabelo... foi apareceno () pessoas foi gostano ...i eu fui cortano ... lá nessa zona lá ((risos)) i::: parecia home lá... não cê podia cortá o meu tamém... i eu fui cortano ...	2003	13	M	30
igual lá em casa por exemplo assim que entendi por gente e vi a dificuldade que a gente passava a primeira coisa que fiz foi elevá o pensamento em Deus foi uma coisa que aprendi na minha infância mesmo...foi uma coisa que aprendi na minha infância mesmo... e pedi sempre a Deus que um dia a primeira coisa que ia fazer ... o primeiro dinheiro que ganhasse era construir a casa da minha mãe, era o lar da gente né... então () aquela dificuldade molhando chuvendo... chuvia mais dentro de casa do que do lado de fora (risos) aí e aquilo foi me comovendo i me troxe mais a pensar em Deus e eu senti que através de Deus que ia consegui ...	2003	1-2	M	30
eu engraxava e tinha um primo que ele é considerado irmão também... foi criado ...que além de nós se oito... oito irmão... aí devido a falta de uma tia minha...	2003	3	M	30
maisi aí nós continuamo só nós mesmo... né... os irmão ... e começamo a trabalhá...ç todo mundo trabalhando... de acordo com que foi crescendo foi todo mundo trabalhando e eu logo cum...	2003	5	M	30

<p>eu fui aprendeno aí eu já ia levava as malmita e já levava o arroz tamém... aí ficava lá... levava... pessoa almoçava... e eu já ficava roçano até da hora de voltá pá fazê a merenda... e foi assim... foi levano assim...já comecei a desenvolvê bem o trabalho braçal com pôca idade i não deixano de vê as dificuldade que a gente tinha em casa...dinhêro do meu pai não sobrava... inclusive as última veis que eu trabalhei com ele eu vivi um exemplo que eu nunca vô esquecê... eu era um garoto né... e a gente fica nessa fase de garoto... a gente fica irado... às veis a gente aprende as coisa ruim tamém... eu xigava muito... i::: meu pai não xingava</p>	2003	6	M	30
<p>E ali eu chorava de rarva... e XINGava...e ele pegô e mim pegô... foi um exemplo que ele mim deu sabe... ele mim pegô no fraga... eu tava xingando... ele pegô e sentô... falou senta aqui... até que eu num queria que cê sentasse não eu queria era mandá o cabo dessa foice... na suas custela... p/ocê nunca mais fazê isso que cê tá fazendo... eu só vô te explicá uma coisa... eu nunca precisei xingá pra sustentá ocês... ocês são muitos... ocê sabe e além de vocês as veiz a gente inda pode ajudá alguém com o pouco cá gente tem... e você já mim viu xingando alguma veis... pá mim consegui dinheiro prá comprá as coisa p/ocês comê... ele falou assim... pois/é então é desse jeito que vô te explicá o seguinte... se precisásse xingá... se xingá resolvesse ... ninguém de vocês num ia tá no sol... trabalhano nem mesmo eu ia tá no sol trabalhano... eu ia arrumá uma sombra be:::m grande... nois ia sentá todos nós debaixo da sombra i nós ia ficá xingano... nós ia xingá porque ia resolvê o pobrema nois num ia pricisá trabaia i nem ia pricisá deu enfrentá boca de cobra... num ia pricisá enfrentá marimondo nem sol e nem chuva... nós só ia xingá... porque nós ia ganhá dinhêro xingano e as veis ganhava as coisa prá comê xingano... pra VESTI... num pricisava da gente... trabalhá... i a próxima vez q/eu te vê XINGano... que eu vê cê xingando dinovo eu vô quebrá o cabo dessa foice na sua custela ((risos))</p> <p>Acabô... eu NUN-CA mais xinguei... foi uma coisa que eu nunca esqueci... hoje eu já tô com trinta anos deve tê acontecido com meus doze... e eu nunca esqueci... i::: hoje por exemplo... hoje eu já servi de exemplo... que ele já tá velho... que já anda nervoso... e um dia desse ele ainda tava xingano... e eu percebi que ele tava xingano... e eu falei... um dia eu ainda vô... alembrá ele do que ele passô pra mim...[...] Até hoje...graças a Deus... até hoje são vivos... e aí::: ele em vem... xingano e aí ele pronunciô um... um nome né... de rachá/ruera... né... aí eu peguei... a gente ia passando bem perto da fazenda... na onde ele tinha me dado uma lição... na minha infância que tinha doze anos... bem perto da fazenda... BEM de frente a fazenda... eu peguei e falei pra ele... falei pra ele... o senhor alembra o DIA que o senhor me deu uma lição ali ó... debaixo da árve bem naquela baixada... ele ficô calado... peguei falei pra ele... porque que é que o senhor tá xingano... o exempo que o senhor me deu não foi esse... e o senhor acha que hoje o senhor xingá vai resolvê alguma coisa...eu acho que () da idade do senhor tamém num acalha bem...acho que o senhor devia de pensar bem antes di dirigi a palavra... por que até hoje eu faço uso da palavra e uso do exemplo que o senhor mim passô... i eu vô pedi o senhor um favor... quando o senhor tiver junto comigo... por favor o senhor não xinga... ele desceu lágrima no olho... e nunca mais vi ele xingano...</p>	2003	7	M	30
<p>e aí eu comecei a trabalha pr/otros aí meu pai tamém foi perdendo o domínio foi perdendo assim... aquela insistênça pela escola né... por que ele percebia que o dinhêro que a gente ganhava já ajudava né... aí a gente já calçava...já comprei o meu primeiro calçado... foi quondo engraxava ainda...</p>	2003	8	M	30
<p>e eu continuei trabalhano no garimpo... só que aí as vezes num pegava mais oro mais... já foi ficando difícil... só porque eu sempe tive consciência que aquele trabalho que eu fazia num era meu trabalho...</p>	2003	10	M	30
<p>aí eu fui trabalhando com es... e foi tomano confiança em mim...</p>	2003	14	M	30
<p>Eu fui investi no meu trabalho que foi cortá cabelo... e ele foi e mim cedeu uma área dele lá pra mim construí...</p>	2003	16	M	30
<p>Não... quebrava a foice mesmo... eu intortava ela até ela () aí um dia ele pegô uma outra foice pió ainda... uma velha mesmo que não tinha corte de forma alguma... ela tava na pura ferruge... você vai trabalhá com essa aqui... p/ocê não quebrá mais porque eu não vou mais comprá foice pra você que daqui um pouco o dinheiro da empreita vai tudo nas foice que tô comprano... ((risos))</p>	2003	7	M	30
<p>vô contá pra você a minha história né e do começo da minha vida.</p>	2003	1	M	30
<p>aí::: voltando lá::: atrás na minha infância... eu vô levano... assim... a gente vai levano a vida com dificuldade... eu comecei a trabalhá fora pr/as pessoas né... pra pessoas estranhas...</p>	2003	8	M	30
<p>Aí eu comprei o quichute a prestação... cê vê que eu era bem criança... eu engraxava... o::: dono da loja confiô ni/mim desde daí que começo a mudança na minha vida fui::: percebeno confiança que as pessoa tem na gente o quanto é importante aí::: eu comprei... esse quichute aí::: todo dia ele mim deu um prazo ele</p>	2003	8-9	M	30

falô... não eu vô dá um prazo pra você aí você tráis pra mim aqui o::: () logo cê trais e aí todo dia eu trabalha e dividia o dinherim que eu ganhava mandava um poquim pra ele...				
eu sempre pedia a Deus... eu via ela pedi a Deus... pela gente por todos nós pra que tirasse a gente daquele sofrimento... que a gente havia passado que a gente tava passando... um dia eu falei pra ela... falei... o dia... o dia que eu que eu arrumá um trabalho... eu vô crescê ... eu vô arrumá um trabalho... e vô consegui uma casa pra senhora...	2003	9	M	30
logo que eu entrei já começamo a pegá oro... na primêra quinzena que trabalhei tocô... tocô quarenta grama de oro pra mim...[...].É::: vale a pena... aí todo mundo mim deu os parabéns... todo mundo né... nossa... me dava consei...cê num gasta esse oro atoa não... falei... não eu já sei o que vô fazê ... uns dava umas idéia... não cê faiz uma popança... outros... não cê emprestá a juro...	2003	10	M	30
Era aqui mesmo... no rio vermelho né... e aí eu vô te falá uma coisa ... eu continuei trabalhano no garimpo... peguei mais oro... i nós construimo a casa ...	2003	10	M	30
falei vô... vô procurá uma zona... uma casa de mulhé... então hoje eu acho qui::: por isso... isso já foi muita experiência que eu tive... hoje a razão d/eu num diferenciá ninguém...	2003	12	M	30
É::: i aí eu vô te falá uma coisa... eu cheguei até envolvê com uma estrangeira... do exterior... mais foi depois... foi bem depois... ai::: a noite esse rapais que tava precisano de funcionário chegô... chegô todo::: esparolado assim... um cara assim tipo assim mei sistemático... mais parece que um pôco sem educação tamém sabe... e eu já falei ó meu Deus é agora qu/eu vô enfrentá a fera... vô contá a situação p/esse caboco... a hora que ele chego a dona do ambiente lá... foi e mim chamô...falô Zé Carlo é aquele ali ó... vô conversá com ele pra você...	2003	14	M	30
eu fui descí... foi bem... na hora de subi... que ele deu o arranco nu... nu guicho... eu fiquei nervoso e descontrolei... e subi batendo na caixa... era de madeira dum lado e do outro o calçamento... no/ra qu/eu chequei lá em riba o coró dos meus ombro tinha saído quase tudo... cê começô a machucá uai... não eu vô expriçá pra ocê direitim é assim... que cê tem que fazê... e mim ensinô direitim... não mais num tem nada não... e os ombro tudo esfolado... porque vem pegano na madeira né... dum lado e do outro... aí eu fui... falei não eu vô aprendê ... num si preocupa não que isso aqui é o de menos... e aí já a noite sem lugar pra ficá... aí eu falei não se océis num importá eu vô ficá por/aquí mesmo no serviço...	2003	14	M	30
i::: aí essa mulher dona da zona lá tinha um... não é q/eu num sei se ainda tem...tinha dois... SUbrinhos em São Paulo que era cabelero... ela falava pra mim... insistia comigo... não se ocê quis i eu vô arrumá com es pra você i prá São Paulo... eu não quis i...	2003	15	M	30
eu olhei pra mim mesmo i::: todo mundo incentivava... i eu falei assim Deus mim pois a profissão certinha q/eu sempre pedi pra ele... i eu num vô fazê mal pra ninguém... pelo contrário vô cuidá da beleza das pessoa... vô fazê com que elas sinta melhor... i eu peguei e vim embora pra Goiás...	2003	16	M	30
I... i eu sempre acreditei... prá mim não tem um Deus diferente do outro... eu ... eu não tenho religião nenhuma... a minha religião é a única... eu não tenho diferença de religião não... pra mim existe um único Deus... é o que semPRE... é o que sempre me igualo... cê entendeu... é o Deus que conheci na minha infância... e vai sê o único...	2003	2	M	30
É eu sô cabelero... aí... ele pegô e curtino com meu primo e ele ficô... i ele tinha fama de brigão tamém e às veis eu num queria brigá com ele que eu só brigava assim... às veis eu procurava invitá...brigava mesmo na última hora... né... no começo daquela... né daquela... etapa que tive naquela jornada de trabaia... de ganhá dinheiro... aí ele continuô insutando meu primo... eu pedia prá ele... num fais isso não... taveno como ele é... então num vai ficá legal... você ficá fazendo isso com ele né... você acaba () até a gente que né...	2003	3	M	30
É amolá até chegá o ponto de pegá corte... do jeito que ele comprava lá na loja... ele mim entregava ela e falava você vai... avasá essa foice...você vai aprendê mo... amolá ela... que se você aprendê amolá ela... você vai aprendê a trabalhá... que se você aprendê a trabalhá sem amolá... e o dia que você num tivê alguém prá amolá... você num vai prestá de serviço ((risos)) inclusive...[...].É... inclusive alguém assim... as veis tinha um amigo ou vizim () com meu pai... falava...uai como você vai ensinar seu fii a trabaia desse jeito... coitado... cê tá é judiano dele... como que ele vai aprendê trabaia c/uma ferramenta que num tem corte? Trabalhá é bão mais com ferramenta boa... i::: ele falava... não ele vai aprendê ... ora que era aprendê ela vai ficá boa... i aí eu continuava... e as vezes... aquela fase de preguiça eu pegava e enfiava a foice entremei a... duas árve assim e quebrava ela... pá num trabalhá...	2003	6	M	30

Chorava porque era difícil...e eu tinha que FAZÊ eu precisava de ganhá dinheiro... e eu fui continuei... aí eu fui acostumando com o trabalho... i:: mesmo pôca idade todo mundo admirava falava mais não tem como... como que::: um garoto desse... trabalha num serviço desse/qui... cê vai REBENTÁ meu fii... algumas pessoa de idade falava... meu fii cê pára... que cê vai reBENTÁ ... isso/qui num é pr/ocê não... e eu num ligava não... eu trazia Deus junto comigo assim...sempre eu truxe i [...]	2003	10	M	30
Primêro caso que vai acontecê ... que eles vão pensar que eu tenho dinheiro...pode causá uma mal infruença né...	2003	12	M	30
youcê vai tê que alugá algum lugar pr/ocê ficá... porque lá dentro da minha casa eu num aceito garimpero não... não aceito ninguém... lá é só eu e minha famia... falei não... mais cê arruma comida pra mim... não fome cê num vai passar não... nem que nós compra fiado...	2003	14	M	30
É::: e aí eu acho que o patrão já ficô assim... mei enciumado ele falô não Zé Carlo... cê vai durmi lá em casa... cê vai durmi lá em CASA	2003	15	M	30
aí::: eu cheguei em casa... minha mãe agradeceu demais a Deus... o meu filho num vai voltá mais... ele vai ficá aqui...	2003	16	M	30
e ai a gente vai indo desse jeito aí...	2003	16	M	30
eu expriqueei a situação pra ela... falei que eu tava indo em busca de trabaio que eu precisava de um lugar pra ficá e expriqueei a situação... ela mim deu comida... me deu... me arrumô lá... um quarto pra dormir... e ela falou assim... ó nós vamo arrumá um serviço pra você...	2003	12	M	30
aí::: eu trabalhava de roça pasto... ia roça pasto... pessoal já... já procurava... as veize mesmo empretero... ou fazendero dono de fazenda já mim procurava pra mim trabalhá aí quando fiz quinze anos treze anos...[...]	2003	9	M	30
aí ganhava por mês... e na cata no garimpo mesmo... no serviço pesado... era porcentage... e aí foi tão abençoado aquele trabalho que::: com trinta dia ele fez proposta pro rapaz se ele queria passar pra cozinha... ou se ele queria ir embora porque eu ia continuar na cata... no garimpo né...	2003	9	M	30
ia roça pasto... pegava empreita... aí quem era empretero era eu... eu já pegava e já punha... os peão pra trabalhá pra mim... mesmo... inda criança ainda... porque eu com quatorze anos era muito pequeno... quatorze anos ainda era muito pequeno... muito franzino ainda... num tinha tamanho de homem não... aí eu já punha as pessoa pra trabalhá pra mim e as veize quando num dava assim pra tocá o serviço eu ia trabalhá pr/os outro...	2003	11	M	30
deixei a namorada um dia... dexei chorando...[...] Pra ir conhecê um garimpo... que chama garimpo de... de tunho... garimpo de muitos eles falam... aí eu vendi... eu arrisquei...joguei tudo... investi nesse... nessa jornada na nova jornada que ia conhecê ... aí sai de casa... vendi o barracão... vendi tudo... peguei o dinheiro e puis no bolso e falei pra minha mãe... ó mãe só sei que eu tô saindo agora não sei o dia de voltar não...	2003	11	M	30
[...]eu num sabia o q/eu ia vê pra frente... qual era a necessidade que eu ia passá se ia sê bom ou se ia sê rui	2003	12	M	30
eu... num imaginava nunca que eu ia profissionalizá cortano cabelo...	2003	13	M	30
GRUPO 2				
aí agente foi e si separô... aí eu fui morá lá no Balneário pertinho da casa da minha mãe... de aluguel... coitada da minha mãe ela pensô qui eu quiria estuda...	2003	1	F	33
ele tinha um ano e seis meses mais ou menos que eu fui mi apegá cum ele porque antis então eu não tinha aquele amOr di mãe por ele	2003	2	F	33
olha... engraçado não foi né... mais foi diferenti... porque eu tenho meu filho e meu filho assim... ele já fez algumas perguntinhas sobre sexo mais nada dimais... mais isso aconteceu semana passada eu fui trabalhá com o mininu que eu tô/tava olhano ele e ele tem assim seis anos	2003	4	F	33
aí passado dois anus eu tive a V. também uma gracinha de minina... aí o casamento foi ficando mui: :to chatu meu maridu bebia dimais enjuado dimais eu tamém era enjuada dimais né	2003	1	F	33
porque quando a gente si separô eu fiquei com a casa... mais ai ele pego e achô qui essa minha casa qui eu tenho hoje foi comprada com o dinheiro da outra casa e realmente não foi porque eu vendi minha casa i o dinheiro avoou...	2003	12	F	33
Meu nome é A.P.S. nascí im Goiânia dia 2 do/não dia 4/02/78...éh: : vou pulá um trechim né... com: : treze anos eu fugí di casa... com catorze anos eu tive a minha primeira minina qui chama C. C. da S. uma gracinha de minina...	2003	1	F	33
ele tem um panim que ele vive com esse panim esfregando na cara babando tudo... então ele eu vou te vaciná eu falei agora pronto ele pegô o panim... melecô na boca dele... i queria passá na minha boca...mais num vai passá não mininu cê num tá doido ainda.	2003	4	F	33

olha a mais velha vai fazê dizoito anus agora... i nois duas é assim... agente tem eh:: a nossa diferença de idade é poca né como eu tive ele com treze/com catorze anos...ela tem/ vai fazê dezoito i eu vou faze trinta e treis... i ela: : ela é uma graça...	2003	4	F	33
olha eu não sei ti explicá si é exatamente ciúmes mais não é muito bão não... qui uma coisa é você fala: : ... qua: : ndo a minha filha crescê eu vou se liberal ... vou deixa fazê isso vou dexâ fazê aquilu... mais a hora que tÁ... na hora mes: : mo	2003	9	F	33
reconheço... dimais porque sem estudo agente não é nada... as vezes pra você começÁ a lê alguma coisinha cê não sabe o qui letra qui é cê confundi... tem certos momentu... qui eu vou pa escrevê meu nome e sai tudo petecado	2003	10	F	33
eu falo eu vou voltá a estuda... ai vem aquele negócio da preguiça ai eu falo ano qui vem eu volto i esse ano que vem só tá passando.	2003	11	F	33
eu tô com preguiça mais eu vou procurá	2003	11	F	33
meu genro falô não eu vou levá o vídeo game... falei não o vídeo game não leva não deixa pra depois ai a Vi já fechou a cara... eu falei quê sabê duma coisa vou dexâ ele trazê o vídeo game...	2003	14	F	33
eu não quero mi afastá dele... não quero qui ele si afasta dele porque du mundo qui tá hoje eu vou precisar dele como pai i dum jeito ou di outro o F. respeita muito o pai dele	2003	16-17	F	33
eu deixo o F. sempre a par de tudo... i explicu pra ele o porquê... porque eu acho assim... como ele já tá com nove anus ele é criança mais intendi i ele sabe que eu trabalhu...i eu cumeçu a trabalhá tem dia quatro horas da manhã vou trabalhá até meia-noite pra sustentá a casa sozinha...	2003	21	F	33
olha eu nEm vou dizê assim fAto nem nada... eu falu assim qui todo mundu tem qui te amor no coração... paciência porque a vida é difícil... agente tem qui te mUlta paciência mUlta sabedoria... então assim a vida sempre tá ensinanu né mais com muito amor no coração a gente consegue tudo	2003	24	F	33
em quando eu escrevo meu nome... e a minina queria que eu preenchesse o formulário... minina eu dei um ataque de nervo como que eu vô preenchê si nem escevê meu nome direito fico doida a minina agora... depois ela começo foi a ri porque ela caiu em si	2003	10	F	33
eu falei meu filho eu custei mi livrá di você agora que eu me livre i vo pidi desculpa pro cê nUnca .	2003	12	F	33
mais num tem carinhu... num tem aquele afeto di pai com filho... di fala ai eu vô joga bola... ai eu vô pegá meu filho pra passíá mais eles se vê direto	2003	16	F	33
uai... hoje tá tudo igual... eu gosto dele todo igual mas não pode nem falá né si eu mostrá pra elas elas vai brigá comigo (risos) eu gostu mais do Felipe hoje eu tenho um amor muito grande por ele... por esse fato de eu ter rejeitadu quandu ele era pequenim	2003	2	F	33
nunca passô e nem vai passá ... agente não pode ser mal educado com as pessoas né e nem discriminá... mais do que ela gosta eu não gosto de jeito nenhum.	2003	3	F	33
mais comu que o motorista vai banhá a sinhora dona A. se ele botá a mão nas coisa da sinhora a sinhora vai vê a sinhora vai andá até pulanu... ela pegó e faló pra mim mAis É mês: : mo fl: : a... pois é... sora dexa ele lavá a sinhora qui a sinhora vai vê só.. sinhora sara to-di-nha dessas pernada da sinhora	2003	4	F	33
já tentei... só porque ela não fala... ela parece um bichim du matu.. tanto qui cê começa a querê cunversá cum ela ela já começa a chorá... aí u como que cê vai cunversá com uma pessoa que te olha de cara feia e começa a chora..	2003	5	F	33
não ele só manda recado pela minha filha... mais agente vai voltá a conversá sim	2003	8	F	33
quando eu for ficá velhinha você também vai tá velhinha a nossa diferença é poquinho hoje pode parecer muito cê tá novinha mais a nossa diferença é pouca...	2003	8	F	33
olha: : hoje.. eu falu pra ela assim... si ela não estuda... si ela não tê pelo menos uma profissão que qui vai ser dela... porque eu já sou costureira pra mim ganhá um salarim mais ou menos eu tenho que trabalhá di madrugada até madrugada cê não tem descanso...	2003	9	F	33
olha explico... tanto que eu falo pra ela assim... você tem que aprendê a costurá pra você consegui pagá a faculdade... mais não pra ficá como costureira... a não se qui vai costurá pra vendê né... mais pra costurá pro outros não...	2003	10	F	33
tenho porque eu quero montá um negócio... í pra montá um negócio você tem que sabê escrevê direitim... tem que preenche cheque... tem que sabê lê... si não cê vai se passada pra trás	2003	11	F	33
porque ele não saia da casa de jeito nenhum falei não cê não vai sai não né... então eu vou te inciná ocê a separa... pedi novamente... aí teve um dia/ agora eu vou botá um chifre nele qui ele vai saí di casa pra larga de cê besta... i foi ditu i certu... mais só qui não foi uma traição consumada...	2003	12	F	33

não... o pai dele nunca veio aqui em casa pra pegá ele... eles se vêem todo final de semana mais é porque ele vai vê a avó... mais tem uns quinze dias como ele não qué i eu não obrigo mais ele i então... daqui uns dias nem vê mais.	2003	15	F	33
o seu pai.... só tem você... i ele num tá te dando atenção no momentu certo... ele vai vê daqui mais um tempu qui o amor qui ele não te deu vai fazer falta no futuro é pra ele meu filho... porque tem mUItas pessoas que te ama	2003	15	F	33
eu inda brinquei com ah F. cê não precisa ficá preocupado não porque... da barriga da mamãe não vai tê outro filho você vai se sempre meu caçulinha sempre o meu benzim... não importa quantos anos você tenha você sempre vai ser meu caçulinha... e ele nem fala no mininu nem nada	2003	16	F	33
porque meu sentimento... tava cum ele ainda... eu quiria ele mais eu nunca quis ele pra voltá pra minha casa... então as vezes eu saía... as vezes... é você querê/ é tipo você tá cum cede você vai bebe uma água... i joga o copo fora...	2003	19	F	33
ela já dá mau exemplo pros filhos poque ela só teve filho homi... num insinó nenhum a trabalhá... num insinó nenhum a ser responsável com as coisas aí quem vai gosta né di iscutá isso que culpada é ela	2003	20	F	33
eu não tenho marido eu não tem pensão... eu não tem nada... e o pai dele já tinha dEis meses que ele não me dava nAda... eu falei pro F.... oh F. mamãe vai entrá cum o pedidu di pensão... pro seu pai me ajudá porque ele é obrigado a me ajudá...	2003	21	F	33
outro filho com a mulhé porque ele num vai sustentá o meu... acaba que eu to ajudan: : do ele a sentutá a outra família dele... porque ele num mi dá o dinheiro da pensão e eu sustentu o meu sozinha...aí o F. perguntô assim mais ele vai ficá presu... eu falei F. ele só vai fica presu si ele quisé...	2003	21	F	33
eu achu qui só foi ele i vai se sempre ele e pronto acabô... i você conheci tamém o ladu da pessoa porque agente imagina que as pessoas são tudu bonzinhas i não é nada dissu...	2003	22	F	33
mais eu fiçu di tudo pra ela terminá cum esse mininu...cê não vai faze o que eu fiçu de jeito nenhum... então eu tô uma pessoa mais cabeça... espErta né... sempre tem um mais esperto do que agente mais já tá mais ligada né...	2003	23	F	33
uai estudá mesmo nois não gostava né nunca gostô... mais ia pra iscola fazia tarefa... mais di vez em quando quando dava na sExta-fera minina... nois já chegó até pula muru pra ir pro barzim e a coitada da minha mãe ficava lá com as mininas coitada... esperan: : do qui nois ia dá alguma coisa mais não deu na-da	2003	2	F	33
ela agente ficava doidim pra cisti os dezem e ela não dexava... di ruin: :dade... porque agente ia lá e ia fazê bagunça... agente ia lá e sentava no chão só pra vê os dezem e ela não dexava e ela era muito ruim e minha vó apoiava as vezes minha vó man: : dava ela chingá nois tamém... mais tirando isso minha vó era uma pessoa boazinha... meu vô tamém é falecido mais é uma pessoa boa	2003	7	F	33
não... só um dia que aconteceu uma coisa engraçadinha que um namorado dela... o dia qui ele me viu eu tava até arrumadinha ele pegô i falou assim C. se eu tivesse conhecido a sua mãe antes eu ia namorâ era cum ela... ela ficou tiririca mais não passou disso também	2003	9	F	33
então ela ia levá o pai dela pra morá na metade dela... então até hoje ela tem um certu carinhu uma certa preocupação com o pai né...	2003	13	F	33
ele tinha vários relacionamentos... porque até mintí sobre serviçu qui ele ia fazê hora extra ele...i não ia nada sabe... então teve muitos muitos problemas.	2003	17	F	33
intão eles ia cobrá tudo... tanto que eu fui lá... cunversei cum a advogada e a advogada falô qui eu tenho direito a tudo issu..	2003	22	F	33
não mi pagá essa pensão no dia certo ai eu ia entrá ...mais sabeno que o F. ia fica com raiva de mim e sabeno qui o F. não ia mais na casa da vó dele... porque ele ia afastá di lá	2003	22	F	33
ia acontecê di chegá aqui i tê relação aqui em casa... eu falei gen:::te... aí tá né... nu primeru dia qui eles cumeçô a namora né	2003	23	F	33
bichão cê achô qui cê ia deita i rola porque aqui num tem homi né... não tem marido né... i e ele olha minha sogra cê mi desculpa falá mais eu achei qui era...	2003	23	F	33
eu lembro qu/era um vendaval que tava dano e eu pulei numa cerca de arame que tinha alta que depois eu fui ver falei assim meu Deus num era eu que pulei	2004	8	F	33
eu falei essa vai sê minha casa... Deus vai mim dá é essa qu/eu quero e fui falano com Deus e já fui saíno ...	2004	10	F	33
ele falô pra mim não o... a casa já é SUA... foi falano isso pra mim... a casa já é sua... a casa já é sua... cê pode ligá lá na sua sogra conversá com ela direitim... ô ela já vem aqui já pra passá os papel e foi falano assim pra mim... eu fui entrando ele foi falano pra mim...	2004	10	F	33
e eu quero essa casa... essa casa é minha e fui ficano das mais alegre e quanto mais eu orava... parece que tava dano tudo certim assim...	2004	10	F	33

ele chegava saía cedo de madrugada e só chegava di noite em casa... e eu fui ficano muito sozinha aí eu garrava chorá eu falei não nós tem que ímbora num tem jeito mais num guento ficá aqui desse jeito mais não...	2004	13	F	33
I toda vida... Uruaçu... aí toda vida ele... ela tem... assim tentando que a gente dexa ele morá com ela né? aí a gente nunca dexô porque é ruim demais ficá longe dum fii... né? aí eu peguei... de tanto conversá com meu esposo ele tamém foi intendeno a gente entrô em acordo	2004	4	F	33
Assim... sentido assim de... que minha cunhada ela foi criada bem dizê num BERço de oro... qu/ela... a mãe dela criô ela...	2004	7	F	33
[...] ele tinha uma vida muito boa... coisa boa... tudo assim... no Goiás dois a casa enorme de grande depois foi cabano com tudo foi destruino tudo por causa de conta... por	2004	7	F	33
eu acredito assim que foi muito olho ruim... inveja de muita gente qu/ele tinha uma vida tamém boa... uma vida boa muito boa mesmo tinha tudo... móveis bão casa... lote... e foi cabano assim...	2004	7	F	33
A gente comprô... vendeu lá... comprô um... um barracão aí meu irmão já tava começano as dificuldade a gente emprestô dinheiro pra ele... nessa época... i es demorô foi... foi um tempão () pra es vortá com dinheiro pra nós dinovo pra pagá nós aí num foi em dinheiro a gente pegô um lote dele... pa paga e foi ino assim e graças a Deus hoje eu lembro assim dessas coisa qu/eu já passei eu ho...	2004	8	F	33
[...] a gente foi ficano foi ficano igual ela falava costumô né? junto com eles lá minha mãe tamém né? aí pegô passô... aí um belo dia ela liga... torna fala procura um... um barracão... então uma casa vamo dá um jeito de... pelo menos um jeito de alugá procêis que do jeito que tá num dá pra ficá não qu/ela vinha visitá a gente ela durmia até::: de qualquer jeito nesse barracãozim...né? e foi ficano a situação assim difícil...	2004	9	F	33
Ela que pagava né? as prestação... ela... ele arrumô pra ela pagá::: quatrocentos reais todo mês... e ela depositava pra ele quatrocentos reais todo meis na conta dele e foi ino qui saiu uma outra dinheiro pra ela...	2004	11	F	33
aí meu esposo arrumô serviço no frigorifo... e um belo dia ele ia trabalhá qu/ele saía de madrugada... quatro hora da manhã ele tinha que saí... a pé né... pra trabaia pra í nesse frigorifo lá aí um belo dia ele foi... pra í pr/esse frigorifo pra trabalhá... uns... uns marginal lá cercô ele... um dum lado oto dotro ele foi pra travessá os marginal com faca... falei acho que é gente mesmo que gosta de robá né? queria... robá ele e graças a Deus teve um homê que... socorreu ele na hora num feis nada mandô ele voltá pra trais que senão os ladrão ia pegá ele né?	2004	13	F	33
foi muito bom essa... esse tempo que a gente morô lá... eu gostei... mais aí... atraveis qu/eu ficava muito sozinha né? ele foi ficano com medo... ele viajava muito...	2004	13	F	33
até que eu conheci o pai do F. o W... aí pronto... aí qui eu larguei tudo foi escola i tudo logo engravidei: : e agente foi morá junto aí depois que nois fomos morá juntu eu saf du serviçu...	2003	1	F	33
aí ele ia diretu pro butecu... não queria sabê di fazê as coisas mais... queria só bebê só bebê... aí foi ino ninguém guenta né...	2003	12	F	33
Ela que pagava né? as prestação... ela... ele arrumô pra ela pagá::: quatrocentos reais todo mês... e ela depositava pra ele quatrocentos reais todo meis na conta dele e foi ino qui saiu uma outra dinheiro pra ela...	2004	11	F	33
eu comecei a orá... num meis passô qué vê... no/tro mês no final do otro meis nós comecô a orá cabô assim orano né? é... vei esse... aí minha sogra vei e ligô falô pra mim assim cêis podia comprá um barracão... alguma coisa assim um lote... qu/eu vô ajudá ocêis comprá... aí né?	2004	9	F	33
aí ela pegô e falô assim não então vamo arrumá a casa pra alugá... eu vô pagá o aluguel procêis todo mês eu mando aluguel procêis cê toma as providência e arruma uma casa pra alugá e fu... aí eu peguei e comecei nem falei pro meu esposo não aí um dia... aí um dia ela pegô e falô pra ele... cêis já arrumô a casa de alugá? Cêis já mudô ele falô assim não... aí um dia ele enfezô falô assim não num vô procurá casa nenhuma não se ela quize ela vai aí eu fui peguei saí andei... ela andô junto ccomigo foi uma época que/la tava aí minha cunhada... falei pra minha amiga de célula ela falô assim tem um lugar assim assim que tem casa pra alugá cê qué... aí eu falava pra ela assim ah... vô lá vê e quando eu ía num gostava da casa... quando eu gostava minha sogra num gostava aí meu esposo num quis i vê a casa eu falei assim mais ele tem que vê a casa que num é só eu que vô morá na casa ele tamém vai então tem que cê os dois e ele nada de í e um dia ele saíu com nós achô umas casa até mais ô menos mais aí cara a casa num dav... num tinha condição dela pagá pra nós o aluguel ficava caro... aí eu peguei falei que sabê duma coisa... aí um dia ela pegô i::: enfezô falô assim pra mim eu num vô mexê com nada minha sogra... vô dexá ocêis do jeito que cêis tá porque cêis já costumô ficá na barra da saia do seu sogro e da sua sogra... falô pro meu esposo... falei não () se Deus quisé Deus vai mim dá uma casa... falei pra	2004	9	F	33

ela assim na hora Deus vai mim dá uma casa... eu tem certeza qu/ele vai mim dá ... ela pegô e falô pra mim assim então TÁ... então eu vô esperá hora que Deus dá essa casa procêis ele vai dá então vô esperá num vô fazê mais nada... aquele ar assim de ignorança né? mais é que ela queria vê nós bem né? que nós tivesse uma casa... fora () da casa da minha mãe do meu pai... e ela pegô foi embora... aí eu falei vô descansá em Deus... falei isso pra Deus mesmo... assim sozinha aí um dia eu falei pra minha líder de célula... falei Irmã Regina num vô caçá mais casa num vô fazê mais nada vô ficá é aqui... inda falei assim se o Osmar quizê tomá as providência dele ele pode tomá qu/eu num vô mexê com nada larguei de tu... larguei de mão num vô caçá casa mais não eu vô é orá... () pegô e falô assim então vamo orá ... eu vô ajudá a senhora... vamo orá ... eu peguei e falei pra ela assim Irmã Regina eu quero uma casa assim assim assim... já tinha falado pra Deus e é aqui perto da senhora... qu/ela mora aqui perto...				
aí qui era só briga i era só bagunça e eu comecei a brigá caí nas ignorança dele né? depois eu falei... num é por esse lado qu/eu vô consegui aí eu falei eu vô consegui ...	2004	10	F	33
até seis reais eu vô dá procêis... ou eu vô dá de entrada... cêis dá um jeito aí arruma... falei com ela aí... Dona Joana então eu vô vê o qu/eu consigo... aí peguei desliguei o telefone aí saí na porta... falei pra mãe... mãe olha qu/eu já fiquei feliz na/ora que falô assim... falei mãe Dona Joana vai fazê assim assim assim pra nós eu vô procurá então e num procurei não aí saí na porta da rua aí vei um corretor na hora... isso era umas onze hora aí vei um corretor...	2004	10	F	33
eu vô tê uma casa... eu vô ganhá uma casa...	2004	10	F	33
as veis nem penso que vô recebê qu/ele dinheiro pessoa chega na porta e mim pa::ga... ota hora chega um pa fazê unha e mim paga... tô fazeno faxina tamém... falei Deus agora eu quero um serviço... Deus já encaminhô uma faxina pra mim fazê... to::da semana eu vô fazê essa faxina...	2004	11	F	33
i tô gostano muito de sê o qu/eu sô graças a Deus i sei que um dia meu esposo vai tá junto comigo tamém junto comigo e meus filho...	2004	2	F	33
Ele quis... foi decisão dele... qu/ele sempre quis tamém né? então resolvi e falei não é dá vontade dele... entreguei isso na mão de Deus falei Deus vai fazê o que Deus... coisá... dá certo vai encaminhá essa viagem dele vai encaminhá ele lá vai né? que Deus tá em todos os lugares falei entreguei na mão de Deus falei Deus vai... encaminhá ele vai dá tudo certo e tá dando graças a Deus ele tá bem ele teve aqui...	2004	4	F	33
E vai gosta de lá né? ele gosta de mexê com instrumento tá tocano instrumento lá na banda do... da paróquia lá da igreja católica... vai nas missa com ela né?	2004	5	F	33
E pensá que um dia... vai melhorá cada dia mais e mais... a vida da gente né?e vamo tocano	2004	5	F	33
chorava muito tudo quanto é coisinha conversava comigo tava chorano... era muito de chorá o meu esposo sempre falava pra mim () cê é chorona demais... tudo quanto á cê chora... se falá um trem cê chora... vai fazê cê chora...	2004	6	F	33
e ele tá deveno muito... deve no banco... ele deve... vendeu a casa dele... boa qu/ele tinha... ele vendeu e taí desse jeito morano na casa da minha mãe ajuda pagá água energia... e tá... então viv... pegano com Deus pra qui Deus um dia vai vai levantá a vida dele dinovo fazê as coisa que sempre ele gostô de fazê com a família tê a casa dele dinovo porque ele já teve duas casa todas duas casa BOa... pra hoje ele num tê... num tê nenhuma...	2004	7-8	F	33
mais eu tenho fé que Deus vai... vai mim dá ... vai mim dá a área vai mim dá mais um quarto né? vai mim dá uma casa do jeito qu/eu sempre sonhei... ele vai mim dá ...	2004	8	F	33
Maisi... graças a Deus hoje foi muita luta... aí eu comecei a orá... nós começamo a orá ela falô não nós vamo orá ... juntô nosso grupo da... da célula... e todo mundo orano pedino Deus e eu pedi Deus com fé mesmo falei Deus o senhor vai mim dá uma casa... senhô vai mim dá uma casa assim assim assim e falei pra Deus mesmo...	2004	9	F	33
aí um belo dia ela ligô... de manhã né? era umas... uma segunda-fêra eu lembro disso como se fosse hoje ela ligô e falô assim Ironildes cê arrumô... cê arrumô a casa que cê arrumô aí... que vai saí um dinheiro pra mim...	2004	10	F	33
aí na hora qu/ele falô assim eu já sei de uma eu senti uma pais tão grande assim... parece qu/eu senti a presença de Deus assim falano minha filha sua casa vai chegá Deus... assim sabe eu senti a presença de Deus tão grande qu/eu comecei a chorá...	2004	10	F	33
aí peguei liguei logo pra minha líder de célula falei pra ela... falei Regina aconteceu isso assim assim na minha vida... ela pegô e falô assim já é Deus e ele vai fazê cê pode esperá qu/ele vai fazê ...	2004	10	F	33
falei então vamo comigo lá agora... falei seu Onofre então vamo lá comigo... nem dei atenção pra ele... dexei ele lá em casa almoçano... ele com ignorança comigo porque num queria aceitá... eu falei eu quero... se ocê num vai eu vô... inda falei assim pra ele... se ocê num vai morá lá eu vô... num tô nem aí pr/ocê cê fica e eu nunca tinha falado isso pra ele... e peguei e saí i vim cá aí conversei com ele né?	2004	10	F	33

cheguei aqui ele falô o valor da casa... a casa é treze mil... eu peguei falei é essa qu/eu quero... é essa que Deus vai mim dá ...				
não a casa já é sua ele falô pra mim desse jeito... eu falei graças a Deus... e ela vai sê minha mesmo... falei pra ele em nome de Jesus ela vai sê minha...	2004	10	F	33
ai eu peguei falei Dona Joana a senhora vai ligá pra ele vai conversá isso eu já tava com o número do telefone passei pra ela... ela ligô pra ele... ai ele pegô... ela pegô falô assim que com cinco mil ela podia dá pra ele né? eu falei i agora ele num vai querê porque ele qué seis e ela só tem cinco...	2004	10	F	33
ela falô não então eu vô aí... falei então senhora vem Dona Joana que senão ele vai passá a casa pra frente qu/ele tá lóco por causa do dinheiro...	2004	10	F	33
Uma luta assim e graças a Deus assim hoje eu... agora eu tô orano pa libertação do meu esposo e tem fé em Deus qu/ele vai sê liberto desse vício de bibida de cigarro aos pôco Deus vai fazeno a vida dele tamém qu/ele vai tá junto comigo na igreja...	2004	11	F	33
Hum hum tem muito fé né? por que hora de Deus né? num é hora nossa então tem que esperá a hora dele dele ele vai fazê ... né? i vai passano tem umas lutas as veis... mais sofreno que Deus fai fazê ... se Deus quisé qu/ele vai fazê ...	2004	11	F	33
hoje eu inda recebi uma proposta dum serviço tamém... e tá indo divargazim vai ino Deus tá mandano	2004	11	F	33
Então... se Deus quisé logo logo eu tô... pegano com Deus qu/ele vai libertá meu esposo... vai rumá um serviço bão pra ele... um serviço fixo pra ele um serviço pra mim...	2004	11	F	33
Devagar vai chegá se Deus quisé... cada um tem seu emprego tem sua família né? [...]	2004	12	F	33
Teve agora assim... antigamente Goiás era mais assim de país né?... mais sossegado... assim a gente parece qui... até o povo né? daqui... qui... parece que agora mudô té o pessoal os vizim... tudo vai mudando né?	2004	12	F	33
a gente tá faltano muito é serviço... é... fábrica alguma coisa assim pra gente trabaiá... mais eu num sei serviço... () serviço tá bão... vagarzim vai mudá ... se Deus quisé vai mudá né? pra melhor tamém	2004	12	F	33
ai ele arrumô um oto serviço perto da casa do tii dele... ai a gente pegô e falô não agora esse serviço é bão pro cê... cê vai trabalhá nessa firma...	2004	13	F	33
logo ele perdeu o emprego tamém... ai falei não agora nós tem que imhora... que agora tá na época deu ganhá nenê... como cê vai fazê pra pagá parto... pra mim pagá hospital... pagá coletivo... pagá tudo aqui... e quem vai ficá comigo hora qu/eu ganhá esse nenê não vamo embora...	2004	13	F	33
Tá no camim... isso que é importante... já tá no camim certo tamém de Deus... e eu tô aqui tentano edificá meu lar... que Deus vai... restaurá cada dia mais e mais nossas vida	2004	14	F	33
meu avô toda vida foi calmo... então teve assim... amizade com meu esposo... falava pra ele que num era pra ele casá comigo não porque eu era igual minha avó... que era muito custosa muito atendida qui... num era pra ele casá comigo não porque num ia dá certo que ninguém gostava de mim...	2004	3	F	33
ele lá tá bem lá... se ele tivesse aqui as veis podia tá perto de mim porque sô a mãe dele perto do pai dele mais num... num ia tê um serviço assim né? qu/ele já teve lá num ia terminá de fazê o curso porque é difíci a vida da gente é difíci... ele	2004	4	F	33
e passei firme graças a Deus tô::: firme e hoje em dia eu tenho minha casa né? grande do jeito qu/eu sempre sonhei... qu/eu sempre pedia pra Deus qu/eu queria um cantim ainda qu/eu tinha certeza qu/eu tinha fé nele qu/ele ia mim dá uma casa do jeito qu/eu queria... mim deu...	2004	8	F	33
ai lá ele morreu e ficô uma parte do dinheiro qu/ela ia tê que recebê lá do consórço... e ai ela recebeu... ela dividiu o dinheiro... um pôco do dinheiro era pros dois fii dela... qu/ela temç... tem com ele né? e otro parte do dinheiro era pra ela essa parte que tocô pra ela... ela pegô pensô assim... qui ia dá ... é dela né? que () é a irmã dele num tem nada a vê com isso porquê es num é fii legítmo dele... ai ela pegô essa parte que tocô para ela... ela pegô e pensô assim... era seis mil a parte que tóco pra ela... ela ia dividi treis pra ele e treis pra otra irmã... mais ai ela pensô que treis real nós num ia fazê nada com treis real... nem ele e nem ela né? ia gastá atoa... que ai ela pegô os seis reais né?	2004	10	F	33
acho que s/ela num tivesse mim ajudado nós num sei não acho que a gente inda tava lá no barracãozim... porque meu esposo sem serviço né? a gente... num queria pra lá p/esse lote morá lá... então a gente ia ficá assim...	2004	11	F	33
na hora do parto eu num ia consegui qu/eu num ia escapá qu/eu ia morré né? lá na hora qu/eu fui tê né? qu/eu fiquei tão ruim... fiquei dois dias passano mal... muito ruim mesmo né? qu/era pra sê parto normal e num teve condição de sê normal... os médico queria que fi... fosse normal num teve condições... ai juntô meu... meu...esposo né? mais meu pai ai juntô pagô e feis cesáro... qu/eu achei qu/eu ia morré nesse dia... qu/eu ia morré mesmo...	2004	12	F	33

aquilo pra mim aquilo lá é soda... ai pra gente... porque a gente num usa puro não... eu fui sacudir pra colocar dentro da água... ai a garrafa tava aberta... ai sacudi... ai pingo aqui na perna... ai desceu lá pra baix... lá pra dentro... ai eu peguei e subi a escada... fui lava as escada... ai:: num senti nada não...	2010	16	F	40
ela gosta... ela muito de televisão... gosta... ai que que eu fiz...trabalhei trabalhei comprei um... vídeo cassete... como que fala... VHF... VHF... ai eu fui e comprei pra ela... Hurrum... e fui comprando fita fita fita fita... ah::... queria ficar só dentro de casa...	2010	22	F	40
ai conseguimos a casa porque a gente morava de aluguel no setor Pedro Ludovico e meu pai... como a gente era muito filhos... então meu pai não dava conta de:: de manter a gente né... então... ai fez... eles fizeram essa inscrição... ai saiu a casa pra gente lá... ai a gente foi correndo pra lá...	2010	5	F	40
ai um dia a gente foi sai pra compra uma geladeira... que a minha já tinha estragado... ai ela falo assim... ai eu to lá fazendo o negócio com::... com o vendedor da geladeira...e ela tá lá no som lá... mãe esse som fez psiu pra mim... leva ele pra nois... eu ai Ketlyn eu num sei se eu vou dá conta não...	2010	23	F	40
depois que eles começo a namora... acaba tudo né... ai ela foi se distanciando um pouco de mim... nois duas só vivia abraçada...	2010	23	F	40
ai... peguei e falei pra ele esses dia... falei assim... uai pai... porque disse que as filhas dela vai casar ... falei uai cê vai ficá aqui sozim... ela vai fica lá sozinha... entaum vai morar os dois junto... né... ai eu vou continua lá ..	2010	4	F	40
ele me deu até um murro aqui assim... ai eu falei... ah... nunca apanhei do meu pai vou apanha de homem... ai eu peguei e larguei ele...	2010	8	F	40
eu tinha que fazer comida... fazer janta... e... pra... ele janta e come no outro dia... ai eu peguei e grilei ... ai eu falei assim eu num vou fazê mais comida não...	2010	10	F	40
ele viro pra mim e falo assim... vem morar comigo... eu que: mora coce só... vou mora coce não... ele é doidim pra mim mora com ele...	2010	12	F	40
eu fui de novo pra secretaria... eu briguei com a menina lá... eu falei... nossa senhora de novo... daqui a pouco eu vou ser expulsa desse colégio... (risos)	2010	13	F	40
ai eu vim... mais pra garantir o meu... meu INSS né... Hurrum... porque... depois que eu ficar velha como é que vou fazer ...	2010	15	F	40
ela mediu minha pressão... tava alta... ai ela pegou e falou assim... não você vai ter que trazer um parecer dum cardiologista...ai ela pegou e falou assim... eu ai meu Deus do céu... quinta feira a tarde... onde eu vou achar esse... cardiologista...e a:: raspagem estava marcada pra sexta feira de manhã... ai eu peguei assim... Deus eu te ponho na mão... nas suas mãos... seja o que Deus quiser... ai fui... pro hospital de queimadura... ai cheguei lá... o pessoal... o médico não queria fazer não... ai tinha um lá que falo... não pode por ela pra dentro que eu vou fazer a raspagem dela... terceiro grau...	2010	16	F	40
ai eu peguei e sai da casa dela... ai eu fiquei::... fiquei desempregada 8 meses... ai a::... passou a da conta de cuida sozinha do neném... ai eu comecei a fazer bico... um serviço aqui... um serviço ali... num era fixo... e eu queria uma coisa fixa... entendeu... que já se eu sai daqui eu vo... vo ter que procura outra coisa pra poder continuar a pagar meu INS...porque... depois que eu ficar velha como é que vou fazer ... Hurrum... né... num tem como né... ai:: eu peguei e vim... vai fazer um ano... vai fazer um ano agora em agosto...	2010	15	F	40
nunca proibi ele de ver a filha dele... ele num veio porque ele não quis... ai até um dia eu peguei virei pra ele e falei assim... olha sua filha não vai precisar de você não... mas você vai precisar dela mais tarde... ele	2010	8	F	40
esses tempo atrás eu perguntei pra ele... falei assim... uai você num vai fazer a cirurgia da vesícula não... ai ele falô assim não... porque a vesícula não tá doendo mais...	2010	10	F	40
meu pai não tá na idade mais de comer comida esquentada... ele tem setenta e oito anos... ai::... ai eu peguei e falei pro meu irmão... falei assim... sabe que que de vai fazer ... ele vai passa::... passa a fazer caminhada... ele vai começa a fazer a comida dele... almoço e janta dele... ele... o... ele num tava tendo... vida ativa...[...][ai eu briguei com ele... falei assim ó... agora cê vai fazer caminhada... cê vai fazer a sua comida...	2010	10	F	40
ele foi o único que num falou nada né... falei não... agora eu vou trabalha ... ainda mais depois que eu comecei a trabalhar aqui... falei ähm ähm... se vira... nem...	2010	21	F	40
eu num arrependo não... se for pra mim volta eu volto... maisé... é muito difícil... é muito complicado... ah::... a coisa já ta muito mudada... cê num vai entender mais nada né... o ensino ta muito mudado...	2010	14	F	40
aqui num pode ter mais de duas faxineiras... só:: só é duas... [...] o condomínio num comporta... paga... mais uma... mas a::... agente vai levando ...	2010	17	F	40
eu peguei e falei pra ele... falei se aproveita e fala pra ele... fala o que que você sente... é::... porque que ele::... porque que ele te tratou assim::... num sei... ce tem que joga pra fora... porque se você não jogar pra fora vai ser mal pra você...	2010	18	F	40

tudo com raiva... ai falava assim... cadê a Regina... a Regina num vem não... ai eu falei que... ai eu falei pro meu irmão velho... falei assim eu não vô... eu não vô... quem vai vai ser vocês... seis pode	2010	19	F	40
quero ver se a justiça vai pagar as minhas contas... ah... ai eu falei assim... uai problema doces... eu só sei que meu pai não pode ser internado mais sozim...	2010	19	F	40
ela vai fica sozinha... ele vai fica sozim... ele ta sozim lá em casa mesmo... é igual eu falei pra ele... o seu barracão fica aqui fechado... num deu certo ce volta pra trás uai... Hurrum... mas você não vai fica sozim... Hurrum...	2010	20	F	40
meu irmão mais velho tem duas meninas... É... é... E como que elas são... elas... uai... são assim... rebeldes né... Por que?... tudo... ah sei lá... porque criou:: com liberdade... ai meu irmão... ta vendo as coisas ele vai querer fala... elas num aceita...	2010	21	F	40
quer que a menina lava... passa... arruma a casa... que dia que ela vai fazer isso... vai fazer nunca... porque... quando era a hora dela ter feito isso ele tava deixando ela sai... então agora ele quer puxar pra dentro... eu acho errado...	2010	21	F	40
pra que se vai encosta a mão na menina... se sabe que hoje a lei protege os adolescentes... ce sabe muito bem disso... ai eu falei assim nossa... se tem que pensa antes de bate na menina uai... se num bateu quando precisava... (o que que vai resolve você bate na menina...	2010	21	F	40
ela gravava essas fitas... minina... tempo atrás eu falei assim... eu vou joga essas fitas tudo fora... se ta doida... essas ai é... a fita da Sakura... eu falei... mas num tem mais vídeo... como é que você vai ver isso... Ah... ai... agora é::... agora é... é DVD... é DVD agora...	2010	23	F	40
ai eu falei assim... não... nós num vamos brigar por causa dela lá em Goiânia... ela vai embora cumigo sim... eu trouxe ela... ela vai embora comigo... aí	2010	7	F	40
eu criei a minha assim... ce vê a minha como que é educada... É... nossa... nunca foi... ela nunca me deu trabalho... a Ketlyn nunca me deu trabalho... ela nunca foi de	2010	22	F	40
ai ele falô assim... uai tá indo um ônibus aí pra Goiânia... ai ele me falô aonde que ia pará ... pará o ônibus... e tudo mais né... já tinha falado pra pessoa que eu ia também né... dentro do ônibus... aí vai eu tava sem dinheiro... lá eu ia arruma dez reais emprestado...	2010	9	F	40
ele começou a ter a crise... começô dá falta de ar... o pulmão dele ficô piquininim... ele teve que ficar internado na UTL... nossa... mas foi um::... mês assim... tão aturbulado... minino... que eu achei que ia perder meu pai aí...	2010	10	F	40
a gente:: é adolescente... a gente estuda mais pos pais... porque o pai cobra... é::... né... ai depois que pega:: certa::... certo tempo... ai já num cobra mais... ai se relaxa... foi o que aconteceu... eu relaxei... num quis saber mais... porque até justo eu voltei ia tira ::... a oitava série depois de::... depois de véia...	2010	14	F	40
ai de lá pra cá num consegui mais nada... não... minto... ai eu tive que sai lá da casa dela... porque a Ketlyn ia ganhar o Erick...Hum... ai::... ai não teve como... eu não queria deixa ela fica sozinha... porque:: só tinha o que... só dezenove anos...	2010	15	F	40
fiquei um mês... um mês e quinze dias... ai... eu fiquei até com medo... a hora que eu voltasse... o (Wesley) ia me manda embora né... ai num mando não...	2010	16	F	40
ai meu irmão mais novo ia casa ... ai fico... a gente dividiu a casa lá né...	2010	20	F	40
i mesmo s/ele aparecesse aqui hoje falasse qui ia mim dá alguma coisa... eu falava/ssim cê num é meu pai...	2003	2	M	36
af:: ele mim sangrô todii::m... i minha mãe pegô i falô qui ia da parte... o... o... quer dizer... minha mãe não o sargento Jorge... falô que ia da parte que ia entregá ele...	2003	3	M	36
até depois deu casado... depois qu/eu casei com minha esposa sempre ele mim dava consei tamém... i... foi levano essa vida... aonde qu/eu vô... vô levano essa vidinha hoje eu tenho o qu/eu tenho aqui tamém é atraveis dele qué dizê primeiramente atravéis de Deus né?	2003	3	M	36
eu pegava i saia pa rua... vendeno as coisinha pra ela... aí... só que num é igual as criança de hoje né? que hoje... se cê vai vendê uma coisinha pra sua mãe...	2003	4	M	36
ai nós comemo qu/ela tinha feito quela papi::nha lá... foi um natal que nós passamo... aí quando foi n/oto dia eu VORto dinovo falei mãe eu vô engraxá ... a caixa de engraxá cê sabe quem pagô?	2003	5	M	36
eu queria vendê um picolé pra vê se eu compro uma caixa de engraxate i ela falô não eu dô conta... eu peguei falei não eu vô vendê picolé...	2003	5	M	36
EU paguei minha ca... minha caxinha de engraxate... aí foi onde qu/eu fui ganhano dinheiro... eu paguei minha caixa de engraxate onde qu/eu fui levano minha vida assim ó...	2003	5	M	36
ai minha mãe inventô mais meu pai inventô di í pa pescaria eu dexei minha caixa de engraxate robaro minha caixa de engraxate... robô tudo... tudo... tudo meu... aí foi oto sacrifício... aí falei ah seja o que Deus quisé eu vô... consegui ota... e fui lutano fui pegano quintal pra limpá...	2003	5	M	36

agora eu fico dependeno de veis em quando que a gente hora que a gente tá no sufoco a gente depende duma pessoa então eu vô levano a vida assim...	2003	5-6	M	36
meu pai mim entregô pesse casal... e um casal lá que tinha oto fii lá... só qu/es largava a gente lá... largô lá eu num sei como é que é assim minha mãe conta... i até pôco tempo eu tinha cicatriis di... di carrapato no meu corpo dexava eu jogado lá no...no terrero... aí minha mãe foi lutano... lutano... lutano com muito custo ela consegui arrecardá eu pra trais...	2003	6	M	36
Uai porque eu fui aprontá uai... i deu uma tempestade boa i eu peguei e fugi né? larguei a caixa de engraxate fui lá pa... pa turminha de... dos coleguinha...	2003	6	M	36
uma veis um caboco chegô lá eu engraxei o sapato pra ele... aí eu tô lá... eu fui engraxano pra ele quando é fê...[...] ele pegô empurrô minha caixa de engraxate pa trais impresô meu dedo... impresô aí eu peguei falei pra ele vamo acertá ... ah num vô te pagá não muleque... aí eu garrei chorá i ele tá lá impressano meu dedo impressano num vô te pagá não ... falei ô tá machucano meu dedo...	2003	7	M	36
aí eu corri na... no policial peguei falei ô aqui o caboco feis com meu dedo aqui ô... ingraxei fiis o serviço pra ele lá... mim judiô mim machucô... meu dedo e ele diis que num vai mim pagá ... inda mim ameaçô aí ele pegô falô vamo lá... foi lá... chegô no caboco falô pra ele falô mais com/é essa história aí... cê num vai pagá o minino não ele tá fazeno o serviço dele...[...] aí policial pegô falô cê vai pagá ele ô cê qué í pra cadeia... aí ele já tirô a ogema pra ele... falei não vô pagá esse muleque...	2003	7	M	36
falei pro policial falei ô ele vai atrais de mim... ele pegô e falô não pode í tranqüilo qu/eu vô ficá de oio nele... se ele fô atrais d/ocê eu vô levá ele pra cadeia agora mesmo...ai eu peguei o quê tamém fui pra casa tamém só oiano pra trais nessa época a gente morava aqui na redenção ainda né? ia só oiano pra trais ora que chega em casa tamém entreguei o dinheiro pra minha mãe fiquei quetim dento de casa tamém...	2003	8	M	36
a muiê fala passa uma vassora na casa... ele já começa a discuti... já acha rui fala vai pegá um caderno pra estudá... já briga...nossa época não na nossa época num tinha tempo pra isso é a quando chegava da escola já pegava uma caixa de engraxate... então ia pegá um carrim de picolé pra vendê... ô então pegava um quintal pra limpá e sempre tinha tempo pra estudá... agora hoje não as criança de hoje é diferente mais eu num vô contra... como se diz vai avançano tudo vai mudano né?	2003	10	M	36
eu tava cunversano mais cedo cum meu sogro mais minha sogra, antes tinha brincadeira tão gostosa agora hoje cê vai brincá cum uma criança Ah mais um vei desse? Brincá junto cum a gente?	2003	10	M	36
lá di cima nós via o rii ali ô... aqui cê num via casa nenhuma não aqui num tinha casa:: não... foi criano casa mais aos poco...	2003	13	M	36
Cresceno... aonde tá hoje esse mundaréu de casa aí... ele vai sa ... só modificano ... i cada veis mais só vai criano mais casa...	2003	14	M	36
aí eu comecei a fazê esse serviço pra ela daí em diante o povo foi vendo meu serviço e foi agradano ... aí eu fui começando a pegá serviço...	2003	14	M	36
ele viu meu serviço lá qu/eu fiis pra minha mãe... pegô e falô vamo fazê o serviço lá em casa gostei dimais do seu serviço... fui lá pra fazê o serviço dele	2003	14	M	36
depois foi o:: sargento... sargento é... com/é o nome dele Divino? Divino não é:: XaVIER chamô pra fazê o serviço dele lá tamém aí foi aumentano ... foi apareceno i eu tava trabaiano na época di servente memo... aí foi mudificano a pôco foi aumentano o serviço é onde eu tô na profissão de pedrero hoje... foi através do primero do serviço da minha mãe... aí:: tá onde eu tô hoje tamém...	2003	14	M	36
É o pedrero... é o qu/eu sei fazê... vô levano a vida...	2003	15	M	36
igual esse dia tamém cê vê Deus ajuda a gente com tantas coisa qu/eu tava como se diz... liso e lapidado aqui im casa sem dinheiro ninhum... sai... falei vô andá tem nada pra fazê encontrei cum colega meu ele pegô e falô, to cuma casa lá pro cê arrumá lá que tá vazano...tá vazano tá dano maio vazamento... falei pra ele to atoa memo...	2003	15	M	36
Quando eu trabaio pesado... agora esses dia eu tava roçano pasto fui inventá de roçá pasto isso qui inchô que virô quele mundo	2003	19	M	36
Eu num separo não... ai si ela falá assim vamo separá ? Ai separa	2003	20	M	36
Mais graças a Deus tirano esses atrito assim... nós vamo levano nossa vida. É a vida qui nós vai levano e... como se diz (). É que a gente vai levano .	2003	21	M	36
aí eu peguei e falei to afim de comprá uma mesa ela pegô e falô tô doida pra dispô dessa mesa... ai eu falei num tô podendo comprá não... não cê leva essa mesa cê vai pagano a prestação pra mim...	2003	22	M	36
Eu peguei e falei não eu tem direito... mais eu tem direito do que é meu. O deles eles se vira... eu num quero nada... ela pegô e não cê vai levá esse sofá...	2003	23	M	36
Ambição... é o zoí grande... o sempre eu falo lá im Uruaçú ond/ela mora lá casona boa qu/ela tem lá, tem duas casa queria qu/eu fosse pra lá, falei não vô... vô ficá queto aqui em Goiás... eu num num fui nascido aqui em Goiás mais fui criado aqui tento	2003	24	M	36

de Goiás aqui dentro de Goiás eu num saio não... qu/eu sô criado aqui dentro de Goiás... aqui é minha nação... lugá onde eu... fui CRIado fui vivido peguei minha experiência foi aqui dentro de Goiás...				
ota tamém qu/eu se Deus o livre eu chegá a passá pra crente tamém é uma religião tamém qu/eu num vô desdenhá tamém é do católico tamém qu/eu gosto dimais dos católico...	2003	24	M	36
Mais se eu chegá... chegá como si diis passá memo realmente pa crente mais eu num vô largá de í na igreja católica eu num vô largá de segui os católico... eu num vô largá de segui ota religião ué...Deus tá lá naquele memo lugá qu/ele tá lá ele tá lá embaxo uai com/é qu/eu vô largá de Deus uai... se Deus tá ali ele tá lá embaxo... eu num acho diferença nenhuma eu fui criado dessa manera/ssim ...	2003	25	M	36
eu bebo minha pinga fumo meu cigarro igual eu tem meu viço mais eu tem muita fé em Deus agora porque eu num eu eu tem meu viço Deus num vai vai largá de mim não Deus	2003	25	M	36
Uai... foi um dia qu/eu fo... nós foi caçá passarim... nóis::s aí... meu... o parente meu::... matá uma Jaó... aí nós atirô na Jaó ela saiu voano... ela avô e num morreu direito... aí nós foi caça ela... aí:: num... deu a vontade fazê o serviço né? e foi fazê deba... debaixo de uma lixera e óia pra cima em vem uma onça caino... pulano em riba de mim	2003	3	M	38
Ah::: meu pai até ... bateu uma veis... que foi assim... qu/ele::: falô que ia batê ni/mim saí correndo... aí eu corri entrei na privada... antigamente num tinha negoço de vazo né? era tudo... PRIVADA mesmo antigamente era privadão mesmo... aí nós... eu corri entre pra dentro meu pai falô assim... sai se não eu vô batê mais... falei não vô saí não o senhor vai batê ni/mim...	2003	4	M	38
Uai... na minha infância era... foi... toda muito boa não que minha mãe mais meu pai foi... largô né? disquitaram... aí nós ficamo... se...morando junto com minha mãe... aí... nós passô muita necessidade... minha mãe trabaiano de::: merendera... nós ia buscá merenda na lá na... na ESCOLA...	2003	5	M	38
Aí ele voltava de veis em quando voltava pra trais dinovo... aí nós ficava... im... quando era chegava era bão...[...] aí nós ia imbanjá né... largava de cumê carne moída... carne moída largava de lado aí nós ia comê era otra carne melhor	2003	6	M	38
Uai comprava o picolé e num queriam pagá... falava que tinha pegado só... pegava cinco falava que pega:::va dois... aí a gente ia brigá com eles...	2003	6	M	38
eu vi ela mexeno... falano pra e... pra colega dela qu/ela ia::: um dia ia garrá eu... aí eu falei assim opa::: tem mais uma na rede... vô levá essa voltá e pegá a outra...	2003	9	M	38
Aí nós foi encontrano escondido lá... () um escondido assim que todo mundo sabia só porque ela num queria que o povo visse mais o povo tava veno num adiantano nada	2003	10	M	38
Fiiis uma festinha até boa... festa como podia fazê né? já tava começano ficá brefado fazê quando eu casei aí... ô fui só casano passô::: casamento foi muito bom pro oro não que o oro sumiu de mim virô um setenta que fiquei brefado muito tempo	2003	11	M	38
Uai num sei num achava ele todo lugá qu/eu ia num achava ele fiquei brefado muito tempo aí depois encontrei ele deu uma contralidinha dinovo aí... eu logo fechô garimpo né aí eu fui trabaiaá ...	2003	11	M	38
juntô o prefeito Valim e os povo daqui os povo do mei ambiente tal aí proibiu garimpá fe... aí fechô o garimpo aí ninguém mais garimpô... ainda a gente largamo uma uma área de garimpo mais ô menos uma das cento e cinqüenta gramas de oro... na numa andada e capais que nesse lugá que a gente ia mandá oro tem uma parte dele lá tinha gente lá perto mandano quinhentos quinhetas grama de oro por dia e nós largamo pra trais e tá lá	2003	12	M	38
aí ele foi pescá um dia na bêra do rii aí escondido de nós falô que ia pá aula e ia pescá () aí ele jogô n/hora qu/ele chegô em casa com o anzol engarranchado na bera dos zói...	2003	14	M	38
tinha de sexta feira da paixão nós minha mãe ti... num dexava nós fazê nada nem pra bera de rii num ia aí um dia eu falei assim ah::: vô brincá de bola aqui aí eu fui brincá de bola chutano a bola pisei em riba de um garfo...	2003	16-17	M	38
nós comprô televisão depois que meu pai mais minha mãe disquitô aí na separação nós foi um dia lá em Goiânia lá aí que minha mãe pediu ele pra rumá uma televisão pra nós aí ele arrumô uma televisão véia lá... nós troxe inda por cima ainda fui mexê atrais dela levei um choque fiquei pregado nela...	2003	17	M	38
antes de conhecê ela direito um dia nós ela feis de besta comigo ela pensava qu/eu namorava... falô que ia namorá comigo tal... falô assim não () aí ela falô espera aqui que já eu volto aí ela foi lá pro otro lado...	2003	18	M	38
aí o caboco falava assim não cê num come esse pão e nem bebe...esses dois pão e nem bebe essa coca cola () eu com... eu bebo e como isso num come aí apostamo quem... se eu num comesse eu pagava...[...] nós foi disputá lá embaxo aí o povo ó	2003	20	M	38

fica veiaço com o João João come demais falava assim não eu num como muito não como poquim aí eu falei				
Uai eu saí da prefeitura quando fui viajá pro Rio de Janero aí eu () no dia do acerto eu fui viajá aí eu trabaei sete ano na prefeitura...	2003	21	M	38
Uai eu aprendi assim por si mesmo... ali na casa da Eleuza mandô... mandô podá podá lá eu fui podá aí podei consegui aí pronto comecei a mexê com pranta tamém	2003	21	M	38
Hoje... hoje eu fico assistino televisão né? que antigamente na época qu/eu era soltero eu brincava de bola... eu ia brincá de bola tinha um... nós tinha um time aqui em Goiás nós brincava de bola agora hoje... o que faço é::: assisti televisão...	2003	22	M	38
Uai uma veis nós foi jogá numa tal de grama ainda era muié do Idelmá... inté o Idelmá tava jogano bola junto com nós aí nós ia disputá a bola... caboco foi mim deu uma cassetada na minha perna jogô eu no chão eu fiis aquele escândalo pra expursá o otro né?	2003	22	M	38
Foi ino até um dia::: o patrão... um chefe meu fa... danô com nós e conversô com nós que hoje era num mora em Goiás mais né? aí era () que o povo chamava de sapatero na época aí ele tinha esse negoço é... conversá com nós... daná com nós aí daí pra diante eu comecei a controlá a situação com dinheiro meu né?	2003	23	M	38
Inf. Rôpa ganhada... Doc. Cê num importava muito não... Inf. Ah num tava nem aí não importava muito não aí depois eu fui cresceno mais que eu fui começano ...	2003	24	M	38
é tem veis que a gente ia andá na rua na... andano assim na hora do recrei juntava treis quatro batê na gente...	2003	24	M	38
eu té fui saí da escola por causa dela... brigano demais aí falô minha mãe aí minha mãe não vô tirá ocê... aí fui pra otra escola e fui mudano de escola igual formiga muda de casa...	2003	25	M	38
É... qu/eu ah hoje eu sô mei nervoso né? inda agora graças a Deus eu tô minguano mais que eu passei... fui pro encontro de casais e a vida vai mudano mais a gente vai mudano bastante... vai () religião... vai firmano mais religião que uns fala que é católico mais num é católico nada né? fala que é católico mais só pra falá que é católico mais num freqüenta a igreja... num freqüenta nada aí cê vai mudano Deus vai mudano a gente duma hora pra otra assim hora que cê vê já mudô... já mudei muito já	2003	25-26	M	38
Ai nós aprontava... em () forrozinho assim depois que eu fui cresceno mais nois foi ino em festa... essas festa de São João...	2003	26	M	38
Doc. A explicação qu/ele dava era essa? Inf. Essa... eu falei assim... então eu vou passar onde num tem	2003	27	M	38
Já nós já fizemos muitas festa na época... minha mãe... minha mãe tinha largado do meu pai... ai ela largou nois começou fazer festa... foi até bão que eu arrumei muita namorada né... eu tinha muita namorada fazia muita namorada... essa época... era a época que eu arrumava mais namorada... tinha festa né... ai eu fazia mais () pra fazer festa lá... fazia baile... fazia festa folia... São João ainda conheço... fui religiano mais... fui teno religião... porque na época num tinha religião né	2003	27	M	38
Ah... decepçiona ai vai ino até ... ainda mais é porque eu não dô conta de ficá longe da política... se eu tivesse ficasse longe da política eu num ia mexe cum política mais não... eu falo pra minha muié bate... tem vez que dana comigo por que eu to mexeno cum politica... mais eu num dô conta... o fato num vô ficá qu/eu vô () até lá dentro da policia quem tivé fazeno rolo	2003	29	M	38
será qu/ele vai sê bão ... será qu/ele vai sê ruim ... () por enquanto ele tá mais ô meno né... tá no mei ainda... agora vamo vê né... dagora pra frente... o prazo que tem que dá pra es é de meno um ano né	2003	30	M	38
Uai... meu pai... minha vó contava assim que a... que a minha bisavó era índia né... foi pegada no laço...	2003	30	M	38
É branca... minha vó era branca meu avô... tem um avô... meu avô era branco... é... o marido da minha vó que é... foi pegado no laço é... é... era o meu avô era loro chegava... o cabelo loirim e minha avó...	2003	31	M	38
um dia eu fá desceno a praça do chafariz eu vô andano quando é fé a muié escorrega caí no mei da grama... e eu comecei a ri e a muié começô a mim... a mim xingá	2003	32	M	38
GRUPO 3				
é... no Estado de Goiás... ali... eis fala co... cachoeira de (massa)... hoje chama Paraúna...[...].aí... lá... eu fui criada lá... mas nós foi criado foi no azeite... nós foi criado foi... foi cum mentrasto, arruda... num cunhicia médico não... nós foi criado tudo na roça desse jeito...	2003	3	F	65
Porque o povo antigamente tinha uma cerimonha com sete dia... a criança que na... que na... assim... ele tem que sê lumiado cum azeite, sete dia... não pode apagar aquela luz... à noite... então eu fui criada foi na roça... foi desse jeito...	2003	3	F	65

af foi pra outra fazenda perto de São Luís... af fui criada com a minha vó ... af minha vó ((tin)) eu vou morá nôtra fazenda... eu fui lá pra casa da minha “vó”... af nosso serviço lá na fazenda era aguá horta...	2003	4	F	65
eu sei plantá roça, eu sei coiê... eu sei muê cana, eu sei fazê farinha, eu sei fazê teia, eu sei fazê tudo... mais é lá na roça... aqui na cidade não... e fui passá pu um((pedaço)) difíci foi aqui na cidade...	2003	9	F	65
Leó... o seguinte foi esse... depois disso tudo dessa... dessas tragédia tuda inriba de mim... eu cumpanhano a igreja... af eu fui entrá nas comunidade foi tirano ... fazeno barracão pro sôtro... eu saía af nessas fazenda... pidino madeira branca, pra fazê caibro, insinano o povo fazê adrobo, fazê casa de adrobo... foi assim que eu entrei nas comunidade...	2003	10	F	65
foi a... “vó” dele pois esse “pelido” nele... de Toró... e esse “pelido” de Toró “ficô” foi (ni mi)...[...]sabe... então... foi pegado toró (ni mi)... quê hoje a gente num vê essas criança mais... de hoje em dia... fazê esses “carim”... nesse tempo tinha muito “carim”...	2003	2	F	65
tão meu pai agasaiava e punha a lamp... as candeia lá pra lumiá... af meu foi gerentiá essa fazenda... e lá nós fomo criado ...	2003	4	F	65
meu avô criava uma anta... e era só subi nos pé de goiaba, nos pé de amora... que ela vinha pra nós jogá comida pra ela... e ele subiu lá... e ele foi ri dela... e num sei cumé que foi lá... que af... quebrô o braço...	2003	5	F	65
a muié que foi fazê meu parto... eu nunca tinha visto ela na minha vida... cunhici ela na hora do meu parto...	2003	6	F	65
a irmã foi levá pão prus minino... e eis quiria pegá a irmã... e eu enfrentei eis... falei: cês me mata aqui agora...! mais num põe a mão nela não...	2003	11	F	65
eu catava lenha pra fazê cumida... aqui pra toda banda... af qui foi do Tião... foi chegano povo... hoje tô nu centro...	2003	14	F	65
porque se cê vai fazê uma cirurgia... no olho... às vezes cê tá cum mosquito... maior no seu olho do que no outro... e cume que cê vai tirá um mosquito no olhos...? do “zói” do outro...? “seno” que no seu tá muito grande...?	2003	3	F	65
“óh, agora cês vai brincá é no curral nosso... os bizerro lá... tem uns bizerro bravo... vai pra lá... vamo juntá nós lá...” nós ia pra lá mansá esses bizerro...	2003	5	F	65
af fisco a casa... o barracão... e Monsenhor Pedro teve aqui e falou “sim”: - olha... ocê vai fazê seu barracão aqui e fica tranquila... num sai não... num disispera não...	2003	9	F	65
é difíço, Léó... é difíço... hoje eu vejo as pessoa falá quarqué coisa... falá que vai bebê veneno... fica disisperado... num pode sê assim... num pode... tem que tê fé in Deus e lutá... lutá pro seus “fio” ... insiná ((responsabilidade)) pro seus fio... sê filme...	2003	9	F	65
quando nós morava na roça... os home... argum tempo... tinha um negócio no tempo de frí, cendê fogo ni terrero pa cantá né...? xistia as cachorrada tudo nu terrero pá... pá onça num atacá... e eis ficava lá... e o quê que eis falava...? eis falava sim que... ia vim o tempo da reforma – agrária...que nós num ai cunhecê ... que ele num cunhicia... se brincá nem nossos fio num ia cunhecê ... mas us neto... ia cunhecê ... a miséra vinha demais... mas ai ataca... mas ia durá pôco também... a forma – gráia ia durá pôco...	2003	15	F	65
eles falava... ingraçado que ê é num... eis num tinha leitura, num tinha bibra... e eis divinhava toda coisa... é... esse mundo nosso tá pra distruí tudo... a chuva vai fartá ... hum vai tê chuva mais num tem... o sole vai abaxá ...[...] falava... e vai vim a reforma – agráia... as pessoa num vai mandá no que é dele... num é igual nós aqui, que nós manda e dismanda... não... vai vim uma época que eis num vai trabalhá ... não pra eis...[...] meu pai, meu avô... meus tío, aqueis povo que mudava pra lá né... que eis falava im dore... tudo falava isso... que inda... ia tê uma época que num ia chuvê ... como chuvia antigamente... antigamente chuvia o... chuvia nas água levantava quelas bôia de mina d’água, toda banda, mei do pasto... cum... queis boião d’água... chuvia três mês sem pará... os tudo emborolava tudo... mai... eis falava isso... que ia... ia cabá ... cabô... eis falava sim ó... vai vim uma época que fio num bedeçe pai... nem pai bedeçe fio... vai virá uma “tribuzana” ... e tá veno mesmo... essa históra meu pai contava, meus tío contava, meu avô... e tá aí... esse farturão que nós tem caba..., vai cabá ... vai vim uma época de de... de vendê um prato de ouro troco de um prato de bóia...	2003	15-16	F	65
eu ficava incabulada cum aquilo... e tá aí... eu espero que o Lula vença e pode arrumá alguma coisa... mais e... e a nossa floresta...? comé que vai ficá com essa ((ví)) tá dismatano...? porque nessa época dirrubava era de machado...	2003	16	F	65
eu fico pensano no que meu pai falava mais meu avô... a devução hoje cabô... povo fazia... ia longe... pa í numa reza, pa í numa missa... hoje tá ino... o povo passa pru cima... num qué nem sabê... nessa época eis ia... eis falava tudo isso... tudo vai acabá ...	2003	16	F	65
o povo hoje tá tudo sorto sem serviço... ninguém trabaia... uai... sei quê que tá conteceno não... eu sei que esse trem tá feio... pruçê Goiás tá cheio de violênça... eu	2003	16-17	F	65

acho que é fartade serviço... síviço que parece os os candidato num sabe trabaiá... qué vivê só de malandrage... é porque o pai criou na malandrage... pois culpa os pai... quê si induca os ffo, insina reponsabilidade... de cada coisa insina um pôco... faz eis tê respansabilidade, levantá cedo, vai pra escola... chega da escola vai fazê seu dever... vai vendê um picolé... vai... ganhá seus trocadim... as pessoa num tinha malandro não...				
FICA num seno muito bão pra nós não... o FICA num tá seno bom... o a... Patrimõe Histórico também num tá seno bom... porque vem muita gente estranho... manda e dismanda... eu penso que vai sê isso... um pôco também é respansabilidade dos pais... que num induca ffo... farta de serviço é dimais... dimais mais dimais mesmo... que cada um tivesse trabalhano sinti cansêra tinha sintido... o povo hoje num tem sintido pa serviço... tão vai copió é moda...	2003	17	F	65
aí rumaro os casamento sem êse cunhecê um a ôtro!... cunhicia não... aí vai casa os dois... um homi muito bonito, uma mula arriada, quele trem chiqui memo...aí quando foi dia do casamento... foi pá igreja casá... a aí ele quiria cunhecê a noiva... toda vistida bunita... chegô lá no pé do padre quele oiô assim... lô... mai num é pussive que é essa qui que eu vô ca... ((riso))... feia!...	2003	18	F	65
foi lá pegô a pinhola mai deu uma... pegô ela de pinhola...[...] bateu na... (risos)... cê vai sumi daqui agora (risos)... e ele pegô essa mula e rapô...	2003	18	F	65
melancia... melão... essa semente assim, gente planta ela no mês de agosto... inhante de truvejá... que mês de setembro sempre dá chuva... dá trovão... agora dispois que istruveja, dipois que chove... aí cê vai plantá milho, arroz...	2003	20	F	65
dava dia domingo... nós ia fazê nossos quituti, brincá... brincá de cavalo de pau... essas coisêra... mas dava a hora...	2003	4	F	65
eu fui falá com quatro ano de idade...	2003	3	F	70
Aí... em... em Santo Antoim do Monte nós pegamo a máquina de ferro... i::: quando foi na hora de saí...[...] aí nós pegamo a máquina de ferro mais na hora que foi entrá a família deu farta duns que era mei doidim sabe...? Deu farta deles aí...desceram todo mundo e as malas foram embora...[...]Aí desceram todo mundo correno... e foi caça ele...	2003	6	F	70
Já tinha colocado as malas dentro da máquina... até Leopoldo de Bu... até Leopoldo de Bulhões que nós vinha de máquina... de trem de ferro... aí foi... cadê o tii Bissalão... num achava ele... i aí esparramaram... desceram as pessoas... desceram tudo... que a máquina na hora dela saí ela num vai perguntá se tá fartando gente né...?	2003	6	F	70
Eu tava com quinze ano... minha vista foi ruxiano... foi ficano ... eu oiava assim falava mãe... PURque que as nuvem tão roxa... tão lilás... aí ela falava né não minha fia... tá não... e eu falava tá sim... quando feis déis dia eu tava cega...aí o meu cunhado... o meu cunhado já... já... minha irmã mais véia já tinha casado... aí ele oiô meu olho e falô assim olha... amanhã... eu vô levá ela lá em Goiás...	2003	9	F	70
O meu pai morreu em Minas né...? [...] Foi enterrado lá... e a minha mãe... aí minha mãe morreu nesse mei pra::zo... i eu vortei di novo... aí foi meu avô que mim troxe...	2003	9	F	70
aí ele falô assim... aqui Divino ó essa/qui é uma edição de seus livro... tá todo seus livro aqui... aí ficaram todo mundo alegre demais... ficaram todo... aí o... ele foi lá pa... pro telefone... e já tá... chegô aqui era cinco hora... e foi ligano pra gente... ligan... ó tem uma festa aqui em casa HOje... porque chegô meus livro de BraSÍLIA...oi... quando deu nove hora da noite aqui tava assim de gente ó... [...] Mui:::ta gente... i nós feis janta p/esse povo... foi fazê a janta... enquanto ele reunia o povo nós feis a janta sabe...?	2003	22	F	70
Uma veis lá em Minas... esse padre aí ó... ele foi celebrá missa lá na casa da minha avó... aí ele falô assim as pessoa que tão criano família deva a pedi a Deus mui:::to filho... aí tinha umas muié que falava... eu num vô pedi Deus mais fii não...	2003	38	F	70
eu tive oito filhos... eram cinco mulheres... quando () eu... eu tinha aquela vontade na minha cabeça de pô Elga... mais aí foi a deRRAdera que eu falei essa vai chamá Elga MESmo... essa num tem oto nome não... é que é a Elguinha	2003	2	F	70
eu dei ele vinte saco de arroz na pia falei ó Francisco esse arrois é pr/ocê vendê::: pra nós comprá o lote... pra nós pô nossos fii na escola... porque vai ficá aqui todo mundo assim... né?	2003	17	F	70
aí a Genoveva chegô aqui e falô assim mãe eu sonhei com o papai... e disse que num é pra nós dexá a casa caí... aí eu falei minha fia mais COMO QUE nóis vai fazê arrumá casa num tem... cumé que nós vai puxá areia... puxá trem né pra rebocá dinovo... consertá a casa... aí... aí o Zé Maria chegô e eu falei () Zé a Genoveva disse que é... que o pai dela falô que num é pa/nóis dexá a casinha caí nã:::o... aí ele falô assim pra mim... MÃE eu vô ali comprá umas camionete pra nós puxá areia... e saiu né... ele saiu... quando nós tava tomano café o Zé chegô::: com/a camionete...	2003	17	F	70

A minina é sabida viu... ela sabe contá até deis... ela tá com dois anim... conta até deis ela sabe... ela sabe as letra do nome dela[...] O... o... () fais né... fais o a... vai fazeno a letra e ela vai falano os nome da letra... do nome dela...	2003	21	F	70
A Euguinha co::nta história pra ela... ela deita ela na cama... bêja... bêja... ela pa toda banda... vai bejano o corpim dela... beja... beja... beja pa toda banda... aí ela... ela... () abre o olhim dela pra mãe dela bêja dino::vo [...]Nunca vi uma mãe mais carinhosa co/a fia igual a Euginha... mui::to carinhosa... i ela CONta historinha pra ela... i menino assim acredita né...? [...] A gente vai contano historinha pr/eles es acredita naquilo né...?	2003	26	F	70
Eu esqueço o que q/eu tô procurano... a cabeça já né... a gente vai ficano c/a cabeça ruim né sô...?	2003	30	F	70
Inf. Tem café uai... vamo tomá um cafezim? Doc. Não... otra hora... t... Inf(2) Toma o café... Leosmar Doc. Eu tenho que andá um poquim mais... ((risos)) Inf. Vamo tomá um cafezim uai... vai sent... vai sentano q/eu vô buscá	2003	46	F	70
Inf. Vei um subrim meu de Brasília e ele troxe um... um Inf. Um político... lá... um político não... comé que é Divino? Eu sei qu/ele chegô aqui já falano tudo inquanto era bestera... aí:: falô assim pro rapais... cê qué mais? Doc. Não brigado... Inf. Aí falô pra ele assim ó... aqui na casa da tia é assim... cê qué bebê café... quero... vai lavá a xica pr/ocê bebê café sô... seu safado...	2003	47	F	70
fizeram os convite... uma caixa ainda tem convite aí ainda... fizeram os convite mais esparramá esses convite... que trem mais difíci que virô... gente pa toda banda... gente em Brasília... gente em Goiânia... falei Divino vamo... vamo repartí só... nós num dá conta de repartí esses convite tudo não... aí os que ele num mandava convite ele ligava...	2003	23	F	70
Os menino tudo estudano será q/eu vô tirá meus fii da escola pra i pra roça... lá terrinha pequena num dá pra todo mundo... né...	2003	11	F	70
Uai... porque nós começava a rezá o TERÇO... aí logo vinha o sono né...? A gente vivia tão cansada né sô...? [...] Aí eu quiria... eu ficava qui... cochilano... quereno durMI...e... e... o... o Franci::sco... eu falava Francscisco paciência mim conta aqui pra mim rezá... mim conta... aí ele... ele contava né...? [...] Aí eu durmia dinovo... e... ele falava assim num vô CONTÁ coisa nenhum mais...	2003	26	F	70
Mais eu adoro essa bribinha rasgadinha... porque vô leno e vô marcano sabe...?	2003	28	F	70
Vô mostrá pr/ocê o pai nosso q/eu... q/eu adorei... quero aprendê ele de cor... mais eu tenho a cabeça tão ruim pra decorá as coisa... não do conta de decorá [...] Mais vô decorá ...	2003	29-30	F	70
Aí nos mudamo né... p/esse lugar q/eu falei pra você que tinha MUITA cobra... lá... eu lembro que nós ficô LÁ só um ano... porque... o meu pai teve medo de... de... ficá lá porque matava déis... déis cobra por dia... ninguém ia querê vê isso né...?	2003	5	F	70
ela ia panhano genipapo lá no quintal e trazeno... diz qu/era... diz qu/era pr/as minina da Maria... ela falava assim... chegá lá todo dia minha tia tinha que dá limpeza lá na cama dela... i ela ficava braba tirava () genipapo... podre que tava lá... ela juntava tudo pá guardar pras minina da Maria	2003	20	F	70
Rezava... todo dia nós ia rezá o terço sabe...? Só acabava q/eu mais o Francisco brigava... n/hora no terço	2003	26	F	70
Inf.: nascido aqui em Goiás... residente aqui em Goiás... já saf de Goiás... várias veze pá trabaiá... já saf pra morá também... e aliás... a primêra vez té queu saí... de Goiás, foi pá... infrentá a capital federal...	2003	2	M	65
Inf.: fui pá trabaiá de carpeitêro em Brasília... aí... fiquei em Goiâna treis dia, pu conta da firma... ni hotel lá pu conta da firma, tanto eu como um colega meu... nós tinha... era mema coisa de irmão... esse cole... então nós saimo daqui eis hum... que eis vê buscá nós aqui em Goiás foi o Leonino Caiado...	2003	3	M	65
Inf.: e ele dexô quinhentos conto cum nós naquele tempo... acho que foi testano nós, pá vê se era gum... era gente...Doc.: direita né?...?	2003	4	M	65
eu tinha tratado cum ele... cum filho de Leonino... ah... que até uma hora nós tava lá... quando foi meio dia nós incostamo lá na Praça Cívica... pá prucurá ele... ele até ficô mei assustado assim... parece que ele pensô sim: áh ele dexô o dinhêra cum eis e eis num ia cumpá... num ia cumparecê ... e foi o cuntrário... nós quando deu... deu mei dia na... na Praça Cívica... procurano ele...	2003	5	M	65
aí que nói famo... famo carregá o caminhão... aquele tempo era um chevolezim cinqüenta e quato... chevolé pequeno... ((tipo um pá e aí famo um pá))... tanto eu comu...aí juntô mais gente im Goiâna... mais pião quele ia levano ... pá Brasília também... aí nesse mei tempo ele comprô ôtro caminhão... ôtro chevolê... aí... ((João Clarice)) foi daquê de Goiás... f	2003	6	M	65

<p>áh agora na hora de durmi... aí durmi, aí teve um véio lá, chamava té seu Onofri... que ia sê o encarregado geral... mesti de obra lá... chemos... chamava seu Onofri... e seu Onofri... é, cumé qui é doutô?... e agora cumé qui nói vamo fazê cum esse tanto de material dento do caminhão, vai tê qui arrumá dois pá posá no caminhão né?... senhor qué qui eu vô arrumá dois desses rapaz qui tá cumigo aí?... ele falô, não podi dêxá qui já tem os rapaz pá... pá í lá posá no caminhão...</p>	2003	7	M	65
<p>: falei uai num sei não ué... é eu falei... ofirici pra ele qui tinha ... de iscoiê gente pa durmi nu caminhão... ê escoiê... disqui tinha gente pa durmi nu caminhão... ê foi ocês dois quele iscoiê... um ia durmi num caminhão ôto nôto caminhão vigiano o material... então tá certo uai... se ele iscoiê... que ele achô nóis suficiente...</p>	2003	8	M	65
<p>- Sei... e cê sai lá... banda de lá da Paranoá... fora... aí... tô lá... nós tamo lá... quando... chega lá o... o Leonino... o Leonino pegô e lêt... problema dela no Plano Piloto e dexô... dexava nói lá e... oiano lá... fano, cês fais isso, fais aquilo ôto... fais sim não... não cê vai cabá cum estojo aí rapaz... bom, aí... o Leonino pega e dexa ela pu seu Onofo... ô seu Onofo, o sinhô que é encarregado... sinhor mar... pegô a pranta e deu pra ele de manhã cedo... pras... o alojamento... e... nós lipemo lá o terreno... limpamo um quadro mais ô meno de... a... a braça mais ô meno de duzentos... duzentos metro assim... quais quadrado pá li podê fazê... alojamento... e ali ia sê alojamento... maxarifado, iscritóri, tinha tudo... sê tudo junto...</p>	2003	9	M	65
<p>Inf.: - é... durmin... nós todo mundo durmino ni ar... ni... dibaxo das coisa lá... nu cerr... no cerrado lá... dibaxo dus pau aí... famo limpá o lugá pá fazê o alojamento... naquele tempo... nói famo direto lá... pá ponta do lago na casa du ministru... fundação de casa du ministru... nói famo fazê...</p>	2003		M	65
<p>. aí chegamo lá... essa hora... aqui né to... apresentamo pra ele... ele ficô assim... abismado assim... falô não... é muito fáci... nós num vamo viajá hoje... mas ceis vai lá pu hotel... ficá nu hotel... pu conta da firma..</p>	2003	5	M	65
<p>Véi Barrero botô duas garrafa... uma... uma na cabicêra uma mesa ôta nôta... ah cês pode sirvi aí... e o povo bap... bap... bap... eu mais o fíto... esse que era Filovone que era colega meu qui nós tinha saído daqui de Goiás... eu peguei e falei pra ele: ó... mé qui é?... vamo bebê não... não num vai bebê não hem!... se ocê bebê aí nói dá mancada aqui... o homi tá cum confiança ni nós...</p>	2003	5	M	65
<p>- aí... pegamo... ((faei)), aonde nós vamo posá intão?... aí ele pegô falô, não... ocês invês docês aí na... no Hoteli... na na... no Hotel aí na... na pensão... cês dois vai pos aí não, cês dois... um posa no caminhão, o ôto posa nôto vigiano o marterial... a hora quele falô sim, eu falei: "pronto"... agora danô... nói nu mei de gente istrê... primêra vêis sai de casa que... vigiá esse trem...</p>	2003	7	M	65
<p>É... Quando eu foi em trinta e seis... quatro ano eu tinha compretado... na igreja de Mossamedes... lá eu fui batizado...</p>	2003	2	M	72
<p>Aí nós passô pa uma fazenda lá... um conh... um conhecido de meu pai comprô uma fazenda lá perto i arrumô meu pai pra oiá ela... tinha muita roça... nós foi tocá roça... aí passô um... uns quatro ano na fazenda dele...</p>	2003	5	M	72
<p>aí... nói... papai... foi e falô qu/ia pegá um serviço grande e comprá um pedaço de chão... nós tratô de comprá () mais pra baxo...</p>	2003	5	M	72
<p>i meu pai vei pra cá... mais e... minha mãe e uma irmã... i::: meu cunhado meu foi tocá negócio lá im Tapuranga... ele mechia lá com compra de cereais...</p>	2003	5	M	72
<p>aí quando tava medindo aí o engenhero falô não vai passá muito do que cê comprô... falô pro meu tii... vai tê que fazê uma queda aqui... vô fazê uma curva... ô então tem que vortá lá atrais e perdê o serviço que já feis... aí meu tii não quis perdê... que tava custoso dimais de roçá né...?</p>	2003		M	72
<p>I::: passô pro otro... e::: o otro foi chegano lá i entranu no terreno qu/era nosso... foi levá reto pro rumo do nascente né?</p>	2003	6	M	72
<p>[...]jái ele:::... ele num feis... ele vendeu... quem comprô dele ia fazê né... época de ano tinha passado da metade... tomano metade do meu terreno</p>	2003	6	M	72
<p>. Cortô... aí es num... num recebia mais não... aí de veis em quando ia um advogado... conversava com as menina... disse que ia vortá a aposentadoria dela... tinha que recebê tudo o atrasado... depois... passado uns tempo... vei aí uma perícia lá da Brasília (tossiú) e as menina levô a mãe desas pra fazê uma entrevista lá no NSS... aí falô que não::: a posentadoria dela num vorta não... ela num contribuiu... i::: mais... ocês... vai pagá o INSS pra ela... vamo aposentá ela... daqui dezoito meis ela aposenta... i passô um carnê pras menina pagá... nove meis... e quando... aquele carnê venceu... a menina minha foi lá no banco... o banco mandô ela fazê outro carnê... ela foi lá no NSS... o chefe tava lá... ele conheceu ela... então vamo fazê assim... eu vô fazê outro carê pr/ela... mais ocê vai ... assiná um cheque... vai pagá ele tudo... e eu faço a aposentadoria dela ho:::je... com nove meis... cê vai pagá os nove meis duma veis... né?</p>	2003	8	M	72

aí quando ela resorveu a vim num teve jeito mais... aí levô pra Goiana... operô e foi operano ... feis... sete cirurgia seguido... feis as sete...	2003	9	M	72
Tinha dia que começava lá na porta da igreja... i vinha cá no ribirão... quela meninada tudo... ia entrano os pais tamém... mãe	2003	10	M	72
Aí::: nós derrubô esse... colega lá... ele... da rua nossa bateu... venceu... e saiu correno... nós ia prendê ... ia prendeno tudo numa... tinha construção lá fechada... nós ia prendeno ... a turma que bateu prendia... e esse tava correno muito... e entrô nesse quintal véi lá... fundô na cisterna... a valença qu/ele::: pegô as rama de abroba... i::: desceu devagá	2003	10	M	72
Ficô... aí... o... o cabo ficô sabendo disso... i::: garrô dá instrução pra nós... era todo dia... falô vamo largá desse negócio de guerra... nós qué é paiz num é guerra não ((risos)) i:::	2003	11	M	72
Deus ajudô que num precisô mais não... foi cabano o medo	2003	12	M	72
Aí parece que distraí... ele levava uma viola... nós ia cantá moda... ensinano moda pra mim... i::: garrava saí com/ele... ia com... pagode... ele mim chamava... eu ia... i... cabô... () a gente ficô... foi recuperano ...	2003	13	M	72
Tem... a primera moda qu/eu aprendi... vô vê se dô conta de cantá ela... cê juda cantá não né?	2003	13	M	72
Tinha... argüem fazia mutirão... tava apertado de serviço né? Pedia () fazia aquele mutirão pra trabaiá... e a noite ele dava... um pagode... i... tinha otros que... as veis via um vizim que tava apertado ô doente... num tava dano conta do serviço... chamava os otros... dava tradição nele... agora ali esquentava... chegada da traição... ele na sexta feira... dava mutirão no... trabaiava no dia de sábado... cantava no () depois cantava na... na... chegada do seviço depois ia ... brincá ... o que... o que o dono da casa quisesse... ô::: dançá... rastá pé ô catira...	2003	14	M	72
aí nós ia na festa... justamente meu pai... era muito sistemático... então não... não gostava qu/as filha... moça... muié dançava com home beBADO... tivesse bêbado... mais num podia injeitá tamém... qu/es brigava... então a gente tinha que ficá oiano... cêis viesse pro lado da gente... a gente saía... saía ali... chamava otro pra dançá... ô saía de perto... pra num falá pr/ele que num ia dançá qu/ele ... se fosse dança com ele dava briga... aí num podia... então a gente tinha que disFALÇÁ sem ele vê	2003	15	M	72
Doc. Ah::: senhor tava estudando então? Inf. Tava... agora cabô a escola lá né? Inf(2) Duas veis por semana só Inf. Agora disse qu/é pra criá di novo... vamo vê ... tô torceno pra vê se... se criá eu tentá estudá	2003	18	M	72
Dom Egênio é muito forte... de muita sabedoria... foi chamado por Jesus... filho da Virge Maria... aqui na nossa cidade ele é o nosso guia... vai guiá os nossos passo... abençoá as nossas fâmia... vai guiá nós na estrada... até a última moradia... sua presença aqui pra nós nos trais muita alegria	2003	19	M	72
I:::... depois é que foi criano ... criô quele mercadim novo né?	2003	19	M	72